

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E
LITERÁRIOS EM INGLÊS

ADRIANA FERNANDES MORELLI

Dois Modos de Ler: O Poder de Aferição da Crítica Materialista em
Raymond Williams e Roberto Schwarz

São Paulo
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E
LITERÁRIOS EM INGLÊS**

**Dois modos de ler: o poder de aferição da crítica materialista em
Raymond Williams e Roberto Schwarz**

Adriana Fernandes Morelli

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Letras.

**Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Elisa Burgos
Pereira da Silva Cevasco**

**São Paulo
2009**

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, pela bolsa de estudos que garantiu a realização deste trabalho.

A Maria Elisa Cevalco, pela orientação, sugestões e pela conversa que sempre acrescenta.

A Eugênio Vinci de Moraes, pelas observações precisas e revisão.

A Ricardo José Grinberg, pelo incentivo e inspiração.

Aos amigos que colaboraram direta e indiretamente para a realização deste trabalho: Hélio de Mello Filho, Lucy Leite, Maria Isabel R. Lopez e Mônica Krausz Bornebusch. Sem vocês...

Índice

Introdução.....	08
I. Thomas Hardy por Raymond Williams: a dialética entre o geral e o particular.....	14
II. Duas Meninas de Roberto Schwarz.....	45
III. As leituras de Raymond Williams e Roberto Schwarz: alguns pressupostos.....	79
Conclusão.....	118
Referências bibliográficas.....	122

RESUMO

O objeto de estudo deste trabalho são as obras *The Country and the City*, de Raymond Williams, publicada em 1973, e *Duas Meninas*, de Roberto Schwarz, de 1997. Na primeira, o foco incide principalmente sobre a obra de Thomas Hardy e o romance *Jude, the Obscure*, autor de fundamental importância para Williams; na segunda, em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e em *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley. A partir da premissa de que a crítica de arte pode e deve ser um instrumento de aferição social, tanto Williams quanto Schwarz questionam os pressupostos da cultura hegemônica e da tradição literária, com consequências não só para a literatura como também para a sociedade. Em Cambridge, Williams constata um problema de perspectiva histórica na representação do meio rural, ligado à ideologia que sustenta o sistema capitalista no “centro”, cujo avanço e democracia acredita serem questionáveis. No Brasil, na “periferia” do capitalismo, Roberto Schwarz detecta a reposição do atraso, por vezes aparentemente em vias de ser superado, como constata a partir das dinâmicas sociais explicitadas em *Minha Vida de Menina*. Assim, esta tese discute os pressupostos teóricos de Williams e de Schwarz, com a finalidade de explicitar os modos como os dois críticos leem a literatura, a sociedade e a tradição. O objetivo é o de demonstrar que a crítica literária pode ser uma ferramenta de produção de conhecimento, e que, vistos pelo olhar desses críticos, Brasil e Inglaterra, centro e periferia do capitalismo, têm muito a revelar um sobre o outro.

Palavras-chave: Raymond Williams; Roberto Schwarz; *The Country and the City*; *Duas Meninas*; Crítica Cultural Materialista.

ABSTRACT

The aim of this study is to present a reading of *The Country and the City*, by Raymond Williams, published in 1973, and *Duas Meninas*, by Roberto Schwarz, 1997. In order to exemplify Williams's way of approaching literature, I investigate how the critic analyses the work of Thomas Hardy, especially the novel *Jude, the Obscure*. Departing from the idea that cultural criticism could and should be an instrument of social assessment, both Williams and Schwarz question the hegemonic culture and the literary tradition, with consequences both to society and literature, in the works mentioned above. In Cambridge, Williams realizes that there usually is a problem of perspective whenever the country is depicted in the English literature, a problem connected to the ideology that sustains the capitalist system in the "center". To him, both progress and democracy can be put to doubt in there. In Brazil, the "periphery" of capitalism, Roberto Schwarz points to the reinstatement of old social problems, at times apparently almost to be left behind, as proven by the social dynamics found in *Minha Vida de Menina*, by Helena Morley. Therefore, in this dissertation I discuss the main topics of the theoretical apparatus of Williams and Schwarz, aiming at demonstrating how both critics approach literature, society and tradition. The main drive of this paper is to demonstrate that literary criticism could and should be a tool to enlighten the knowledge a society has of itself, and that, seen through the perspective of these critics, Brazil and England, center and periphery of capitalism, are pieces that have a lot to reveal about each-other.

Keywords: Raymond Williams; Roberto Schwarz; *The Country and the City*; *Duas Meninas*; Materialist Cultural Criticism.

Aviões partem

Para que deserto?

Francisco Alvim, "O Espelho"

Introdução

No contexto inglês, vigorava uma tradição crítica firmemente estabelecida na área dos estudos literários quando Raymond Williams ingressou em Cambridge, vindo de um pequeno vilarejo rural em Wales. Seu trabalho é em larga medida um esforço de reconstrução da tradição literária com que se deparara em Cambridge. Em *The Country and the City* Williams irá re-explicar a Inglaterra, partindo do ponto de vista de quem explicitamente se posiciona ao lado das classes menos favorecidas e luta por democracia social. No caso de Roberto Schwarz, o esforço é o de explicitar a contínua reposição do atraso brasileiro, atraso que está em sintonia com os movimentos globais do capitalismo. Ambos os críticos exercem, por meio de seus trabalhos, oposição aos mecanismos de exclusão social próprios do sistema capitalista.

Esta tese desenvolver-se-á se com base na constatação de que é preciso entender e explicitar as dinâmicas do mundo em que vivemos. Essa questão, que é bastante ampla, será abordada do ângulo restrito dos estudos feitos por Raymond Williams em *The Country and the City* e Roberto Schwarz em *Duas Meninas*. Além disso, da obra de Williams, farão parte deste estudo suas análises dos escritos de Thomas Hardy, em especial do romance *Jude, the Obscure*.

A aproximação entre os dois críticos surgiu da percepção de que, por um lado, ambos buscam ampliar o significado do objeto literário ao relacioná-lo ao seu contexto histórico; e, por outro, esclarecer as dinâmicas da sociedade por meio de achados literários. Trata-se de um modo de leitura que busca desvendar as dinâmicas sociais estruturadas e formalizadas nas obras literárias examinadas, e, ao mesmo tempo, trazer para o debate aspectos da sociedade real, fomentados pelas obras e resgatados pela análise, que se torna, assim, peça fundamental desse processo.

Para realizar esse tipo de análise, Raymond Williams e Roberto Schwarz partem de um dos pressupostos fundamentais da crítica cultural materialista: a capacidade do artista em captar, ainda que inconscientemente, as dinâmicas das relações concretas, estabelecidas na sociedade real.

Schwarz insere-se na tradição dialética inaugurada no Brasil por Antonio Candido em “Dialética da Malandragem”.¹ Esse tipo de análise literária busca enxergar no romance as dinâmicas da vida social real, observando o modo como se formalizam esteticamente os movimentos históricos, as divisões de classe, os mecanismos de dominação e reprodução da sociedade. Nas palavras de Roberto Schwarz, “a reflexão dialética depende da análise formal, cujo referente [...] é o país verdadeiro (o das classes sociais)”,² o que se configuraria como a “sondagem mais ousada possível da experiência estética”³ feita pelo crítico, cujo objetivo seria o de “ler uma na outra, a literatura e a realidade, até ‘encontrar’ o termo de mediação”.⁴

Com base em princípios semelhantes, em *The Country and the City* Williams examina, sempre também de uma perspectiva dialética, as contradições sociais e políticas da Inglaterra formalizadas na literatura do país, sob a ótica mais restrita da imagética social que opõe o campo à cidade (que abarca as principais tensões da Inglaterra moderna).

Williams optou por dedicar-se aos estudos literários, fato marcante em sua trajetória intelectual a ponto de surpreender alguns colegas, como Barnett, que acha curioso o fato de Williams, um “socialista isolado na crítica literária”, ter se arriscado a analisar a formação social da Inglaterra moderna:

Why was it that a virtually isolated socialist in the literary sector [Williams] should have attempted a unified historical and social account of contemporary Britain, while none of the brilliant generation of Marxist historians who were Williams's contemporaries were politically capable of an equivalent effort in the fifties and sixties?⁵

Ao se considerar a formação intelectual de Williams, é preciso levar em conta a influência do crítico literário F. R. Leavis. Influência essa que se dá de maneira oposta à exercida por Candido sobre Schwarz, uma vez que no caso do crítico brasileiro há continuidade; e no do inglês, ruptura. Ainda assim, ruptura a partir de

¹ Segundo Roberto Schwarz, Antonio Candido concentra-se aqui “na área de tradição alemã e influência luckácsiana, cujas construções estéticas dependem, justamente, da objetividade e historicidade das formas sociais, isto em contraste com a linha dos althusserianos, para os quais, como para os positivistas, a forma é uma construção científica sem realidade própria”. (Schwarz, “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’”. In: Schwarz, R. *Que Horas São?*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 142).

² Ibidem, p. 136.

³ Ibidem, p. 140.

⁴ Ibidem.

⁵ Barnett, A. “Raymond Williams and Marxism: A Rejoinder to Terry Eagleton”. *New Left Review*, n. 99, 1976, p. 64.

caminhos que já haviam sido abertos. Nesse sentido, Perry Anderson aponta com razão que a intervenção de Leavis foi importante para que um estudo como *The Long Revolution*, de Raymond Williams, pudesse ter emergido da crítica literária inglesa:

But the importance of his [Leavis'] achievements remains. It was not by chance that the most significant work of socialist theory of the fifties, Raymond Williams's *Long Revolution*, should have emerged out of literary criticism, of all fields.⁶

Os estudos literários da *Scrutiny*, revista fundada por Leavis, partiam de moldes semelhantes aos dos estudos sociológicos da época, configurando o que Wolf Lepenies chama de “uma forma curiosa de mimetismo”:

Como revista, a *Scrutiny* de Leavis preenchia funções semelhantes às da *Année sociologique* de Durkheim, e em termos da severidade impiedosa com que esses críticos da literatura atacavam a cultura de massas e a indústria cultural, somente a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt se equiparava a eles. Manifesta-se aqui uma forma curiosa de mimetismo. Aparentemente, a crítica literária – essa disciplina intelectual e nostálgica, voltada para o período pré-industrial – para se fazer ouvida, pretendia imitar a disciplina-chave da era industrial: a sociologia.⁷

Barnett, não convencido, como Williams e Schwarz certamente estão, da força de esclarecimento dos estudos literários à luz da dialética materialista, sugere ainda que o papel de Williams como intelectual pede maiores esclarecimentos. Dando um passo nesse sentido, compara-o a Sartre, por sua tentativa de aliar cultura e política, e pelo esforço intelectual no sentido de escapar às reduções teóricas do Marxismo vulgar:

Both [Sarte e Williams] have worked on the relationship between politics and culture, especially literature. Both have written plays as well as criticism and social theory. Both are fascinated by the heroic period of the 1840's. Both have tried to become materialists on their own terms, fighting an obstinate battle against reductionism of mechanical Marxism. Had *Politics and Letters*⁸ survived, rather than

⁶ Anderson, P. “Components of the National Culture”. In: *English Questions*, London: Verso, 1992, p. 102.

⁷ Lepenies, W. *As Três Culturas*. Trad. Maria C. Cescato. São Paulo: Edusp, 1996, p. 188.

⁸ Trata-se de um periódico editado por Williams, que, no entanto, durou apenas algumas edições.

flickering out, after a year of publication, in 1948, it would have been the English cousin of *Les Temps Modernes*.⁹

Para Williams, entretanto, a consolidação de sua formação se deu no período em que lecionava nos cursos de educação para adultos da WEA (Workers' Educational Association). Segundo M. E. Cevasco,

ensinar nesse tipo de instituição era mais uma intervenção política do que uma profissão. As escolas noturnas para trabalhadores eram uma tradição já estabelecida na Grã-Bretanha antes da Segunda Guerra Mundial, mas tiveram seu momento de expansão durante os tempos de maior integração social no pós-guerra, quando a sociedade tinha de, pelo menos, fazer um esforço para incluir os que tinham lutado para ganhar a guerra: nos anos 1950 havia 150 mil adultos matriculados em cursos de extensão universitária, e a própria WEA tinha 90 mil alunos.¹⁰

Williams sabe que posicionar-se criticamente contra o pensamento hegemônico é tarefa que demanda reflexão constante. Seu exaustivo trabalho é em larga medida resultado de um exercício contínuo de tentar não se deixar levar por ideias preconcebidas, sejam da esquerda ou da direita. O mesmo se dá na obra de Roberto Schwarz, que exerce o mais refinado pensamento dialético na crítica literária brasileira atual.

Num momento em que os pensadores da esquerda não conseguem imaginar uma organização social que ofereça alternativa viável ao modo de produção capitalista, os estudos de Williams e Schwarz, que se propõem a explicar o mundo para que se possa tentar modificá-lo, nada têm de ingênuo. A meu ver, é na análise do romance realista que esses estudos se desenvolvem com mais vigor. Nesse sentido, suas reflexões demonstram um exercício contínuo de não se deixar levar por ideias preconcebidas, sejam de direita ou de esquerda.

A análise do romance realista gera grandes achados teóricos tanto para Raymond Williams quanto para Roberto Schwarz. Esta forma, o romance realista, ela mesma derivada de um novo modo de vida inaugurado na modernidade, possui grande força de esclarecimento das consequências do processo de modernização das sociedades ocidentais, no centro e na periferia do capitalismo. Para Schwarz,

⁹ Barnett, op. cit., p. 64.

¹⁰ Cevasco, M.E. *Dez Lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 62.

um bom romance é tanto um “acontecimento para a teoria” quanto uma luz sobre a realidade. O crítico lamenta, no entanto, a falta de estudos que, a partir de obras de arte, lancem luz sobre a realidade: “De fato, contam-se nos dedos os trabalhos em que a observação formal, que nesta perspectiva se pode chamar também de experiência estética, ou a confiança no valor de conhecimento da arte, foi o guia efetivo na descoberta de aspectos novos da realidade.”¹¹

A força com que Williams desmonta o modo de leitura de F. R. Leavis em *The Country and the City* deriva da certeza de que qualquer tradição, mesmo ou principalmente aquela ensinada em Cambridge, foi selecionada com alguma intenção. Apropriando-se da tradição herdada, Williams resgata obras literárias esquecidas ou ignoradas pelo cânone e problematiza várias ideias tidas como representantes da “verdade”.

Roberto Schwarz, por sua vez, aponta que os problemas do Brasil são também os do mundo capitalista; os quais, aqui, ficam mais explicitados. A crítica de Raymond Williams, que desmascara a democracia social inglesa como uma farsa, comprova a tese de Schwarz.

A decisão de trabalhar com a crítica materialista advém da certeza de que crítica literária e produção de conhecimento andam juntas. Uma boa crítica literária é também uma aferição da realidade.

No fim de sua obra seminal, *Culture and Society*, Raymond Williams afirma que, “to take a meaning from experience, and to try to make it active, is in fact our process of growth”.¹² Acredito que essa ideia esteja no cerne de sua energia produtiva.

A semelhança fundamental entre os dois críticos, como tentarei evidenciar nesta tese, é a demonstração que ambos fazem do custo humano da vida sob a égide do fetiche da mercadoria. Esse custo fica mais claro a partir da ampliação de problemas sociais efetuada com base na leitura desses dois grandes críticos. Estamos diante de duas análises materialistas, uma no centro e outra na periferia do capitalismo. E de dois críticos que não se furtam a se afastarem do cânone, ou relê-lo, em busca de conexões verdadeiras entre obra de arte e realidade.

Assim, no primeiro capítulo, irei me ater à importância que Williams dá à obra de Thomas Hardy, tentando demonstrar como pontos fundamentais de seu modo de

¹¹ Schwarz, op. cit., p. 141.

¹² Williams, R. *Culture and Society*. London: The Hogarth Press, 1993 [1958], p. 338.

análise emergem quando ele aborda as obras deste autor. No segundo capítulo, procurarei descrever os pontos principais das análises que Roberto Schwarz expõe em *Duas Meninas*, explicitando as descobertas literárias e sociais que surgem por meio delas. Finalmente, no terceiro capítulo tentarei apontar os pontos de intersecção entre os trabalhos destes dois críticos, defendendo a tese de que acabam por se completar, além de comprovarem a força da boa crítica literária executada de uma perspectiva materialista.

I

Thomas Hardy por Raymond Williams: a dialética entre o geral e o particular

Considerada por muitos como a porta de entrada para os estudos marxistas de cultura, a famosa metáfora da base e superestrutura foi questionada pelo conceito de mediação e, na segunda metade do século XX, o de estruturas homólogas. *Grosso modo*, ficou estabelecido que existiria entre base e superestrutura uma certa correspondência que se daria de forma indireta e poderia ser revelada pela análise.¹³

A fim de enfatizar a relação entre base e superestrutura, Lukács formulou o conceito de “totalidade” das práticas sociais. Raymond Williams dá mais um passo no modo de ver a questão. Para ele, se pensarmos a realidade em sua “totalidade”, como um conjunto de práticas que interagem de modo complexo, corremos o risco de perder de vista o principal, ou seja, a noção de “intenção” subjacente a todas as práticas sociais:

Intention, the notion of intention restores the key question, or rather the key emphasis. For while it is true that any society is a complex whole of such practices, it is also true that any society has a specific organization, a specific structure, and that the principles of this organization and structure can be seen as directly related to certain social intentions, intentions by which we define society, intentions which in all our experience have been the rule of a particular class.¹⁴

Munido da noção de hegemonia gramsciana, assunto que voltarei a abordar no terceiro capítulo, Raymond Williams aponta que, embora a superestrutura não deva ser vista como um campo abstrato a pairar acima dos modos reais de produção social, é preciso haver alguma separação entre a base e aquilo que pertence à esfera da superestrutura. Isso porque, teoriza ele, se todas as práticas culturais fossem determinadas diretamente pelo modo de organização da sociedade, seria

¹³ Cf. Williams, R. “Base and Superstructure in Marxist Cultural Theory”. In: *Problems in Materialism and Culture: Selected Essays*. London: Verso, 1997 [1980] pp. 32-33. Sigo aqui a explicação de Williams sobre a transição entre os modos de pensar o conceito de superestrutura.

¹⁴ *Ibidem*, p. 36.

preciso, primeiro, reorganizar a sociedade, para depois mudar pensamentos, ideologias etc. Ou seja, estaríamos presos de forma irreversível ao modo de organização política e econômica da sociedade. E no entanto, apesar da força proveniente dessa organização, muitas sociedades foram transformadas a partir de ideias e desejos de mudança imaginados antes de se tornarem práticas concretas. Imaginar um modo de vida diferente do que temos no presente seria, nesse sentido, a comprovação de que não fomos totalmente “capturados” pelo processo de alienação inerente ao capitalismo. A expressão artística, como diz Williams, muitas vezes vem para expressar inquietações que não encontram escape na sociedade real:

At this point we find ourselves moving into a process which cannot be the simple comparison of art and society, but which must start from the recognition that all the acts of men compose a general reality within which both art and what we ordinarily call society are comprised. We do not now compare the art with the society; we compare both with the whole complex of human actions and feelings. We find some art expressing feelings which the society, in its general character, could not express. These may be the creative responses which bring new feelings to light. They may be also the simple record of omissions: the nourishment or attempted nourishment of human needs unsatisfied.¹⁵

Williams acredita que todo sistema pode ser, como já foi tantas vezes na história, modificado. Parece haver em seu pensamento a esperança de que a transformação venha para melhorar a “qualidade de vida” da humanidade, termo um tanto desgastado, mas que, em sua essência, traduz o desejo não só de Williams, mas também de vários outros intelectuais que acreditam no poder transformador das ideias. Para ele, o modo de pensar de uma sociedade não deve ser subestimado. Daí sua determinação em provar que toda tradição é seletiva e que “within a given society, selection will be governed by many kinds of special interest, including class interest”.¹⁶

Encontramos, portanto, em *The Country and the City*, uma certa busca por obras que expressem questões prementes, com um teor de “verdade”; e certo repúdio à literatura que se presta a escondê-las. Não se trata da “verdade” à luz de conceitos filosóficos, mas sim de impasses relevantes para a subjetividade humana. A

¹⁵ Idem, *The Long Revolution*. London: Chato & Windus, 1961, p. 70.

¹⁶ Ibidem, p. 51.

literatura que os traz à tona é fonte importante de aprendizagem, mas não raro sofre algum tipo de “censura” da crítica hegemônica e acaba relegada ao segundo plano. Outras vezes, o modo como uma obra é lida se presta ele mesmo a distorcer a verdade que ali estava inscrita. Assim, Williams faz um duplo movimento em *The country and the city*: busca obras esquecidas ou menosprezadas pela crítica, de um lado, e faz a releitura de algumas obras canonizadas, de outro.

No que tange aos romances do século XIX, Williams toma a obra madura de Thomas Hardy (*Tess of The D'Urbervilles* e *Jude, the Obscure*, de que tratarei com mais ênfase aqui) como um importante ponto de chegada, para onde várias de suas principais ideias do que seja boa literatura convergem. Williams já havia abordado a obra de Hardy na coletânea de ensaios que compõem *The English Novel, from Dickens to Lawrence*, cujas análises literárias derivam de suas aulas no curso de inglês da faculdade de Cambridge. Na obra, Williams aborda a nova geração literária que surge na década de 40 do século XIX, assunto de que tratara também em *The Long Revolution* e no ensaio “Forms of English fiction in 1848”.

O fato que mobiliza sua atenção é a publicação de tantos romances entre 1847 e 1848, como *Dombey and Son*, de Dickens, *Wuthering Heights*, de Emily Brontë, *Vanity Fair*, de Thackeray, *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, *Mary Barton*, de Elizabeth Gaskell e *The Tenant of Wildfell Hall*, de Anne Brontë, e a importância que adquiriam. Para o crítico, esta nova geração de escritores apreendia e configurava o novo modo de vida gerado pelas transformações por que a Inglaterra vinha passando:

The crisis of the society and the expansion of reading were themselves related. More and more people felt the need for this kind of knowledge and experience, as customary ways broke down or receded. But beyond even this, as we can see most clearly from the novels themselves, the new pressures and disturbances were not simple moulds out of which new forms came. The men and women who were writing – some at the centre of opinion-forming and the market, some distant and isolated – took from the disturbance of these years another impetus: a crisis of experience, often quite personally felt and endured, which when it emerged in novels was much more than a reaction to existing and acknowledged public features. It was a creative working, a discovery, often alone at the table; a transformation and innovation which composed a generation out of what seemed separate work and experience. It brought in new feelings, people, relationships; rhythms newly known, discovered, articulated; defining the society, rather than merely reflecting it; defining it in novels, which had its own significant and particular life. It

was not the society or its crisis which produced the novels. The society and the novels – our general names for those myriad and related primary activities – came from a pressing and varied experience which was not yet history; which had no new forms, no significant moments, until these were made and given by direct human actions.¹⁷

Williams constata, portanto, por meio do romance realista, que a geração da década de 1840 havia tentado expressar e organizar o que ele chama de “crise da experiência”. E, ainda que com suas raízes fincadas nos romances do século XVIII, o romance realista do XIX teve de ser formalmente adaptado para poder exprimir os novos sentimentos e os novos desafios que o processo de industrialização da sociedade, extremamente veloz na Inglaterra, impunha:

As we look at the whole period, we recognize that its creative activities are to be found, not only in art but, following the main lines of the society, in industry and engineering, and, questioning the society, in new kinds of social institution. We cannot understand any period of the Industrial Revolution if we fail to recognize the real miracle that was being worked, by human skill and effort. Again and again, even by critics of the society, the excitement of this extraordinary release of man's powers was acknowledged and shared. the society could not have been acceptable to anybody, without that. “These are our poems”, Carlyle said in 1842, looking at one of the new locomotives, and this element, now so easily overlooked, is central to the whole culture.¹⁸

Fica claro, por este trecho, que Williams não desvaloriza o progresso e a industrialização, embora reconheça e se posicione contra muitas das consequências negativas destes processos. Mas a questão está sempre nas intenções políticas que acompanham as novas invenções, e não nelas em si.¹⁹

No que concerne às mudanças formais nos romances escritos por essa geração, uma das mais significativas, do ponto de vista de Williams, ocorreu no modo de encarar a própria sociedade, que passa a ser vista como um ser à parte, quase uma personagem, um “processo que adentrava vidas para moldar ou deformar”.²⁰ Em vez de olhar para o passado e ver fatos históricos como espetáculo à parte e distanciado, o romance realista inglês tentava trazer para si a

¹⁷ Idem, *The English Novel from Dickens to Lawrence*. London: The Hogarth Press, 1970, p. 11.

¹⁸ Idem, *The Long Revolution*, ed. cit., p. 71.

¹⁹ Cf. Idem, “Culture and Technology”. In: *Politics of Modernism*. London; Verso, 1989.

²⁰ Idem, *The English Novel from Dickens to Lawrence*, ed. cit., p. 13.

responsabilidade de traduzir o presente e talvez até de apontar o futuro, como Balzac havia feito na França.

Em “Forms of English Fiction in 1848”, Williams aponta para o fato de que ainda no início do século XVIII a tradição literária inglesa não concebia a ideia de indivíduos não pertencentes à aristocracia serem elevados ao primeiro plano nas tramas dos romances. Porém, a partir de 1840, na tentativa de apreender as transformações sócio-históricas que o país atravessava, o romance realista inglês, de modo geral, passou a representar os valores da burguesia, cuja cultura estava em vias de tornar-se dominante:

As recently as the 1830s it had often been doubted whether the middle class were sufficiently interesting to have novels written about them – a doubt that has since occurred to others. But within the forties the aristocrat who seemed the natural figure for romance was beginning to be affected, in a certain category of fiction, by the new bourgeois ethic of self-making and self-help. Indeed a strong emphasis on work, as distinct from play, carried with it, actually as one of the main incentives of this class fiction, a clear diagnosis of poverty directly related to lack of personal effort or indeed to some positive vice.²¹

Em 1848, Williams observa que os romances históricos já haviam se tornado práticas residuais e que, dentro do que se configurava como a cultura burguesa dominante, começaram a ser produzidos na Inglaterra muitos romances realistas cujo conteúdo ideológico era explícito. Podem ser encontrados, segundo Williams, nas revistas e periódicos ingleses do século XIX, inúmeros romances em que a pobreza era retratada como fraqueza moral, falta de capacidade individual, geralmente causada pelo alcoolismo. Ou romances que traziam a figura do *self-made man*, personagem que enriquecia por seu próprio esforço, de modo romanesco. Ou ainda o tipo de ficção que Raymond Williams classifica como “radical melodrama”²², em que a aristocracia é vista como inimiga e opressora dos mais pobres, que não têm outra saída a não ser unirem-se à burguesia em ascensão. Seus entrecos costumavam girar em torno de uma moça pobre seduzida e abandonada por um aristocrata.

²¹ Idem, “Forms of English Fiction in 1848”. In: *Writing in Society*. London: Verso, 1991, p. 152.

²² Ibidem, p. 154.

Porém, o importante, segundo Williams, seria perceber que a literatura inglesa, a partir da década de 1840, e em especial em 1848, passou a admitir conflitos entre as diferentes classes, o que representou novos desafios à estrutura formal do romance, embora esses conflitos tenham sido muitas vezes admitidos com o claro propósito de serem esvaídos ou resolvidos na ficção, perdendo o vínculo com a realidade social. Contudo, Williams afirma que não deve ser desconsiderado o impulso na direção de expressar e incluir novas tensões e realidades, ainda que formalmente a obra seja prejudicada, já que não raro “[...] works written within a tension between conventional forms deep forms and serious attempts to move beyond both are simply degraded and collapsed”.²³ Segundo a ótica de Williams, portanto, devemos estar alertas e sermos capazes de reconhecer e valorizar

the significant openness of certain of the new impulses; of the inclusion of certain realities of the class situation and of class conflict; the pushing through to certain intensities however difficult they then were. For these, as new content and as new forms of the content, are genuinely emergent elements: production, significant production, [...] bearing the full weight of the pressures and limits, in ways which the simple forms, the simple contents, of mere ideological reproduction never achieve.²⁴

A questão mais proeminente na Inglaterra da época (que havia se tornado o primeiro país no mundo cuja população urbana superara a rural) estava relacionada à noção de comunidade. “O que é uma comunidade, o que já foi uma comunidade, o que uma comunidade pode vir a ser” são temas que ocuparam os romancistas durante todo o século XIX.²⁵ Essa ideia, exposta em *The English Novel from Dickens to Lawrence*, já continha uma das teses centrais de Williams em *The Country and the City*, publicado três anos mais tarde.

Williams observa que com o advento da industrialização cristaliza-se no pensamento inglês o sentimento de perda de um modo de vida melhor. O campo seria então o lugar em que os antigos valores relacionados ao modo de vida perdido teriam sido resguardados. Esta é, para ele, uma forma errônea, com facetas perversas, de se pensar a oposição entre campo e cidade e, a partir daí, tanto o presente quanto o passado.

²³ Ibidem, p. 164.

²⁴ Ibidem, p. 163.

²⁵ Idem, *The English Novel from Dickens to Lawrence*, ed. cit., p. 12.

Para Williams, um romance apresenta uma “comunidade cognoscível” (“knowable community”²⁶). Isso significa que trata de um universo restrito e selecionado para que possa ser inteligível para o leitor. O recorte do que irá ou não ser mostrado é uma decisão que depende tanto do grau de observação da realidade do romancista, bem como das condições oferecidas pela própria realidade. Na Inglaterra, com a crise social gerada pelo advento das grandes cidades e a real perda do sentido de comunidade, teria havido uma crise literária da comunidade cognoscível (“the crisis of the knowable community”).²⁷ Um dos seus efeitos seria a dificuldade de se acreditar que se possa conhecer uma pessoa por inteiro, de que todos os aspectos da personalidade possam ser examinados e retratados na obra literária. Sociedade e pessoas haviam se tornado inapreensíveis e qualquer tentativa por parte do romancista de retratá-las em todos os seus aspectos seria inútil e fadada ao fracasso.

Para contornar tais impasses, alguns romancistas adotaram o campo como cenário de seus escritos por acreditarem que ele representava o lugar das relações límpidas e diretas, que ficaram, por assim dizer, paradas no tempo. Isso se dá, por exemplo, nos romances de George Eliot, em que “the full modern myth comes quite sharply into focus”.²⁸ Williams refere-se ao mito, que também caracteriza como “ilusão consentida” (willing illusion),²⁹ de que as indústrias e as ferrovias destruíram a velha Inglaterra.³⁰ Porém, os malefícios do progresso foram enfrentados por outros pontos de vista, como o de Thomas Hardy. Ali, a contribuição dada vem no sentido de ampliar o problema e superar o lamento apenas nostálgico do que se perde com o processo inevitável de modernização:

Flowers and privilege; factory smoke and democracy. This imagery was being formed, in a shadowed country, under the growth of industry and the cities. It is a persistent imagery, but there was always another tradition: Cobbett, Arch; late Jefferies; Thomas Hardy.³¹

²⁶ Cf. idem, *The Country and the City*, cap. 16.

²⁷ Ibidem, p. 16.

²⁸ Ibidem, p. 179.

²⁹ Ibidem.

³⁰ Cf. ibidem.

³¹ Ibidem, p. 196.

Ao analisar a contribuição dada por Hardy, Williams dedica-se a rever o lugar que o escritor ocupava no cânone inglês, que considerava injusto e inadequado. Para concluir esse processo, é inevitável que desafie as teorias propostas por F. R. Leavis (contra as quais se opõe de diversos modos, como examinarei mais detalhadamente à frente).

Na obra *The Great Tradition* (1948), Leavis propôs o cânone do romance inglês. E o fez traçando uma linha de certa forma evolutiva, que começava em Jane Austen, seguia por George Eliot, Henry James e culminava em Joseph Conrad. Para reordenar a tradição e inserir Thomas Hardy, Williams refaz parte desse mesmo trajeto. Conclui que Eliot de fato é a grande herdeira do estilo de Jane Austen, mas enxerga a questão de forma dialética. Há em Eliot alguns aspectos que ultrapassam formalmente a prosa de Austen, mas em outros a autora não consegue superá-la. Ao examinar as relações existentes entre as escritas de Austen e Eliot, Williams conclui que as tensões históricas importantes já abordadas ali têm outro desfecho em Hardy, ele sim, no lugar de James, o grande herdeiro dessa tradição:

It is an obvious transition from that country-house England of *Daniel Deronda* (of course with Continental extensions and with ideas, like *Deronda's* Zionism, about everywhere) to the country-house England of James. But the development that matters in the English novel is not to James; it is within that same Wessex, in the return of a general and inescapable history, to the novels of Hardy.³²

Enquanto Leavis estava centrado em questões morais e de estilo, Williams busca relações concretas entre autores e as consequências da aceleração do desenvolvimento capitalista. Nesse sentido, uma das questões que mais despertam o interesse do crítico refere-se ao processo de democratização social. Examinando-o minuciosamente se poderia concluir se houve, de fato, ganho humano palpável com a implantação do capitalismo desenfreado, como se deu na Inglaterra. Figura de destaque nesse processo, o país foi palco da revolução industrial e em larga medida disseminador da ideologia capitalista. No entanto, as consequências sociais negativas da aceleração da economia não foram desprezíveis, especialmente após a primeira crise geral do capitalismo no século XIX. Nas palavras de Hobsbawm:

³² Ibidem, p. 181.

[...] a transição da nova economia criou a miséria e o descontentamento, os ingredientes da revolução social. E, de fato, a revolução social eclodiu na forma de levantes espontâneos dos trabalhadores da indústria e das populações pobres das cidades, produzindo as revoluções de 1848 no continente e os amplos movimentos cartistas na Grã-Bretanha. O descontentamento não estava ligado apenas aos trabalhadores pobres. Os pequenos comerciantes, sem saída, a pequena burguesia, setores especiais da economia eram também vítimas da revolução industrial e de suas ramificações. Os trabalhadores de espírito simples reagiram ao novo sistema destruindo as máquinas que julgavam ser responsáveis pelos problemas; mas um grande e surpreendente número de homens de negócios e fazendeiros ingleses [...] também [...] se viam como vítimas da minoria diabólica de inovadores egoístas. A exploração da mão-de-obra, que mantinha sua renda a nível de subsistência, possibilitando aos ricos acumularem os lucros que financiavam a industrialização (e seus próprios e amplos confortos), criava um conflito com o proletariado. Entretanto, um outro aspecto desta diferença de renda nacional entre pobres e ricos, entre o consumo e o investimento, também trazia contradições com o pequeno empresário. Os grandes financistas, a fechada comunidade de capitalistas nacionais e estrangeiros que embolsava o que todos pagavam em impostos [...], eram talvez ainda mais impopulares entre os pequenos homens de negócios, fazendeiros e outras categorias semelhantes do que entre os trabalhadores, pois sabiam o suficiente sobre dinheiro e crédito para sentirem uma ira pessoal por suas desvantagens. Tudo corria muito bem para os ricos, que podiam levantar todos os créditos de que necessitavam para provocar na economia uma deflação rígida e uma ortodoxia monetária depois das guerras napoleônicas: era o pequeno que sofria e que, em todos os países e durante todo o século XIX, exigia crédito fácil e financiamento flexível. Os trabalhadores e a queixosa pequena burguesia, prestes a desabar no abismo dos destituídos de propriedade, partilhavam portanto dos mesmos descontentamentos.³³

Parte das complexas mudanças sociais por que passou a Inglaterra já havia sido registrada por Jane Austen. Ao analisar a obra da autora em *The Country and the City*, Williams não pode deixar de ratificar o fato de que Austen ignorara fatos históricos importantes em suas narrativas. E o faz com sua peculiar ironia, jogando com a frase inicial do romance *Pride and Prejudice*: “it is a truth universally acknowledged that Jane Austen chose to ignore the decisive historical events of her time”.³⁴ Para Williams, no entanto, embora muitos vejam a obra de Austen como uma série de narrativas sobre relações amorosas em geral, a autora captara um dos movimentos históricos decisivos para a Inglaterra da época. Para percebê-lo, no

³³ Hobsbawm, E. *A Era das Revoluções*. 10ª ed. Trad. Maria T. Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 [1977], pp. 55-56.

³⁴ Williams, *The Country and the City*, ed. cit., p. 113.

entanto, seria preciso reexaminar a representação do mundo rural operada por ela, o que Williams aponta com ironia mordaz:

[...] history has many currents, and the social history of the landed families, at that time in England, was among the most important. As we sense its real processes, we find that they are quite central and structural in Jane Austen's novels. All that prevents us from realising this is that familiar kind of retrospect [...] in which all country houses and their families are seen as belonging, effectively, to a single tradition: that of the cultivated rural gentry. The continual making and remaking of these houses and their families is suppressed, in this view, for an idealising abstraction, and Jane Austen's world can then be taken for granted, even sometimes patronised as rural backwater, as if it were a simple "traditional" setting. And then if the social "background" is in this sense "settled", we can move to an emphasis on a fiction of purely personal relationships.³⁵

É significativo o fato de, para contar a história das famílias de proprietários rurais, a chamada "landed gentry"³⁶, Austen ter decidido excluir de seus romances os trabalhadores braçais, um artifício formal interligado à questão do ponto de vista. Irônico mais uma vez, Williams afirma que:

Neighbours in Jane Austen are not the people actually living nearby; they are the people living little less nearby who, in social recognition, can be visited. What she sees across the land is a network of propertied houses and families, and through the holes of this tightly drawn mesh most actual people are simply not seen.³⁷

No entanto, para Williams, que está sempre baseado em uma leitura dialética, aquilo que poderia representar uma perda em termos de visão da realidade pode também representar um ganho literário. Assim, ele observa que Austen, ao selecionar e isolar a classe social com que trabalha, atinge uma "unidade de tom" em seus romances que Eliot já não consegue mais alcançar.

Vou expor de modo bastante resumido um dos pontos principais da análise de Williams sobre Austen. Em termos de retrato da vida social, o crítico observa que o conceito de "melhoramento", "this apparently attainable quality of life",³⁸ é permeado por uma ambiguidade constante. As personagens buscam melhorar sua posição na

³⁵ Ibidem.

³⁶ O termo define, aproximadamente, a burguesia proprietária de terras.

³⁷ Williams, *The Country and the City*, ed. cit., p. 166.

³⁸ Ibidem, p. 116.

escala social, ao mesmo tempo em que demonstram valorizar a moral e a ética. À leitura cerrada de Williams não passa despercebido, no entanto, que nos romances de Austen “[t]he conversion of good income into good conduct was no automatic process. Some of the conscious improvers are seen as they were: greedy and calculating materialists”.³⁹ Portanto, ainda que de forma implícita, transparece nas tramas de Austen o fato de que “improvement was not improvement; not only not necessarily, but at times in definite contradiction”.⁴⁰

Williams isola a questão do melhoramento para estabelecer os termos de comparação entre Austen e Eliot. A questão é importante porque é ideológica. Se as classes abastadas são vistas com maior realismo, tornam-se indefensáveis do ponto de vista moral ou ético. Nesse sentido, Williams observa que nos romances de George Elliot, que escreve já na segunda metade do século XIX, as dificuldades advêm da tentativa de apreender os movimentos sociais de modo mais amplo, inserindo outras classes sociais e examinando se melhoramento moral pode também representar melhoramento social.

Em certa medida, para os moldes do que seria um bom romance realista, Eliot avança em relação a Austen ao inserir trabalhadores rurais na topografia social de seus romances. Não era mais possível trabalhar apenas com a “landed gentry” e alcançar um tom verossímil. Como um bom leitor materialista, Williams vê essa questão como intimamente ligada às transformações sociais da época. As mudanças nos paradigmas da sociedade inglesa haviam alterado a estrutura formal da obra de arte. Assim, a observação do processo de modernização da sociedade é inseparável da observação das mudanças formais do romance realista.

De acordo com o crítico, ao incorporar diferentes classes sociais no cenário rural, Eliot inova em relação a Jane Austen, mas depara-se com um problema formal de linguagem, complicado o suficiente para comprometer a qualidade de seus romances. Haveria neles uma disparidade entre a linguagem das personagens e a do narrador; esta mais analítica e elaborada do que aquela. Outro problema seria o de, ao tentar representar trabalhadores rurais e torná-los inteligíveis aos prováveis leitores de seus romances, presumidamente pertencentes às classes sociais mais altas, a autora ter-lhes emprestado sua própria consciência crítica, recurso que transparece na sua prosa e tira-lhe a força:

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ Ibidem, p. 117.

[...] we have only to read a George Eliot novel to see the difficulty of the coexistence, within one form, of an analytically conscious observer of conduct with a developed analytic vocabulary, and of people represented as living and speaking in mainly customary ways; for it is not the precision of detailed observation but the inclusive, socially appealing, loose and repetitive manner that predominates. There is a new kind of break in the texture of the novel, an evident failure of continuity between the necessary language of the novelist and the recorded language of many of the characters. [...] For there is a point often reached in George Eliot when the novelist is conscious that the characters she is describing are “different” from her probable readers; she then offers to know them, and to make them “knowable”, in a deeply inauthentic but socially successful way.⁴¹

Ao fazer esse tipo de comentário sobre a obra de Eliot, Williams lida com o que coloca como “a crisis of education and class”. A divisão de classes é também uma divisão de linguagem. De certa forma, essa crise perpassa a própria história pessoal de Williams, pois a diferença entre a “cultura oficial” inglesa, disseminada de acordo com os moldes de Cambridge, onde foi estudar graças a uma bolsa de estudos, e a bagagem cultural que trazia da infância foi, para ele, sentida como uma ruptura:

In the late nineteen-forties I knew that I was at last separated from the village in which I had grown up. I began to write what I thought this experience was, in the seven versions that eventually became the novel *Border Country*. It wasn't only, through those versions, that I found myself connecting the experience to a more general history of physical and social mobility, and beyond that to a crisis of education and class which when I had worked it through I went back and read, as if for the first time, in George Eliot and Hardy and Lawrence. It was also that I had to look at the village again, and to set up some tension between my childhood memories and the adult working experience of my father's generation.⁴²

A crise de instrução e classe da qual fala Williams, própria de um sistema social excludente, assim como a mobilidade social ambígua do século XIX, está formalizada no último romance de Thomas Hardy, *Jude, the Obscure*. O romance é emblemático das condições adversas do meio rural e do processo de exclusão social fomentado no mundo das luzes, processo que denuncia para tentar ultrapassar. O

⁴¹ Ibidem, pp. 169-170.

⁴² Ibidem, p. 298.

impulso de Williams vai no sentido de demonstrar que, à luz das contradições sociais e das dificuldades reais impostas àqueles que estavam de fora do jogo social e impossibilitados de se realizarem plenamente, o romance de Hardy se impõe com muita força e ilumina aspectos do presente. O fator decisivo que possibilitara a Hardy obter uma visão mais afim ao rumo real dos fatos teria sido sua concepção do campo e do passado. Para ele, o campo não se configurava como o *locus amoenus* onde as pessoas, em contato com a natureza e por meio do trabalho braçal, deteriam em si grandes valores morais. Dessa forma, tampouco demonstrava um sentimento de nostalgia com relação à vida rural. Isso se configura como uma mudança de paradigma, já que, como observa Williams, a proposição de que o olhar nostálgico, sempre voltado a um passado rural idealizado, teria sido a resposta literária inglesa mais intensa às transformações históricas causadas pela Revolução Industrial. É certo que os prejuízos ocasionados durante e após o período em que se inicia a grande industrialização inglesa foram concretos. O crítico compreende esse genuíno sentimento de perda retratado na literatura do país:

Looking back at the real rural England of the early nineteenth century, it is indeed easy to see an old way of life overshadowed by the tumultuous development of the new industrial system. The decisive forces, in the national economy, were the general industrial and financial development and the crises of trade. Rural England, in some ways, was the place where the final shocks were taken, the final costs paid.⁴³

Porém, o crítico aponta também que as radicais transformações históricas que atingiram a Inglaterra rural advêm de um capitalismo agrário que há muito vinha se estabelecendo:

Basically, the poverty and suffering which reached a critical level in 1815 were the consequence of the establishment of a capitalist order in farming: that long transformation which was already decisively established by the mid-eighteenth century.⁴⁴

Assim, o fato curioso é que, mais do que se concentrar no que efetivamente se perdeu, o imaginário inglês idealiza o que se possuía. Ao investigar esse processo, Williams traz à tona exemplos que comprovam que o campo já fora

⁴³ Ibidem, p. 182.

⁴⁴ Ibidem.

idealizado e a perda de um suposto modo de vida rural sentido com nostalgia, com significados diferentes, em épocas muito anteriores à Revolução Industrial. E conclui que existe uma complexa “estrutura de sentimento” (*structure of feeling*) imbricada nesse sentimento nostálgico de perda e idealização do passado rural. Frente às contradições e dificuldades do presente, o mecanismo de idealização do passado serviria como uma forma resignada de estabelecer oposição ao presente.

O conceito de “estrutura de sentimento” citado acima foi explicitado por Williams na obra *Marxism and Literature* e é fundamental para se entender suas análises. Terry Eagleton o define como “the firm but intangible organisation of values and perceptions which acts as a mediating category between the psychological set of a social formation and the conventions embodied in its artefact”.⁴⁵ O exercício de resgatar, interpretar e devolver as estruturas de sentimento à sociedade, como faz Williams, seria a tarefa do bom crítico cultural materialista, que exerceria, assim, um movimento duplo de análise: da sociedade para a obra e da obra para a sociedade. E, como defende Maria Elisa Cevasco, o conceito é fundamental ao crítico preocupado em perceber formas culturais emergentes, capazes de “articular mudança na cultura e na sociedade”:

a estrutura de sentimento é fundamental para um analista da cultura interessado não só em formas estruturadas e consagradas mas especialmente na emergência do novo, do que pode articular mudança na cultura e na sociedade, no significante e no referente. O fato de que não estamos encurralados por uma ideologia que tudo domina, ou por uma base material que efetivamente determina mas pode ser mudada, com efeito já foi mudada na história, alterando radicalmente nosso modo de vida, está comprovado também na análise da cultura. A estrutura de sentimento é então uma resposta a mudanças determinadas na organização social, é a articulação do emergente, do que escapa à força acachapante da hegemonia, que certamente trabalha sobre o emergente nos processos de incorporação, através dos quais transforma muitas de suas articulações para manter a centralidade de sua dominação.⁴⁶

Hardy aponta para mudanças porque suas expectativas dirigem-se ao futuro. Vemos isso claramente em uma fala da personagem Jude, em um momento do romance em que já desistiu de praticamente todos os seus sonhos. Consciente do processo histórico e convencido de que as barreiras com que se deparou

⁴⁵ Eagleton, T. *Criticism and Ideology*, London: New Left Books, 1976, p. 33.

⁴⁶ Cevasco, *Para ler Raymond Williams*, ed. cit., pp. 157-158.

independem de sua própria capacidade e dizem respeito ao modo como a sociedade em que vive está organizada, Jude consegue projetar um futuro promissor a seu filho:

We'll educate and train him with a view to the University. What I couldn't accomplish in my own person perhaps I can carry out through him? They are making it easier for poor students now, you know.⁴⁷

Processos históricos afetam personagens, obras, autores e críticos. Williams deixa claro, portanto, que os impasses percebidos no cerne dos romances de George Eliot derivam da ideologia de que o campo seria o *locus amoenus*, ideologia que remonta à Antiguidade Clássica e persiste durante o século XX, perpassando o pensamento inglês desde cedo na História, se cristalizando na modernidade. Pressionada por esses impasses, nos termos de Williams, a autora retrata personagens desvalidas do meio rural como dotadas de espírito nobre e fala pitoresca:

For there is a point often reached in George Eliot when the novelist is conscious that the characters she is describing are "different" from her probable readers; she then offers to know them, and to make them "knowable", in a deeply inauthentic but socially successful way. Taking the tip from her own difficulty, she works the formula which has been so complacently powerful in English novel-writing: the "fine old", "dear old", quaint-talking, honest-living country characters.⁴⁸

A dificuldade em representar personagens rurais não causa a Eliot apenas problemas referentes à ação, mas também problemas de linguagem. Porém, há ainda outra questão complexa que Williams detecta nos romances de Eliot, qual seja, a tentativa de moralizar a sociedade através das ações de um indivíduo excepcional, um herói sensível que, diante de injustiças sociais inaceitáveis, busca refúgio e isola-se em seus elevados valores morais.

Muitos dos heróis dos romances de Eliot descobrem, depois de várias frustrações, como Felix Holt, por exemplo, que não são capazes de fazer parte do jogo social por serem moralmente superiores à maioria, a qual se deixa levar pela ambição. Em *Middlemarch*, por exemplo, Dorothea posiciona-se contra a busca

⁴⁷ Hardy, T. *Jude, the Obscure*. London: Penguin Books, 1994 [1896], p. 331.

⁴⁸ Williams, *The Country and the City*, ed. cit., p. 170.

desenfreada pela riqueza por meio de uma atitude resignada, heróica e pouco realista: “it would be easier to give up power and money than to keep them”,⁴⁹ afirma a personagem. O movimento posterior à tomada de consciência pelas personagens é, em geral, o de tentar convencer o leitor de que a frustração teria sido válida, pois as mudanças internas que sofrem lhes permitiriam enxergar o mundo de outra perspectiva e perceber que ganhos morais seriam mais importantes do que ganhos sociais ou financeiros.

Williams levanta, ainda, uma outra questão fundamental. Ao criticar um sistema regido por relações financeiras, Eliot propõe uma reconciliação simbólica com as injustiças da sociedade capitalista, o que é paradoxal. Para Leo Bresani, que interpreta a autora de modo semelhante, Eliot “recusa abandonar o sonho de uma significação estruturada, embora só consiga preservá-lo através de uma doutrina vaga, segundo a qual a bondade individual acabaria por modificar, de algum modo, o decorrer da história”.⁵⁰

Em *Felix Holt, the Radical*, esse movimento pode ser visto com clareza. O romance gira em torno da herança da propriedade dos Transome a que, em certa altura, a personagem Esther, filha de um humilde reverendo, descobre ter direito. Após expor-se à corrupção e às intrigas que cercavam o mundo das heranças, Esther decide recusá-la e casar-se com Felix, um artesão. Assim como Esther, Felix vivencia a impossibilidade de ascender socialmente e ao mesmo tempo manter seus valores morais inalterados. Em um dos momentos de encruzilhada, Felix opta pelo ganho moral em oposição ao material:

Why should I want to get into the middle class because I have some learning? The most of the middle class are as ignorant as the working people about everything that doesn't belong to their own Brummagem life. [...] Let a man once throttle himself with a satin stock, and he'll get new wants and new motives. Metamorphosis will have begun at his neck-joint, and it will go on till it has changed his likings first and then his reasoning, which will follow his likings as the feet of a hungry dog follow his nose.⁵¹

O comentário de Williams a respeito da decisão moral tomada pelas personagens é preciso:

⁴⁹ Eliot, G. *Middlemarch*, London: Penguin Books, 1997 [1872], p. 547.

⁵⁰ Bresani, L. “O Realismo e o Medo do Desejo”. In: Todorov, T. (org.). *Literatura e Realidade (Que É o Realismo?)*, Lisboa: Dom Quixote, 1984, p. 68.

⁵¹ Eliot, G. *Felix Holt, the Radical*. Hertfordshire: Wordsworth, 1997 [1866], p. 57.

George Eliot's moral emphasis is too genuinely of an improving kind, of a self-making and self-made life, to permit Esther to accept the inheritance and find the fashionable way out. The corruption of that inheriting world, in which the price of security is intrigue, is powerfully shown in *Mrs Transome and Jermyn*. But the emphasis of want is now specialised to Felix Holt: to the exposed, separated, potentially mobile individual. It is part of a crucial history in the development of the novel, in which the knowable community – the extended and emphatic world of an actual rural and then industrial England – comes to be known primarily as a problem of ambivalent relationship: of how the separated individual, with a divided consciousness of belonging and not belonging, makes his own moral history.⁵²

Ao reconhecer que habita um mundo inaceitável, Felix busca a nobreza de espírito como única saída possível. Segundo Williams, o que restaria no romance da luta entre a ascensão social e a realização pessoal seria “an awkward, stubborn, unappeased resignation”.⁵³ Nesse sentido, se Williams vê, por um lado, um ganho evidente e uma inovação nos romances de Eliot que, ao trazer para o primeiro plano personagens das classes rurais mais baixas, tentara lidar com as complexas questões formais inerentes; por outro, Williams aponta que esses romances indicam a transição entre a forma que equiparava melhoramento econômico a melhoramento moral – como em Jane Austen – e a nova forma, em que as duas coisas são conflitantes, gerando a resignação e o isolamento do sujeito:

George Eliot's novels are transitional between the form which had ended in a series of settlements, in which the social and economic solutions and the personal achievements were in a single dimension, and the form which, extending and complicating and then finally collapsing this dimension, ends with a single person going away on his own, having achieved his moral growth through distancing and extrication. It is a divided consciousness of belonging and not belonging; for the social solutions are still taken seriously up to the last point of personal crisis, and then what is achieved as a personal moral development has to express itself in some kind of physical or spiritual renewal – an emigration, at once resigned and hopeful, from what had been offered as a decisive social world.⁵⁴

⁵² Williams, *The Country and the City*, ed. cit., p.174.

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ Ibidem, pp. 175-176.

Mais subversivo do que resignado, o movimento de Jude é bastante diferente. A personagem não foi concebida por um Hardy regionalista, mas sim pelo Hardy que enfrenta os impasses prementes da modernidade.

De pensamento sempre dialético, preparado para fazer inversões que a muitos não pareceriam profícuas, e sempre pronto para tirar ideias estabelecidas do lugar, Raymond Williams estabelece conexões em lugares onde o mais fácil seria isolar. A separação, por exemplo, que se fixou fortemente no século XX, entre as categorias de literatura regional e metropolitana não lhe parece conveniente, especialmente quando se analisam obras escritas em um momento no qual campo e cidade estavam em rápida transformação na Inglaterra, como no século XIX.

As mudanças que afetavam o modo de vida na Inglaterra na época alteraram o modo como as pessoas se situavam no mundo. Muitos se viram obrigados a escolher entre o trabalho árduo no campo ou o trabalho, talvez ainda mais árduo, nas cidades que se desenvolviam em ritmo frenético. Williams sintetiza essa escolha, observando que os desvalidos tinham de escolher “entre a fazenda e a mina”. O que mais lhe parece significativo, no entanto, é que essa escolha, fosse qual fosse, representava, no final, uma “crise de mobilidade”: “the choice was not only between mine and farm but between both and the opening world of education and art”.⁵⁵

Dos romancistas que abordaram essas escolhas, ou a impossibilidade de se escolher o que realmente se deseja, Williams destaca Thomas Hardy:

The more I read Hardy the surer I am that he is a major novelist, but also that the problem of describing his work is central to the problem of understanding the whole development of the English Novel. It is good that so many people still read him, and also that English students are reading him with increasing respect. Yet some influential critical accounts have tried to push him aside, and even some of those who have praised him have done so in ways that reduce him.⁵⁶

Compará-lo a George Eliot e mostrar como ele a supera foi a estratégia escolhida por Williams na tentativa de inserir Hardy no cânone. Não só de inseri-lo, mas de mostrá-lo como o escritor certo no momento certo, por assim dizer. Sua prosa, levando-se em conta a tradição de Austen e Eliot, consegue apontar as falhas

⁵⁵ Ibidem, p. 264.

⁵⁶ Idem, *The English Novel from Dickens to Lawrence*, ed. cit., p. 97.

no processo de democratização social sem oferecer nenhum tipo de conciliação com uma organização injusta da vida. O processo de fazer Hardy emergir exige, no entanto, que Williams desfaça os preconceitos associados ao escritor, preconceitos gerados, em certa medida, pelo mesmo processo que o romancista denuncia.

Desse modo, em *The English Novel from Dickens to Lawrence*, Williams desmonta o argumento⁵⁷ de que o escritor, juntamente com George Eliot e D.H. Lawrence, estaria entre os três autodidatas da literatura inglesa. Os três tiveram educação formal significativa, lembra Williams, apenas não frequentaram o circuito elevado das *boarding-schools* ou de Oxford/Cambridge. Williams, sempre irônico, conclui que há no pensamento inglês a ideia extremamente elitista de que os que frequentaram o citado circuito, algo em torno de dois por cento da população, são os únicos dotados de uma educação formal digna do nome. É possível que influenciados por ideologias deste tipo alguns tenham deixado Hardy passar ao largo da tradição do romance inglês sem dar-lhe a devida atenção.⁵⁸ Outros viram Hardy sob uma ótica positiva, como “the last voice of an old rural civilisation”,⁵⁹ talvez sem perceberem que deste modo lhe reservavam um papel menor na tradição. Para elevar Hardy, portanto, Williams precisou também “redefinir” o lugar de onde ele veio:

Thomas Hardy was born few miles from Tolpuddle, a few years after the deportation of the farm labourers who had come together to form a trade union. This fact alone should remind us that Hardy was born into a changing and struggling rural society, rather than the timeless backwater to which he is so often deported.⁶⁰

Para Williams, definir o lugar apropriado da ficção de Hardy é a um só tempo entender as mudanças históricas reais ocorridas no ambiente rural que retratou e, a partir daí, analisar as consequências das questões abordadas tanto para a literatura quanto para a sociedade, e ainda estabelecer conexões entre a problemática do escritor e a problemática da separação entre as tradições dos hábitos cotidianos e as pressões geradas pela busca ou falta de instrução formal.

⁵⁷ Williams cita “um crítico do *British Council*” sem nomeá-lo.

⁵⁸ Ver a crítica negativa de F.R. Leavis ao romancista em *The Great Tradition* (London: Chatto and Windus, 1948).

⁵⁹ Williams, *The English Novel from Dickens to Lawrence*, ed. cit., p. 97.

⁶⁰ Idem, *The Country and the City*, ed. cit., p. 197.

O foco de Williams recai, portanto, sobre o contexto social e político em que o escritor produziu suas obras. No entanto, cede espaço a uma abstração que amplia o problema: Hardy seria um escritor das muitas fronteiras invisíveis a que o mundo dividido pelo capital nos submete:

The Hardy country is of course Wessex: that is to say mainly Dorset and its neighbouring counties. But the real Hardy country, we soon come to see, is that border country so many of us have been living in: between custom and education, between work and ideas, between love of place and experience of change. There can be no doubt at all of Hardy's commitment to his own country, and in a natural way to its past, as we can see in his naming of Wessex. But his novels, increasingly, are concerned with change.⁶¹

Assim, ainda que comprometido afetivamente com o passado rural da Inglaterra (como Williams observou, o escritor escolhe chamar de Wessex, nome usado na Idade Média, a região de Dorset e povoados vizinhos), Hardy nos fala de mudanças contemporâneas no modo de vida social, mudanças que captara com maestria em seus dois últimos romances, produtos de um escritor já maduro. Portanto, mesmo ao retratar um campo que em um primeiro momento pode nos remeter a um velho mundo rural, Hardy aborda temas como “a experiência da mudança e [...] a dificuldade da escolha”. E seria “a consciência da transformação adquirida através da instrução”⁶² o elemento causador das tensões e conflitos decorrentes daquelas mudanças que obrigam a fazer escolhas difíceis.

Williams pensa que os temas fundamentais da obra de Hardy são esclarecedores dos impasses gerados pelo processo, ainda incompleto, de democratização – ou mobilidade – social. Um deles é pessoal, pois muitos, como o próprio Williams, tiveram de reelaborar costumes e tradições ao galgarem posições sociais mais altas – quando chegaram à universidade, por exemplo. Outro impasse, visto de um ponto de vista mais amplo, seria o do abandono imediato do “velho” concomitante ao surgimento do novo, que caracteriza a modernidade e causa, entre outras consequências, “a moving out from old ways and places and ideas and feelings; a discovery in the new of certain unlooked-for problems, unexpected and very sharp crises, conflicts of desire and possibility”.⁶³

⁶¹ Ibidem.

⁶² Ibidem, p. 270.

⁶³ Ibidem, p. 198.

Portanto, durante o movimento de elevar Hardy à categoria de escritor maior, Williams demonstra que seus temas são contemporâneos e profundos, em oposição a regionais e pitorescos. Seguro disso, em *The Country and the City*, Williams repudia a ideia de tratar Hardy como um regionalista. Isso seria relegar a ele a função, bem aquém de suas realizações, de retratar a vida campestre:

Within the major novels, in several different ways, the experiences of change and of the difficulty of choice are central and even decisive. It is this centrality of change, and the complications of change, that we miss when we see him [Hardy] as a regional novelist: the incomparable chronicler of his Wessex, the last voice of an old rural civilisation. That acknowledgment, even that warm tribute, goes with a sense of that the substance of his work is getting further away from us: that he is not a man of our world or the nineteenth-century world, but simply the last representative of old rural England or the peasantry.⁶⁴

Para Williams, as ideias contidas na prosa de Hardy, que dão continuidade às de Eliot e encontrarão um herdeiro em D.H. Lawrence, são extremamente atuais:

The very complicated feelings and ideas in Hardy's novels, including the complicated feelings and ideas about country life and people, belong very much in a continuing world. He writes more consistently and more deeply than any of our novelists about something that is still very close to us wherever we may be living: something that can be put, in abstraction, as the problem of the relation between customary and educated life; between customary and educated feeling and thought. This is the problem we saw in George Eliot and that we shall see again in Lawrence. It is the ground of their significant connection.⁶⁵

Hardy explora as diferenças de valor e importância entre as experiências da vida intelectual e as da vida familiar. E o distanciamento a que muitos estão sujeitos quando rompem com um modo de vida com a finalidade de galgar uma posição superior na hierarquia social. Esse distanciamento, que em muitos casos tem um preço alto, pode gerar, sob a ótica de Williams, duas consequências principais ao sujeito: um sentimento de nostalgia, de um lado, e um sentimento de superioridade, de outro. Haveria então dois modos de olhar esse passado de alguma forma superado: o olhar nostálgico e melancólico, voltado a um passado perdido; e o olhar

⁶⁴ Idem, *The Country and the City*, ed. cit., p. 197.

⁶⁵ Ibidem, pp. 197-198.

analítico e distanciado, que julga e classifica, como se fosse pura sociologia, aquilo que deixou para trás.

Ao se colocarem na posição de mediadores desses dois mundos em contraste, os sujeitos modernos sofreriam as pressões inerentes a uma tentativa de junção fadada ao fracasso. A escolha entre um ou outro implica, inevitavelmente, perdas importantes. Vemos que em *Jude, the Obscure*, o desejo em si de se tornar instruído já afasta a personagem Jude das pessoas de sua classe, que não podem compreendê-lo.

Com esses instrumentos de análise em mãos, Williams comprova que enxergar Hardy pela ótica regionalista seria estender à sua produção literária os mesmos preconceitos usados que costumam transparecer quando pessoas escolarizadas falam das pessoas do campo:

If he was a countryman, a peasant, a man with the look of the soil⁶⁶, then this is the point of view, the essential literary standpoint, of the novels. That is to say the fiction is not only about Wessex peasants, it is by one of them who of course had managed to get a little (though hardly enough) education.⁶⁷

Para rebater essa ideia e desfazer o falso estereótipo, Williams busca as estruturas sociais da região de Hardy. Não surpreende que aponte que lá praticamente já não havia mais “camponeses”, pessoas que vivessem exclusivamente do trabalho com a terra, no final do século XIX, no momento em que Hardy escreve. Além disso, Hardy era arquiteto, filho de um empreiteiro, ou seja, não estava no último degrau da escala social, apesar de tampouco estar no primeiro. Seu público, aponta também Williams, não era composto de gente do campo e sim de gente da cidade, o que gerava uma certa tensão em sua obra. Assim, Williams enxerga na escrita de Hardy “the attempt to describe and value a way of life with which he was closely yet uncertainly connected [...] As so often when the current social stereotypes are removed the critical problem becomes clear in a new way”.⁶⁸

⁶⁶ Williams refere-se aqui a um comentário feito por Somerset Maugham: “When the ladies retired to the drawing-room I found myself sitting next to Thomas Hardy. I remember a little man with an earthy face. In his evening clothes, with his boiled shirt and high collar, he had still a strange look of the soil” (apud Williams, *The Country and the City*, ed. cit., p 199).

⁶⁷ Ibidem.

⁶⁸ Ibidem, p. 200.

Para o crítico, “[...] in all major realist fiction the quality and destiny of persons and the quality and destiny of a whole way of life are seen in the same dimension and not as separable issues”.⁶⁹ Assim, a obra de Hardy acerta quando aborda os temas da vocação frustrada, das escolhas malfeitas, dos casamentos equivocados, que estão, ao mesmo tempo, associados às mudanças sociais advindas do processo de modernização da sociedade, cujos resultados na prática nunca estavam de acordo com o prometido.

No ensaio “Forms of English Fiction in 1848” Williams afirma que, se a teoria de Luckács sobre o herói problemático do romance estivesse correta, Jude, protagonista do romance *Jude, the Obscure*, seria um dos poucos exemplos da literatura inglesa que se encaixariam na fórmula:

It is the classic Lukacsian diagnosis of the nineteenth century hero as the man who wishes to live a fuller life but who discovers, in experience, the limitations of his society: not only the blockage of his own fullness but a general limit which is then capable of being an alternative social perspective. He discovers, at the point where he cannot fully realize his own life, the objective social limits which prevent everyone fulfilling their own lives. [...] I think there are not many examples in England which are properly that. [...] One might assimilate *Felix Holt* and *Jude, the Obscure* to the Luckacsian formula of the discovery of objective limits, that discovery being general. [...] in *Jude, the Obscure* the discovery of limits – although so much more destructive that there seems absolutely nothing left – is profoundly subversive of the limiting structure which has blocked the key figure. The difference of weighing is structural. It is not simply what is said at the end. It is something which you can trace right back in the whole organization.⁷⁰

Para Williams, a luta incessante e sem sucesso que travam esses heróis problemáticos deriva do processo “inacabado e ambíguo” de mobilidade social no século XIX: “It is the critical problem of so much of English fiction, since the actual yet incomplete and ambiguous social mobility of the nineteenth century”.⁷¹ A obra de Hardy esmiúça esta questão, assim como algumas de suas consequências para a subjetividade das personagens.

Como dissemos, Williams propõe Hardy como o verdadeiro herdeiro da tradição do grande romance inglês que se iniciou em Jane Austen. Isso porque vê

⁶⁹ Ibidem, p. 201.

⁷⁰ Idem, “Forms of English Fiction in 1848”, ed. cit., pp. 161-162.

⁷¹ Idem, *The Country and the City*, ed. cit., p. 200.

nas obras maduras do escritor qualidades que indicam progresso formal. Nesse sentido, o romance de Hardy toma um rumo diferente do de Eliot. Em *Jude, the Obscure* não há a mensagem de que o indivíduo pobre deveria renunciar à ganância, causa principal de vários outros problemas morais, para descobrir e cultivar uma gratificante e individual elevação de caráter. Nele fica concretizada a transição de um tipo, o do herói resignado – indivíduo excepcional e, portanto, isolado – bem representado na obra de George Eliot, para um outro que busca subverter a organização da sociedade que limitou suas possibilidades.

Williams percebe também que Hardy consegue abordar o trabalho alienado e os mecanismos de exclusão social, tanto no campo quanto na cidade, sem oposições do tipo certo/errado, campo/inocência – cidade/ganância:

[...] the most significant thing about Hardy [...] is that more than any other major novelist since this difficult mobility began he succeeded, against every pressure, in centring his major novels in the ordinary processes of life and work. It is this that is missed when in the service of an alienating total view – an abstraction of rural against urban forces – what he deliberately connected is deliberately taken apart.⁷²

Buscando um significado mais amplo para os temas de Hardy, Williams observa como ele contrapõe a possibilidade de ascensão social por meio da instrução à possibilidade de se manter solidário ao lugar de origem, concluindo que estes objetivos haviam se tornado, no mundo moderno, objetivos praticamente antagônicos:

This [Hardy's argument] is not country against town, or even in any simple way custom against conscious intelligence. It is the more complicated and more urgent historical process in which education is tied to social advancement within a class society, so that it is difficult, except by a bizarre personal demonstration, to hold both to education and to social solidarity [...]. It is the process also in which culture and affluence come to be recognised as alternative aims, at whatever cost to both, and the wry recognition that the latter will always be the first choice, in any real history.⁷³

A problemática do sujeito pobre que busca se instruir em uma sociedade não democrática possui um inevitável elemento complicador: por sua origem humilde, ele

⁷² Ibidem, p. 211.

⁷³ Ibidem, p. 202.

está separado do universo social dos instruídos, ao qual nunca pertencerá por completo, ao passo que as tradições populares de seu local de origem podem lhe parecer ultrapassadas e impróprias. Todo um modo de vida teria que ser abandonado e revisto, o que não é pouca coisa. Para Williams, o próprio Hardy, ao se colocar na posição de observador do campo, assume uma postura semelhante a esta, a do “observador instruído” da vida rural, ao mesmo tempo distanciado e afetuoso. Esta posição, nem sempre confortável, é, segundo Williams, responsável pela complexidade da ficção de Hardy, que não procura fórmulas fáceis para resolver limitações concretas da sociedade moderna:

The complexity of Hardy's fiction shows in nothing more than this: that he runs the whole gamut from an external observation of customs and quaintness [...] to the much more impressive but also much more difficult humane perception of limitations, which cannot be resolved by nostalgia or charm or the simple mysticism of nature, but which are lived through by all the characters, in the real life to which all belong, the limitations of the educated and the affluent bearing an organic relation to the limitations of the ignorant and the poor [...].⁷⁴

Para Williams, que faz uma leitura cerrada da linguagem de Hardy, as virtudes comumente apontadas pelos críticos sobre sua escrita constituem deficiências. Baladas diluídas na prosa e formas tradicionais da fala transpostas para o texto, por exemplo, seriam artifícios usados para agradar àqueles leitores que Hardy sabia não pertencerem ao campo. Estes recursos, por soarem artificiais, enfraqueceriam sua escrita. Mesmo em suas obras maduras, Hardy estaria ainda em uma posição vulnerável:

Hardy's mature style is threatened in one direction by a willed 'Latinism' of diction or construction [...], but in the other direction by this much less noticed element of artifice which is too easily accepted, [...] as the countryman speaking [...]. The mature style itself is unambiguously an educated style, in which the extension of vocabulary and the complication of construction are necessary to the intensity and precision of the observation which is Hardy's essential position and attribute.⁷⁵

As dificuldades com que o escritor se depara, porém, provêm de um processo social de divisões e separações, um processo alienador:

⁷⁴ Ibidem, p. 203.

⁷⁵ Ibidem, p. 205.

He sees as a participant who is also an observer; this is the source of the strain. For the process which allows him to observe is very clearly in Hardy's time one which includes, in its attachment to class feelings and class separations, a decisive alienation.⁷⁶

Williams refere-se, principalmente, ao isolamento do sujeito que é compelido a usar as ferramentas provenientes da instrução sem, no entanto, nutrir qualquer admiração pela classe que as sustentam, que Hardy observa e registra. Segundo Williams, naquele momento histórico, “education is used to train members of a class and to divide them from other men as surely as from their own passions (for the two processes are deeply connected)”.⁷⁷

Ao analisar a obra de Hardy, Williams atem-se a temas pessoais porque neles estão condensados impasses de proporções muito maiores. Assim, observa que, no final do século XIX, a dificuldade de escolha de um cônjuge configura-se como uma das consequências mais imediatas da consolidação das grandes mudanças estruturais enfrentadas pela sociedade inglesa. Era um momento em que se apregoava que estas mudanças proporcionariam grande mobilidade social, ampliando, assim, os benefícios do sistema capitalista, os quais seriam estendidos, finalmente, à classe trabalhadora.

O tema da dificuldade de escolha de um cônjuge é recorrente nos romances de Hardy e norteia *Jude, the Obscure*. Para Williams, Hardy entendera que, diante da mobilidade social ambígua e não consolidada daquele momento histórico, as escolhas pessoais legítimas se confundiam facilmente com as que pareciam ser as mais corretas levando-se em conta interesses financeiros que, segundo a ideologia corrente, deveriam ser os mais importantes. Para ascender socialmente, ainda que minimamente, em certos casos (como no da personagem Arabella, que se casa com Jude), as pessoas seriam levadas a buscar relacionamentos pessoais que não desejavam de fato. A análise de Williams é profunda e recai não sobre aquele tipo de casamento feito abertamente por interesse, de que a literatura tem tantos exemplos, mas sobre a tensão do sujeito consciente do custo humano de uma escolha errada. Em suas palavras:

⁷⁶ Ibidem, p. 206.

⁷⁷ Ibidem, p. 207.

One of the most immediate effects of mobility, within a structure itself changing, is the difficult nature of the marriage choice. [...] The specific class element, and the effects upon this of an insecure economy, are parts of the personal choice which is after all a choice primarily of a way to live, of an identity in the identification with this or that other person. And here significantly the false marriage (with which Hardy is so regularly and deeply concerned) can take place either way: to the educated coldness of Fitzpiers or to the coarseness of Arabella. Here most dramatically the condition of the internal migrant is profoundly known. The social alienation enters the personality and destroys its capacity for any loving fulfilment.⁷⁸

No romance *Jude, the Obscure*, a personagem Arabella é uma espécie de vilã, pois não exhibe nenhum escrúpulo, ética ou valor moral elevado. Logo que conhece Jude, lança mão do “golpe da falsa gravidez” para obrigá-lo a casar-se com ela. O curioso é que Jude é quase tão pobre quanto ela, mas ingênuo o suficiente para ser enganado sem maiores problemas. Após algum tempo de vida a dois, Arabella percebe que a pouca ou nenhuma ambição de Jude com relação à criação de porcos do casal iria atrapalhar mais do que ajudar. Perdido em seus sonhos de entrar na universidade e dar um salto na escala social, Jude não se mostra um trabalhador braçal competente e torna-se um estorvo para uma moça como Arabella, dotada de forte senso prático. Arabella acaba por abandoná-lo, pois teme ser prejudicada financeiramente ficando ao seu lado. Era preciso buscar alguém que lhe proporcionasse uma vida, do ponto de vista material, mais segura. Ao final da narrativa, sem outras opções visíveis, Arabella acaba unindo-se novamente a um Jude doente, a quem mal suportava. Feita sobre grandes pressões, a escolha do cônjuge, como diz Williams, acaba por deixar em segundo ou terceiro plano o que realmente se deseja.

Em *Jude, the Obscure* o final trágico é a única saída possível. Por ser um bom romance, não oferece soluções fantasiosas para problemas complexos. Ao final, Arabella é vista deixando Jude já morto na cama para cortejar outro homem. Abdicar à moral é, no fim, uma questão de sobrevivência para pessoas que, como ela, estavam de certa forma desprotegidas e mal colocadas na nova sociedade. É certo que suas características pessoais eram pouco admiráveis. Egoísta, calculista, pouco generosa são alguns atributos facilmente aplicáveis à personagem. Nesse sentido, Williams observa como as personagens de Hardy são individualizadas, o

⁷⁸ Ibidem, p. 210.

que confere valor às obras do autor. Seus dramas não advêm apenas de um processo de mudanças, embora seja de fato impossível separar o que pertence ao indivíduo daquilo que foi determinado pelo meio social em que ele se vê inserido:

The exposed and separated individuals, whom Hardy puts at the centre of his fiction, are only the most developed cases of a general exposure and separation. Yet they are never merely illustrations of this change in a way of life. Each has a dominant personal history, which in psychological terms bears a direct relation to the social character of the change.⁷⁹

Assim, os erros de avaliação cometidos pelas personagens de Hardy, que costumam se frustrar no final, derivam de impossibilidades concretas, e não apenas de escolhas malfeitas relativas à personalidade de cada um, embora essa personalidade não possa ser desprezada:

That all are frustrated is the essential action: frustrated by very complicated processes of division, separation and rejection. People choose wrongly but under terrible pressures: under the confusions of class, under its misunderstandings, under the calculated rejections of a divided separating world.⁸⁰

Porém, como Williams aponta, a força da destruição em *Jude, the Obscure* é real porque os desejos das personagens eram reais; e eram desejos que em larga medida provinham do sonho de se obter realização pessoal por meio do trabalho. Jude não sonhava com dinheiro fácil, mas sim com a realização material que viria da realização pessoal, esta tida como mais importante.

Jude é uma personagem que demonstra inteligência e talento acadêmico desde a infância, talento percebido por um professor, Mr. Phillotson, de passagem pela pequena comunidade rural onde vive. Quando o professor deixa a região e muda-se para a cidade de Christminster (que poderia representar Oxford ou Cambridge), a alguns quilômetros de distância, Jude percebe que seus futuros estudos poderiam ser feitos lá, e passa a sonhar com o ingresso na universidade. Persistente, ao longo dos anos consegue mudar-se para Christminster e estabelecer-se por lá, mas, como não poderia deixar de ser, não é aceito na

⁷⁹ Ibidem.

⁸⁰ Ibidem, p. 213.

universidade. O modo como Hardy retrata sua rejeição é revelador. Após enviar várias cartas pedindo uma bolsa de estudos, ele recebe uma única resposta:

Sir, – I have read your letter with interest; and, judging from your description of yourself as a working-man, I venture to think that you will have a much better chance of success in life by remaining in your own sphere and sticking to your trade than by adopting any other course. That, therefore, is what I advise you to do.⁸¹

Por meio desta carta, direta e preconceituosa, Hardy ilustra o modo como o meio acadêmico costuma se fechar às pessoas de origem humilde, vistos como pertencentes a uma “outra esfera”. Instrução aqui se opõe a desejo de democracia social. Não se trata, no caso de *Jude, the Obscure*, de desvalorizar a instrução, mas sim de lamentar os mecanismos de exclusão social que ao longo da História passaram a andar lado a lado com a obtenção de educação formal na Inglaterra. Jude manifesta a esperança de que as coisas venham a ser diferentes um dia, e é essa “estrutura de sentimento” que interessa a Williams:

The general structure of feeling in Hardy would be much less convincing if there were only the alienation, the frustration, the separation and isolation, the final catastrophes. What is defeated but not destroyed at the end of *The Woodlanders* or the end of *Tess* or the end of *Jude* is a warmth, a seriousness, an endurance in love and work that are the necessary definition of what Hardy knows and mourns as loss. Vitality [...] Hardy does not celebrate isolation and separation. He mourns them, and yet always with the courage to look them steadily in the face.⁸²

Para exercer esse tipo de crítica literária que no fim busca “articular mudança na cultura e na sociedade”⁸³, Williams precisou enfrentar o que John Higgins chama de “ahistorical or even anti-historical impulse [...] long been characteristic of the Cambridge English approach to the novel”⁸⁴. A lógica dos romances de Hardy interessa porque, diante de finais trágicos e classes dominantes que não fazem nenhuma concessão, ele mantém a esperança de mudanças estruturais na sociedade que possam vir a beneficiar pessoas como Jude. Não se trata de um

⁸¹ Hardy, *Jude, the Obscure*, ed. cit., p. 140.

⁸² Williams, *The Country and the City*, ed. cit., p. 213.

⁸³ Cevalco, *Para ler Raymond Williams*, ed. cit., p. 157.

⁸⁴ Higgins, J. *Raymond Williams: Literature, Marxism and Cultural Materialism*, London: Routledge, 1999, p. 75.

escritor ressentido, mas sim de um profundo observador de problemas sociais concretos. Para Williams, ler Hardy pela chave do ressentimento pessoal e isolado seria uma desgastada estratégia política:

What Hardy sees and feels about the educate world of his day, locked in its deep social prejudices and in its consequent human alienation, is so clearly true that the only surprise is that critics now should still feel sufficiently identified with that world – the world which coarsely and coldly dismissed Jude and millions of men – to be willing to perform the literary equivalent of that stalest political tactics; the transfer of bitterness, of a merely class way of thinking, from those who exclude to those who protest. But the isolation which can follow, while the observer holds to educated procedures but is unable to feel with the existing educated class, is severe. It is not the countryman awkward in his town clothes but the more significant tension – of course with its awkwardness and its spurts of bitterness and nostalgia – of the man caught by his personal history in the general crisis of the relations between education and class, relations which in practice are between intelligence and fellow-feeling.⁸⁵

Partindo da dialética entre o geral e o particular, estabelecendo conexões entre transformações sociais e suas implicações na vida dos indivíduos, Williams admira a força de Thomas Hardy e demonstra como o autor foi capaz de ver questões pessoais e questões de ordem social atuando na mesma medida, expondo os embates insolúveis aos quais o sujeito moderno está submetido. As personagens de Hardy sofrem, inconformadas, as consequências nefastas das divisões de classe e das limitações delas decorrentes. Pela perspectiva de Williams, percebemos que, atendo-se ao cotidiano por vezes banal das personagens, o escritor foi capaz de demonstrar, de modo ainda desconhecido no romance inglês, alguns dos problemas mal resolvidos do processo de modernização acelerada enfrentado no século XIX, problemas em larga medida ainda hoje sem solução a curto prazo.

Como vimos, o modo de leitura de Williams busca desvendar as dinâmicas sociais estruturadas e formalizadas nas obras literárias examinadas porque, de seu ponto de vista, o próprio material histórico constitui e modifica o romance, que, por sua vez, dá forma à realidade e a modifica. Consegue assim trazer para o debate aspectos da sociedade real, fomentados pelas obras, dos quais se reapropria. Para realizar esse tipo de análise, Raymond Williams parte de um dos pressupostos básicos da crítica cultural materialista: o de que o artista é capaz de captar, ainda

⁸⁵ Williams, *The Country and the City*, ed. cit., pp. 206-207.

que de modo inconsciente, dinâmicas das relações sociais concretas, estabelecidas na sociedade real. Desse modo, em *The Country and the City* Williams examina dialeticamente certas contradições sociais e políticas da Inglaterra, formalizadas na literatura do país. Em *The Country and the City*, a crítica cultural materialista exercida por Williams busca questionar os pressupostos da cultura hegemônica e desafiar a tradição literária vigente em sua época para traçar novos rumo e descobrir outras maneiras de pensar. A intenção, é, no fim, a de desafiar a hegemonia, colocando em relevo suas próprias contradições.

II

Duas Meninas de Roberto Schwarz

Com a publicação de *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*, em 1990, Roberto Schwarz finalizava uma parte decisiva de seu estudo sobre Machado de Assis, iniciado em 1977, com *Ao Vencedor as Batatas*. Também data de 1990 sua aula no concurso para professor titular no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Unicamp que resultou no ensaio “A Poesia Envenenada de *Dom Casmurro*”, publicado em 1991, na revista *Novos Estudos Cebrap*,⁸⁶ e em 1994, no segundo volume de *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*.⁸⁷ O ensaio volta a ser publicado em 1997, desta vez como parte integrante da obra *Duas Meninas*. Nesta, a luz da análise incide sobre Capitu e Helena Morley, uma comparação com ganhos para o conhecimento das dinâmicas literárias e sociais brasileiras.

Duas Meninas foi recebido com certo ceticismo e sensação de exagero dos quais, de fato, só temos notícia à boca miúda. Não era incomum ouvir dizer que desta vez Roberto Schwarz exagerara. Talvez o estranhamento tenha vindo do fato de o crítico dedicar-se a comparar uma obra canonizada de nosso autor maior à outra de importância relativa, o que demonstra como o pensamento crítico em geral no Brasil destoa do de Schwarz e ainda se pauta por antigos padrões idealizadores do cânone. Porém, seguindo a lógica das reflexões do autor de *Duas Meninas*, a comparação é das mais profícuas, como tentarei demonstrar.

Parte importante da formação intelectual de Roberto Schwarz, como descreve no ensaio “Um Seminário de Marx”, provém de sua participação no grupo de estudos intitulado “Seminários sobre Marx”, um momento de “marxismo crítico”,⁸⁸ do pensamento uspiano. O grupo, que se propôs a estudar *O Capital*, se formou em 1958 na antiga Faculdade de Filosofia da USP, ainda na Rua Maria Antônia.

⁸⁶ *Novos Estudos Cebrap*, n. 29, pp. 85-97, mar 1991.

⁸⁷ Pizarro, A.(org.), *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*, vol II. São Paulo: Memorial, Campinas: Unicamp, 1994.

⁸⁸ Schwarz, R. “Um Seminário de Marx”. In: *Sequências Brasileiras*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 86.

Participavam do grupo intelectuais como Fernando Henrique Cardoso, Fernando Novais, Paul Singer, Octavio Ianni, entre outros.⁸⁹

Schwarz relembra que as reuniões se davam fora do ambiente acadêmico, distância sentida como positiva. Em um momento em que a morte de Stálin havia permitido ao mundo conhecer melhor os horrores da antiga União Soviética, Schwarz acreditava que “a volta a Marx representava um esforço de auto-retificação da esquerda, bem como da reinserção na linha de frente da aventura intelectual”.⁹⁰ O desejo era o de formar uma nova esquerda disposta a enfrentar as questões contemporâneas nacionais e mundiais, “marxista sem chavão, à altura da pesquisa universitária contemporânea, aberta para a realidade, sem cadáveres no armário e sem autoritarismos a ocultar”.⁹¹

Uma das técnicas de leitura usadas pelo grupo era o *close reading*, método desenvolvido em Cambridge pelos críticos literários F. R. Leavis e I. A. Richards. Aveso a métodos e a qualquer tipo de jargão técnico, Leavis não chegou a expor formalmente o método crítico que usava para abordar uma obra literária. Sabe-se, no entanto, que o *close reading* consiste numa leitura cerrada e minuciosa, frase a frase, para extrair de uma obra seu significado mais profundo. O texto é visto como um objeto a ser escrutinado e interpretado por si só. Nos Estados Unidos, a ideia triunfou sob o título de *New Criticism*. Seu principal expoente foi Richards, que emigrou para os Estados Unidos.

Aplicando o *close reading* à leitura de obras como *O Capital* e *18 Brumário* (Marx), *História e Consciência de Classe* (Lukács), *Questão de Método* (Sartre), o grupo procurava “[...] articular a peculiaridade sociológica e política do país à história contemporânea do capital, cuja órbita era de outra ordem”.⁹² A inspiração teórica para estudar o país vinha, entre outras, da obra de Caio Prado Jr., para quem a escravidão do Brasil colonial não era fruto do atraso e sim um fenômeno moderno.

Sob a ótica de Schwarz, a obra-prima do grupo foi a tese de Fernando Novais, *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. A partir deste estudo, conclui-se que “a escravidão moderna é uma imposição do tráfico negreiro, e não o contrário”.⁹³ Schwarz caminha pela via da crítica literária amparado por este

⁸⁹ Cf. *Ibidem*.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 88.

⁹¹ *Ibidem*, p. 90.

⁹² *Ibidem*, p. 93.

⁹³ *Ibidem*, p. 97.

modo de enxergar o país, aqui bastante resumido, evidentemente. Munido dessa visão, Schwarz segue em busca não de uma originalidade nacional, mas das questões prementes da modernidade que afetam o Brasil e sua literatura, por meio de uma crítica literária imanente.

Como descreve no ensaio “Ideias fora do Lugar”, prefácio da obra *Ao Vencedor as Batatas*, Schwarz mantém em foco o sentimento de que a modernização da sociedade brasileira se iniciou a partir de uma contradição, já que as ideias liberais que marcam o início da era moderna foram importadas da Europa e não encontravam solo fértil no modo de organização do Brasil oitocentista. Como seria possível que os preceitos básicos do Iluminismo convivessem com nosso regime escravocrata? Esta contradição seria responsável por nosso sentimento de atraso em relação às nações europeias do centro. No ensaio, Schwarz lembra que a Declaração dos Direitos do Homem transcrita em nossa Constituição de 1824 estava em completa sintonia com as ideias europeias, o que “tornava mais abjeto o instituto da escravidão”.⁹⁴ O país só teria conseguido implantá-las verdadeiramente se sua classe dirigente tivesse aberto mão dos privilégios decorrentes do regime escravocrata e das práticas do favor.

É fundamental perceber que Roberto Schwarz sempre pensa o Brasil como parte do jogo do capitalismo mundial. Deste ponto de vista, a escravidão teria sido uma das etapas necessárias do sistema. Como insiste em dizer, o sistema capitalista, que muitos veem como o ponto de chegada da História, gera ao mesmo tempo “progresso e barbárie”. Portanto, o sentimento de atraso com relação às nações do centro, visto como um sentimento brasileiro por excelência, parece ser para Schwarz uma consequência tanto positiva quanto negativa do papel que cabe ao país no sistema capitalista global. Isso em contraposição ao pensamento daqueles que defendem que o país configura-se como um lugar onde o moderno e o arcaico teriam se fundido e produzido um modo de organização social dotado de uma originalidade estrutural.

Do mesmo modo, a chamada “originalidade brasileira”, o nosso “jeitinho”, que alguns enxergam como um traço particular e positivo, não parece ser para Schwarz objeto de veneração. Nem é disso que se trata. Schwarz parece sempre insistir no fato de que as contradições do capitalismo nos afetam de modo amplo e

⁹⁴ Idem, “As Ideias fora do Lugar”. In: *Ao Vencedor as Batatas*. 5^a ed. São Paulo: Duas Cidades/34 Letras, 2000, p. 12.

contundente. Seria uma fuga para a ideologia acreditar que haveria um espírito brasileiro capaz de atenuar as consequências negativas do sistema.

Sendo assim, o fato de termos tido escravidão não seria, sob sua ótica, “um vexame residual”, mas encerraria um paradoxo de ordem mais complexa, que colocaria em xeque tanto a pertinência do regime escravocrata quanto o avanço do pensamento liberal europeu. Em suas palavras:

[...] se em última análise o capitalismo é incompatível com a escravidão, e acaba por liquidá-la, por momentos ele também precisou, para desenvolver-se, desenvolvê-la e até implantá-la. De sorte que nem ele é tão avançado, nem ela tão atrasada.⁹⁵

Como vê formas literárias e dinâmicas sociais como indissolúveis umas das outras, Schwarz esmiúça, em nossa literatura, uma das consequências geradas pela organização social do regime escravocrata: a prática dos mecanismos de favor que moviam (e talvez ainda movam) a sociedade brasileira:

No processo de sua afirmação histórica, a civilização burguesa postulava a autonomia da pessoa, a universalidade da lei, a cultura desinteressada, a remuneração objetiva, a ética do trabalho etc. – contra as prerrogativas do *Anciën Regime*. O favor, ponto por ponto, pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais.⁹⁶

As ideias liberais, no entanto, foram muitas vezes usadas para justificar o arbítrio de nossa classe dirigente, como veio a desvendar pela análise literária de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*:

Adotadas as idéias e razões européias, elas podiam servir e muitas vezes serviram de justificação, nominalmente “objetiva”, para o momento de arbítrio que é da natureza do favor. Sem prejuízo de existir, o antagonismo se desfaz em fumaça e os incompatíveis saem de mãos dadas. Esta recomposição é capital. Seus efeitos são muitos, e levam longe em nossa literatura.⁹⁷

⁹⁵ Idem, “Um Seminário de Marx”, ed. cit., p. 94 (comentários feitos a partir da tese de Fernando Henrique Cardoso, *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*, de 1962).

⁹⁶ Idem, “As ideias fora do Lugar”, ed. cit., p. 17.

⁹⁷ Ibidem, p. 18.

Herdeiro do pensamento de Antonio Candido, Roberto Schwarz dá continuidade à obra do mestre, apontando que o método dialético chega tarde ao Brasil, mas é exercido de modo brilhante pela crítica refinada de Candido:

[...] só em 1970 [...] é que seria publicado no Brasil o primeiro estudo literário propriamente dialético. Sem alarde de método ou de terminologia, passando ao largo do estruturalismo, e guardando também a distância em relação à conceituação do marxismo (o qual entretanto era a sua inspiração essencial), saía a “Dialética da Malandragem”: uma explicação surpreendente e bem argumentada do valor das *Memórias de um Sargento de Milícias*.⁹⁸

Em “Pressupostos, salvo engano, de *Dialética da Malandragem*”, Schwarz apresenta um estudo da análise do mestre e observa que Antonio Candido alinha-se com a

área de tradição alemã e influência luckácsiana, cujas construções estéticas dependem, justamente, da objetividade e historicidade das formas sociais, isto em contraste com a linha dos althusserianos, para os quais, como para os positivistas, a forma é uma construção científica sem realidade própria.⁹⁹

Para o crítico materialista, “a reflexão dialética depende da análise formal, cujo referente [...] é o país verdadeiro (o das classes sociais)”.¹⁰⁰ Roberto Schwarz explica a que se propõe o método, levando em consideração as suas dificuldades inerentes:

[...] Trata-se de ler o romance sobre fundo real e de estudar a realidade sobre fundo de romance, no plano das formas mais que dos conteúdos, e isto criativamente. Quer dizer, não através das formas de preceito, que são justamente o que a emancipação da forma – e sua imantação pela história contemporânea – puseram de lado, mas através da sondagem mais ousada possível da experiência estética e dos conhecimentos havidos: ler uma na outra, a literatura e a realidade, até encontrar o termo de mediação. Entretanto, já vimos que “encontrar” não é a palavra certa, pois não dispomos do mesmo modo de um romance e da realidade, nem a maneira de estudá-los é igual. No plano da literatura, pela natureza das coisas, a forma, ainda a mais secreta, inconsciente ou intelectualizada, tem de ser apreensível pela imaginação, sem o que deixa de existir. Ao passo

⁹⁸ Idem, “Pressupostos, salvo engano, de *Dialética da Malandragem*”, ed. cit., p. 129.

⁹⁹ Ibidem, p. 142.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 136.

que no plano da realidade, o qual para quem escreve se compõe de vida prática, conhecimentos e bibliografia, ela pode não existir de modo literariamente disponível, embora esteja intuída. Nestes casos, o crítico tem de *construir* o processo social em teoria, tendo em mente engendrar a generalidade que antes dele o romancista havia percebido e transformado em princípio de construção artística. Este trabalho, se responde à finura de seu objeto, produz um conhecimento novo.¹⁰¹

Candido inicia sua análise contrariando a crítica ao afirmar que *Memórias de um Sargento de Milícias* (Manuel Antônio de Almeida, 1852) não poderia ser classificado como um romance picaresco. E conclui que, de um modo bastante peculiar, por meio do movimento que nomeia por “dialética da malandragem”, o romance não possui todas as características da escola realista e assim mesmo capta uma certa “dinâmica” da sociedade brasileira.

Ao expor o seu método de análise, Candido demonstra que a crítica materialista não é “sociologizante” nem trata o objeto literário como um “documento social” que serviria para o crítico intervir no debate social – o que, por sua vez, pouco acrescentaria às questões especificamente literárias. Ao contrário, ensina que o crítico está impedido pela própria natureza da obra literária de tratá-la como documento, uma vez que ela assume forma própria, sempre mediada pelo autor:

O romance do tipo realista, arcaico ou moderno, comunica sempre uma certa visão da sociedade, cujo aspecto e significado procura traduzir em termos de arte. É mais duvidoso que dê uma visão informativa, pois geralmente só podemos avaliar a fidelidade da representação através de comparações com os dados que tomamos a documentos de outros tipos.¹⁰²

Por ser uma forma artística, o romance realista, por mais fiel que demonstre ser à realidade representada, possui características que impedem, de antemão, o leitor de tratá-lo como documento social. Por outro lado, o fato de não conter dados de realidade precisos não significa que a obra esteja desconectada desta mesma realidade e tampouco que o crítico esteja impedido de estabelecer relações coerentes entre obra literária e sociedade real, para o benefício das duas, e usá-la como instrumento de aferição sociológica.

¹⁰¹ Ibidem, p. 140.

¹⁰² Candido, A. “Dialética da Malandragem”. In: *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993, p. 31.

A este respeito, Antonio Candido nota que uma das características do bom escritor realista seria justamente sua “capacidade de intuir, além dos fragmentos descritos, certos princípios constitutivos da sociedade – elemento oculto que age como totalizador dos aspectos parciais”.¹⁰³ Impregnado da sociedade em que vive, o escritor seria capaz de captar, intuitivamente e por força da observação atenta e cuidadosa, certos valores, movimentos, contradições e tensões reais de seu meio, que se condensariam formalmente na obra. Caberia ao crítico, a partir de sua própria intuição e de seu conhecimento técnico da sociedade, encontrar a reversibilidade entre as formas literária e social. Assim, com um olho na obra e outro no país, autor e crítico colaborariam para ampliar o conhecimento que a sociedade tem de si mesma, traçando para ela uma estrada mais iluminada. Para quem segue esta linha de pensamento, como Roberto Schwarz e Raymond Williams, questões de ordem estética nunca são apenas estéticas e possuem origens e significados mais profundos, condensados no jogo social. Este tipo de crítica parte sempre da análise formal da obra a ser interpretada, já que é na forma literária que se condensam conteúdos e significados muitas vezes ocultos na forma social.

Em *Sentimento da Dialética na Experiência Intelectual Brasileira*, Paulo Arantes observa que, em “Dialética da Malandragem”, Antonio Candido particularizou o uso do termo “dialética”, conferindo-lhe um novo sentido capaz de traduzir a “sensação de dualidade que o Brasil incessantemente desperta”. Seria a dialética da “norma e da infração”. Para cada norma que o país defende, cria-se um mecanismo de infração a ela. A norma na prática nunca é a norma vigente na teoria. Arantes percebe que Candido usa o termo dialética de duas maneiras distintas: a primeira alinha seu pensamento com a tradição materialista, que não separa forma artística de experiência social; a segunda, porém, nos levaria “ao coração da dualidade brasileira”:¹⁰⁴

Dialética e Dualidade, reencontradas no centro da experiência brasileira, aparecem assim entrelaçadas numa forma mediadora, na qual convergem unidade estética e totalização social, conjunção revelada em toda a sua força explicativa num ensaio que, ao realizar pela primeira vez o programa dialético em nosso meio literário, encontrava a forma adequada para o sentimento dos contrários filtrado desde os tempos em que Antonio Candido estudava a

¹⁰³ Ibidem, p. 35.

¹⁰⁴ Arantes, P. *Sentimento da Dialética na Experiência Intelectual Brasileira*. São Paulo: Paz e Terra, p. 44.

ambivalência da disciplina arcádica, cifra precursora da ambivalência ideológico-moral de todo intelectual brasileiro.¹⁰⁵

Ao comparar, por exemplo, Brasil e Estados Unidos em “Dialética da Malandragem” por meio do estudo do romance *A Letra Escarlata*, Candido observa que a “flexibilidade” nas relações sociais brasileiras se contrapõe à “rigidez” americana, com perdas e ganhos para ambas as partes:

Na formação histórica dos Estados Unidos houve desde cedo uma presença constritora da lei, religiosa e civil, que plasmou os grupos e os indivíduos, delimitando os comportamentos graças à força punitiva do castigo exterior e do sentimento interior de pecado. [...] Esse endurecimento do grupo e do indivíduo confere a ambos grande força de identidade e resistência; mas desumaniza as relações com os outros [...]. No Brasil, [...] as formas espontâneas da sociabilidade atuaram com maior desafogo e por isso abrandaram os choques entre a norma e a conduta. [...] Não querendo construir um grupo homogêneo e, em consequência, não precisando defendê-lo asperamente, a sociedade brasileira se abriu com maior largueza à penetração dos grupos dominados ou estranhos. E ganhou em flexibilidade o que perdeu em inteireza e coerência.¹⁰⁶

Quando fala em “formas espontâneas de sociabilidade que abrandaram os choques entre a norma e a conduta”, Candido faz referência ao pensamento de Sérgio Buarque de Holanda. No capítulo “O Homem Cordial” do célebre *Raízes do Brasil*, Holanda aponta que a sociedade brasileira sempre fora conduzida por relações mais afetivas do que sociais, e que os mecanismos de dominação tomavam um caráter “natural”, não havendo espaço para que os homens livres se impusessem como indivíduos a ser respeitados. O trabalhador não poderia enfrentar o patrão que era ao mesmo tempo seu padrinho. Criava-se então um tipo de dominação consensual, na qual o dominador aparentemente alia-se ao dominado, oprimindo-o com camaradagem. No prefácio escrito para *Raízes do Brasil*, Candido aponta para a força de esclarecimento da interpretação de Sérgio Buarque de Holanda, advinda do uso de uma “metodologia dos contrários”, por meio da qual podemos focar dois pares opostos, para extrair, através do jogo dialético entre eles, uma visão esclarecedora de um dado aspecto da realidade histórica. Sérgio Buarque partira do “critério tipológico de Max Weber; mas, modificando-o, na medida

¹⁰⁵ Ibidem, p. 45.

¹⁰⁶ Candido, “Dialética da Malandragem”, ed.cit., pp. 50-51.

em que focaliza pares, não pluralidades de tipos, o que lhe permite deixar de lado o modo descritivo, para tratá-los de maneira dinâmica, ressaltando principalmente a sua interação no processo histórico”.¹⁰⁷

Ao voltar-se para o estudo da análise de Candido, Schwarz conclui, no entanto, que “só no plano dos traços culturais malandragem e capitalismo se opõem”:¹⁰⁸

Até onde entendo, a comparação entre modos de ser supõe histórias nacionais separadas, no quadro de um concerto de nações independentes, cujas diferenças seriam a riqueza da humanidade. A historiografia que lhe corresponde seria nacional, ainda que não nacionalista. *Do ponto de vista da interpretação literária, o que está em jogo é o horizonte a que se refere a forma.* [...] Ora, o mencionado concerto das nações hoje carece de verossimilhança, o que aliás, retrospectivamente, lança dúvidas também sobre a sua existência anterior. Diante da extraordinária unificação do mundo contemporâneo sob a égide do capital (e da dinâmica enigmática do mundo dito socialista), aquela comunidade das nações é um conceito recuado da experiência histórica disponível, e é um tempo morto da dialética. Não será mais plausível, como proposta, buscar os termos de uma história comum – que hoje parece antes uma condenação – história de que sejam parte e reveladores tanto as *Memórias* quanto *A Letra Escarlata*, o Brasil como os Estados Unidos? O processo social a compreender não é nacional, ainda que as nações existam.¹⁰⁹

Neste ponto, Roberto Schwarz parece dar um passo no sentido de atualizar o pensamento de Antonio Candido, como aponta Paulo Arantes, que lança luz ao “passo globalizante” proposto por meio das ideias de Roberto Schwarz:

Originalmente esta [...] expressão (*Aufklärung*) se refere a uma filosofia da história (empiricamente verificável e de intenção crítica) que recua as fronteiras do capitalismo até às formas mais primitivas da racionalização e da troca mercantil, no propósito de expor a marcha de uma interversão: onde seria legítimo esperar progresso e emancipação, encontramos retrocesso e sujeição. Não que a *Aufklärung* seja engodo permanente e deságue inexoravelmente no seu contrário. Simplesmente é próprio do Esclarecimento não cumprir o que promete, sem que a promessa de reconciliação seja nada, pelo contrário, ela só se torna ideologia quando se apresenta como promessa historicamente cumprida. Dialética naquela fórmula quer dizer então, além de reviravolta e desengano prático,

¹⁰⁷ Candido, A. “O Significado de Raízes do Brasil” (Prefácio). In: Holanda, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 19ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

¹⁰⁸ Schwarz, “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da Malandragem’”, ed. cit., p. 154.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 153.

igualmente crítica imanente, pois o limite do Iluminismo é fixado por ele mesmo – não há outra norma além da própria emancipação. Ora, objetivamente, nossa dualidade colonial-burguesa sendo ela mesma um desenvolvimento moderno do atraso – como lembra Roberto, passando a limpo mais uma vez o momento menos vulnerável do antigo raciocínio dualista –, não estávamos para o progresso como a aberração para a norma, o desvio para o avanço uniforme, pelo contrário, como a atualidade mundial expunha seus segredos na periferia do capital, que não era resíduo mas parte integrante de uma evolução em conjunto, por assim dizer constituíamos uma figura viva daquela mesma Dialética da Ilustração. Noutros termos, este um dos aspectos do passo globalizante inerente ao esquema crítico de Roberto Schwarz.¹¹⁰

Ou seja, o sistema capitalista, do qual o Brasil sempre fez parte, ditaria as regras tanto aqui, na periferia, quanto no centro. Não haveria assim ganhos para uns e perdas para outros, mas sim um conjunto de consequências positivas e negativas (“progresso e barbárie”) ligadas à lógica do sistema como um todo, para as nações nele inseridas. Penso que podemos inferir pelas afirmações de Schwarz que o lugar que nos foi reservado no cenário do capitalismo mundial é que determinaria os traços culturais que nos são peculiares, e não o fato de haver no Brasil uma disponibilidade maior para a flexibilidade. Em outras palavras, o chamado terceiro mundo seria o local onde o pior do capitalismo se revela com mais facilidade. Mas isto sempre a serviço do sistema e das nações do centro. Desta forma, nossa “originalidade” fica atrelada ao processo de modernização do sistema como um todo. As conclusões a que Roberto Schwarz chega na obra *Duas Meninas* são esclarecedoras.

* * *

¹¹⁰ Arantes, op.cit., pp. 96-97.

“A Poesia Envenenada”

Schwarz afirma que *Dom Casmurro* “tem algo de armadilha, com lição crítica incisiva – isso se a cilada for percebida como tal”.¹¹¹ A crítica literária a respeito da obra deu uma virada decisiva em 1960 a partir do olhar estrangeiro de Helen Caldwell.¹¹² A autora coloca em xeque a credibilidade do narrador Bento Santiago, que seria um ciumento paranoico, o “Otelo brasileiro”. Até então, sessenta anos após a publicação do romance (que é de 1899), a confiabilidade do narrador unilateral não havia sido questionada pela crítica oficial. Schwarz parte desse fato intrigante, ou, por que não dizer, vergonhoso, e tece uma de suas premissas básicas no ensaio “A Poesia Envenenada de Dom Casmurro”: a cegueira teórica nacional se explicaria ao se considerar que questionar Bento Santiago “deixa mal um dos tipos de elite mais queridos da ideologia brasileira”.¹¹³

Levando-se em conta sua lógica interna, o romance deveria suscitar três leituras, segundo Schwarz: a primeira romanesca, em que o leitor acompanha a história de amor com final trágico de Bentinho e Capitu; a segunda de cunho policial, em que o leitor buscaria provas da traição de Capitu; e a terceira, a contracorrente, colocaria Bento Santiago no lugar do réu, finalmente transformando “acusador em acusado”.¹¹⁴ Fazendo uma leitura diferente desta, o leitor teria se deixado “seduzir pelo prestígio poético e social da figura que está com a palavra”.¹¹⁵

Schwarz aponta que, com *The Deceptive Realism of Machado de Assis*, é novamente um crítico estrangeiro, John Gledson¹¹⁶, que dá mais um passo em direção ao bom entendimento de *Dom Casmurro*. Um dos achados teóricos de Gledson consiste em analisar a personalidade de Bentinho em fina sintonia com o modo de organização social brasileiro. Segundo ele, Machado “pretendeu mostrar [...] a interdependência dos níveis econômico, social, político, cultural, religioso e ideológico da existência em seu microcosmo familiar.”¹¹⁷ Esta visão lhe permite concluir, sobre Bentinho, que

¹¹¹ Schwarz, R. *Duas Meninas*. São Paulo: Cia das Letras, 1997, p. 9.

¹¹² Ver Caldwell, H. *The Brazilian Othello of Machado de Assis*. Berkeley: University of California Press, 1960.

¹¹³ Schwarz, *Duas Meninas*, ed.cit., p. 9.

¹¹⁴ *Ibidem*, p.10.

¹¹⁵ *Ibidem*.

¹¹⁶ Ver Gledson, J. *The Deceptive Realism of Machado de Assis*. Liverpool: Francis Cairns, 1984.

¹¹⁷ *Idem*. *Machado de Assis: Impostura e Realismo*. Trad. Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras, 2005 [1984], p. 57.

[s]e houve uma norma social no Brasil do século XIX, esta foi sem dúvida a do poder patriarcal, em que o pai era investido de total autoridade não só sobre a família, compreendendo a mulher e demais parentes, como também sobre os criados, os escravos e os agregados. Em *Dom Casmurro*, a situação pode ser vista como inversão da norma, na qual o lugar do pai é tomado por alguém que não pode preencher o seu papel básico, e que também, curiosamente, se dedica à extinção da família, ao invés de buscar sua continuação.¹¹⁸

O pensamento de Schwarz alinha-se com o de Gledson, na medida em que parte do pressuposto de que “a conduta capciosa do autor-protagonista não suspende o conflito social nem a História”.¹¹⁹

A análise formal empreendida por Schwarz detém-se, como não poderia deixar de ser, na escolha de Machado de Assis por um narrador parcial, em primeira pessoa. Audaciosa para a época, a escolha demonstrava não só que o escritor estava a par das técnicas narrativas mais modernas e inovadoras, como as usadas por Henry James, como também havia deixado de lado a escrita com “espírito de missão”. Em outras palavras, Machado de Assis havia desistido de resguardar a imagem da classe dirigente do país:

Na esfera local, o nosso cidadão acima de qualquer suspeita – o bacharel com bela cultura, o filho amantíssimo, o marido cioso, o proprietário abastado, avesso aos negócios, o arrimo da parentela, o moço com educação católica, o passadista refinado, o cavalheiro *belle époque* – ficava ele próprio sob suspeição, credor de toda desconfiança disponível. Do ângulo da ideologia artística nacional, enfim, o narrador cheio de credenciais mas privado de credibilidade configurava igualmente uma situação inédita, difícil de aceitar, em contraste marcado com a anterior. [...] Quando, pela primeira vez em nossas letras, com Machado de Assis, a inteligência da forma bem como as idéias modernas comparecem livres de inadequação e diminuição provinciana, já não é dentro do anterior espírito de *missão*.¹²⁰

Ao escolher trabalhar com Machado de Assis, Schwarz dá continuidade ao trabalho de Antonio Candido no ponto em que este parou em *Formação da Literatura Brasileira*. Este espírito de missão que Machado de Assis superara foi

¹¹⁸ Ibidem.

¹¹⁹ Schwarz, *Dois Meninas*, ed. cit., p. 12.

¹²⁰ Ibidem, p. 13 (grifo do autor).

detectado por Candido no ensaio “Uma Literatura Empenhada”. Ali, Candido observa que até mesmo antes, mas principalmente depois da Independência, havia em nossa literatura “certa encarnação literária do espírito nacional”¹²¹. Os autores se viam imbuídos do dever de descrever a realidade nacional, o que gerava ganhos, mas com prejuízo estético:

Como não há literatura sem fuga ao real, e tentativas de transcendê-lo pela imaginação, os escritores se sentiram freqüentemente tolhidos no vôo, prejudicados no exercício da fantasia pelo peso do sentimento de missão, que acarretava a obrigação tácita de descrever a realidade imediata, ou exprimir determinados sentimentos de alcance geral. Este nacionalismo infuso contribuiu para certa renúncia à imaginação ou certa incapacidade de aplicá-la devidamente à representação do real, resolvendo-se por vezes na coexistência de realismo e fantasia, documento e devaneio, na obra de um mesmo autor, como José de Alencar. Por outro lado favoreceu a expressão de um conteúdo humano bem significativo dos estados de espírito duma sociedade que se estruturava em bases modernas.¹²²

Fazendo o movimento inverso, como observa Schwarz, na segunda fase machadiana, “os excelentes recursos intelectuais vinculados a Bento Santiago não representam uma contribuição a mais para a civilização do país, e sim, ousadamente, a cobertura cultural da opressão de classe”.¹²³ Schwarz vê a obra de Machado de Assis como uma crítica irônica, feita de dentro para fora, deste tipo de uso dos recursos culturais, que em princípio seriam civilizadores.

Na análise, Schwarz divide *Dom Casmurro* em duas partes. A primeira retrata a luta de Bentinho e Capitu contra a promessa feita por Dona Glória para que pudessem se casar; a segunda começa com a felicidade conjugal do casal e termina com o trágico exílio que Bento impõe à Capitu e ao filho Ezequiel. Levando em conta que o narrador arma a história para convencer o leitor da culpa da mulher, Schwarz conclui que é nele que está “o enigma cuja decifração importa”.¹²⁴ Isto porque enquanto a crítica se dedicava a descobrir indícios de que Capitu havia sido adúltera, de que não tinha boa índole desde o começo do romance, de que era a “fruta dentro da casca”, Bentinho ficava escondido por trás de seu jogo de marido

¹²¹ Candido, *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, p. 26.

¹²² *Ibidem*, pp. 26-27.

¹²³ Schwarz, *Dois Meninas*, ed. cit., p. 13.

¹²⁴ *Ibidem*, p.16.

traído e amargurado. Para Schwarz, rebaixar Capitu seria difamar as “qualidades prezadas da Ilustração, indispensáveis à realização do indivíduo”.¹²⁵ Para comprovar este ponto de vista a leitura da obra pediria, no entanto, que se trouxesse à tona sua topografia social.

Sobre a constelação social do romance, Schwarz aponta que Dona Glória ocupa a posição central. Herdeira das propriedades do marido ao enviuar, vive de rendas e é retratada pelo filho como “uma santa”. O crítico nota, porém, que, pelo modo como as personagens tentam agradá-la, não há dúvidas quanto à autoridade que exerce sobre elas. Dona Glória possui escravos e vive cercada de parentes e agregados. Schwarz define agregado como “uma figura que, não tendo nada de seu, vive *de favor* no espaço de uma família de posses, onde presta toda sorte de serviços”,¹²⁶ como é o caso de José Dias. Fazendo-se de médico homeopata, ele bate à porta dos Santiago. Como consegue curar a febre de alguns escravos, é admitido na propriedade e lá continua mesmo depois de confessar que não era formado em nada, pois haviam se habituado a ele. Sua situação é sempre dúbia, já que ele não goza de direitos garantidos e sabe que a qualquer momento pode ser mandado embora. Tenta, então, se fazer útil da maneira que pode, o que significa que nunca pode dizer o que realmente pensa, já que está sempre temeroso de perder o lugar de onde provém sua sobrevivência.

Schwarz aponta que José Dias cultua a “face representativa da ordem”, ou seja, a cultura da classe dos proprietários, que inclui o que leem e o que vestem. É claro que, impossibilitado de acompanhar de perto as tendências da moda dos proprietários, José Dias usa roupas ultrapassadas. O narrador afirma, com humor maldoso, que a personagem “foi dos últimos que usaram presilha no Rio de Janeiro, e talvez neste mundo”.¹²⁷ Para Schwarz, “há um lado abjeto nessa adesão, pois as delícias que ela proporciona, compensando em imaginação o desvalimento social efetivo, excluem a revolta, a formação do critério próprio e a reflexão a respeito”.¹²⁸ Ou seja, o conhecimento não estaria, nesse caso, a favor do esclarecimento, pelo contrário. Dominar a cultura dos proprietários serviria apenas para dar falso brilho a José Dias e iludi-lo momentaneamente quanto à posição que ocupava na sociedade.

¹²⁵ Ibidem, p.17.

¹²⁶ Ibidem, p.19.

¹²⁷ Assis, Machado de. *Dom Casmurro* (1899). Porto Alegre: L&PM, 1997 cap. IV, p. 20.

¹²⁸ Schwarz, *Duas Meninas*, ed. cit., p. 22.

Em contraposição a José Dias está Capitu. Sendo a vizinha pobre, a personagem deveria comportar-se de maneira semelhante à do agregado, mas não o faz. Isso desperta o interesse de Schwarz, que compara Capitu a José Dias, concluindo que Machado de Assis a dotara de clareza mental, independência e entendimento da realidade em que vive e de seu papel nesta mesma realidade. Ela satisfaz, portanto, os “quesitos de individuação” valorizados pela ideologia burguesa europeia:

Sem prejuízo das constantes artimanhas, o agregado não se concebe propriamente como indivíduo, à parte da família a que serve, com a qual se confunde em imaginação e cuja importância lhe empresta o sentimento da própria valia. A sujeição ao marido de dona Glória, depois à viúva e finalmente ao filho não é uma contingência externa, mas o molde de seu espírito, cujas manifestações não se desprendem nunca da necessidade imediata de agradar e emprestar lustre. Capitu, pelo contrário, satisfaz os quesitos da individuação. A menina sabe a diferença entre compensações imaginárias e realidade, e não tem apreço pelas primeiras.¹²⁹

Se a cordialidade e os mecanismos de favor brasileiros impediam que os homens livres satisfizessem os quesitos de individuação e faziam com que se portassem com submissão diante da classe dos proprietários, o gênio de Capitu, como retratado na primeira parte do romance, estaria fora de lugar. Portanto, ou ela seria uma espécie de heroína romântica criada para fazer contraponto à opressão do sistema patriarcal, ou haveria elementos palpáveis no Brasil do final do século XIX que favorecessem o desabrochar dos atributos que a menina pobre apresenta. É certo que ela se encontrava socialmente um pouco acima de José Dias pelo fato de sua família ter alcançado casa própria proveniente do prêmio de meio bilhete da loteria. Mas isto não seria o suficiente para justificar a desenvoltura com que transita pelo meio dos proprietários. Para Schwarz, a personalidade de Capitu apontaria para uma pequena “brecha” do sistema de sujeição pessoal que o paternalismo dos proprietários impunha:

O encanto da personagem se deve à naturalidade com que se move no ambiente que superou, cujos meandros e mecanismos a menina conhece com discernimento de estadista. É como se a intimidade entre a inteligência e o contexto retrógrado comportasse um fim feliz,

¹²⁹ Ibidem, p. 27.

uma *brecha* risonha por onde se solucionassem a injustiça de classe e a paralisia tradicionalista, algo como a versão local da “carreira aberta ao talento”.¹³⁰

Como o sistema é extremamente opressor, mesmo demonstrando independência e espírito crítico, Capitu não está livre de agir “aos saltinhos”, como José Dias. Quando observado sob a lógica das estruturas sociais, o famoso “olhar de cigana oblíqua e dissimulada” que tanto mexera com a imaginação de Bentinho adquire para Schwarz uma característica vinculada à situação da vizinha pobre de Bentinho: “é característica do Casmurro e de sua ideologia de classe apresentar como deficiência moral, como falta de franqueza, a política de olhos baixos imposta pela sua própria autoridade, sem prejuízo de considerar ‘atrevimento’ a conduta contrária”.¹³¹

Schwarz só pode fazer esta análise muito convincente do modo de olhar de Capitu, olhar que já faz parte do imaginário literário nacional, porque vê a personagem dentro da classe social em que a própria constelação do romance a colocou. Contrariando os que dizem que a crítica materialista extrapola os limites da obra, a análise formal de Schwarz não deixa passar nenhum detalhe da história. Há de se concordar que Capitu age como os de sua classe quando abaixa a cabeça diante daqueles a quem está subordinada e que olhá-los de baixo para cima faz todo o sentido dentro da lógica do romance. O modo como Bentinho interpreta o olhar pertence a outra esfera. Como Schwarz observa, de acordo com os interesses do momento, Bentinho se deixa ora seduzir, ora se enraivecêr e finalmente usar esse olhar como prova de dissimulação e traição.

Ao deter-se sobre a segunda parte do romance, Schwarz volta-se novamente para a análise do narrador, que ocupa nova posição: “Bento agora é chefe de uma família abastada, advogado estabelecido, uma figura da ordem”.¹³² E afirma que

[...] embora o assunto seja da esfera privada, e o romance na segunda parte de fato se afunile em direção da dificuldade entre duas pessoas, o tema continua a ser outro: a prerrogativa que tem o proprietário à brasileira de confundir as suas vontades, mesmo as escusas, com os foros da lei, da dignidade etc., segundo a

¹³⁰ Ibidem, p. 25.

¹³¹ Ibidem, p. 27.

¹³² Ibidem, p. 29.

conveniência ou inclinação do momento, e sem que os dependentes tenham como contrastá-lo.¹³³

Diante do ciúme paranoico de Bentinho, Capitu, com a clareza mental que lhe é peculiar, percebe que seria muito difícil contrariá-lo e torna-se refém de sua obsessão.

Quando acusada de adultério, após a morte de Escobar, Capitu acaba sucumbindo à rudeza de Bento. Levada para a Europa com o filho, é deixada em exílio forçado. Ao saber da morte da mulher e posteriormente da do filho, Bento mostra apenas indiferença e regozijo na vingança. Sua crueldade encontra raiz no modo confuso como ele lida com suas emoções. Completando a leitura, então, Schwarz mostra como uma situação social tem efeito na subjetividade das personagens. Assim, demonstra que, diante do poder praticamente ilimitado que possuíam, os proprietários brasileiros não conseguiam enxergar o próprio desejo. Para o crítico emerge desta problemática um dos grandes temas de Machado de Assis: “a indisciplina mental específica à articulação brasileira de escravidão, clientelismo e padrão contemporâneo, em especial a loucura de nossos homens bem pensantes”.¹³⁴

O passo seguinte da análise de Schwarz é pensar em que medida o Casmurro da segunda parte pode ser o mesmo que produzia a prosa da primeira, o que é uma questão formal crucial do romance: “como entender que a elegância da prosa dos primeiros capítulos, suprema sem nenhum exagero, seja a obra e o passatempo dessa figura nociva e patética das páginas finais?”.¹³⁵ Para o crítico, a “fórmula narrativa audaz e de execução difícilíssima” permite que a leitura seja feita de duas maneiras. É possível enxergar o marido ingênuo e traído e o homem prepotente que deixa rastros de sua crueldade. O narrador teria uma “dualidade” que só pode se revelar por completo numa segunda leitura, quando já se sabe que desde o começo seu objetivo era o de condenar Capitu. Haveria assim uma “reversibilidade pronta entre as auto-imagens queridas da elite e as manifestações mais crassas da sua barbárie”.¹³⁶ Com sua leitura, Schwarz observa que nossos proprietários se valeram dos recursos ideológicos adiantados da civilização que nos

¹³³ Ibidem, pp. 29-30.

¹³⁴ Ibidem, p. 30.

¹³⁵ Ibidem, p. 32.

¹³⁶ Ibidem, p. 39.

serviu de modelo (a crença na igualdade, nos direitos humanos, na mentalidade esclarecida), para exercerem na prática o contrário do que apregoavam.

Com esse jogo, Machado exerce um duplo movimento na ótica de Schwarz: em primeiro lugar, expõe nosso cavalheiro distinto como um homem de mentalidade retrógrada e arbitrária, que, diante da lucidez de uma vizinha pobre, se deixa enlouquecer de ciúme; e em segundo, demonstra que a ideologia da civilização adiantada não apenas gira em falso aqui como serve também para encobrir e disfarçar as arbitragens de classe. Deste modo, ela “ajuda o narrador, patriarca e proprietário, a esconder eficazmente os seus interesses impúblicáveis”.¹³⁷ Com esta conclusão, Schwarz resume a função da dualidade demonstrada pelo narrador ilustrado que comete barbáries, tentando não levantar suspeitas: para o crítico, “a ficção machadiana primeiro desqualifica a vida local, por ser matéria aquém da norma da atualidade, e em seguida desacredita a própria norma”.¹³⁸

Nesse movimento dialético, portanto, Schwarz demonstra, por meio da obra de Machado de Assis, que em nível ideológico o Brasil participava ativamente da modernidade, mas na prática optava por modos de organização já superados pelo centro. Evidentemente o custo disto recai, em sua maior parte, sobre os mais pobres. Assim, Capitu não poderia esperar por um final feliz. O final trágico da personagem deixaria claro que a precária mobilidade social que havia no país não era bem administrada pelas elites. Todos os esforços legítimos de Capitu no sentido de superar papéis sociais predefinidos não foram capazes de reverter o obscurantismo e a autoridade do proprietário de terras.

Para tirar essas conclusões da análise, Schwarz precisa pensar o relacionamento entre Bentinho e Capitu para além da dinâmica psicológica inerente a um casal e situá-los social e historicamente, o que requer, também, uma visão sobre o Brasil da época. Suas conclusões estão fortemente amparadas no sentimento de que o país absorvia as ideias vindas da Europa sem, no entanto, aplicá-las com eficácia ao modo de organização da sociedade. E o melhor meio de demonstrar as idiossincrasias deste processo, teria percebido Machado, seria jogar a classe dominante do país contra si mesma, por meio do narrador arbitrário, mas ilustrado, em primeira pessoa.

¹³⁷ Ibidem, p. 41.

¹³⁸ Ibidem, p. 40.

“Outra Capitu”

Minha Vida de Menina, que Schwarz compara com *Dom Casmurro*, não é um romance realista e sim a junção dos apontamentos do diário de uma menina, reescritos pela autora já adulta. Cada entrada do diário de Helena contém histórias cotidianas e parte-se do pressuposto de que os fatos narrados são mesmo verídicos. Porém, mais importantes que os fatos em si são as reflexões sobre o que significam e as emoções que despertaram. A lógica interna do diário seria, entretanto, a mesma que se encontra em um bom romance realista. Isto porque, segundo Schwarz, “estamos em contato com o movimento e com a lógica de uma formação social, o que em fim de contas é o desiderato moderno da literatura realista”.¹³⁹

Por ser um diário de menina, trata-se de uma obra fincada na linguagem oral e em fatos do cotidiano. Talvez por isso, *Minha Vida de Menina* tenha ficado relegada pela crítica à categoria de obra menor. Na ótica de Schwarz, “tudo depende da constelação: a proximidade com o cotidiano pode ter efeito conformista, mas pode também ter efeito crítico”.¹⁴⁰

No entanto, apesar de esquecido pelo cânone e pela crítica, o livro foi muito popular na época de sua publicação. Com ironia e sagacidade, Schwarz tece uma teoria para explicar tal fato: sugere que o livro pode ter despertado o interesse dos leitores por uma curiosidade a respeito da autora que não é artista, o que, sendo verdade, demonstraria certa aversão regressiva à disciplina técnica por parte dos leitores brasileiros. Porém, para Schwarz grande parte do público leitor não percebeu que a obra é dotada de “virtualidade artística evidente”.¹⁴¹ Sua prosa, construída em linguagem despreziosa, advinda da oralidade, conseguiria ser “clara sem ser árida, cheia de ressonâncias, mas alheia a conotações difusas ou inexatas”. Longe de se configurar como um defeito, o caráter oral e informal de *Minha Vida de Menina* seria para o crítico a realização anacrônica de um dos ideais da poesia moderna:

Sob muitos aspectos a literatura de Helena Morley realiza com naturalidade um ideal da poesia moderna. Longe de abundâncias ou parcimônias da escola, escorada na sorte de uma situação histórica

¹³⁹ Ibidem, p. 50.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 93.

¹⁴¹ Ibidem, p. 49.

especial, a menina acerta sem querer com o que outros procuram em vão. Essa facilidade naturalmente tem algo de utopia, que sem se repetir à vontade está disponível para o pensamento.¹⁴²

Roberto Schwarz vai ainda mais longe. De acordo com o crítico, que em sua análise interfere na tradição literária brasileira, a força estética da obra de Helena Morley ficaria ainda mais ampliada se comparada à prosa de seus contemporâneos famosos, que

[...] sem prejuízo dos acertos importantes, são figuras que em comparação com a moça parecem saídas de um museu de equívocos. [...] À luz da simplicidade complexa de Helena muito da obra erudita e do esforço cultural dos contemporâneos parece oco e lamentavelmente ideológico.¹⁴³

A meu ver, “A Outra Capitu” é um grande momento crítico da obra de Roberto Schwarz. O ensaio causa espanto por seu poder de revelação desde o título. Pelas mãos do crítico, Capitu encontra uma semelhante na vida real, o que faz com que o entendimento da lógica interna da personagem fique bastante ampliado. Deste modo, o movimento crítico de Roberto Schwarz revela-se absolutamente original e ousado. A um só tempo, o crítico atribui a Capitu uma série de características positivas, emprestadas de Helena, e aponta um momento histórico em que o desabrochar destas características foi possível. Tanto Capitu ganha nova roupagem quanto a obra de Helena Morley adquire importância inédita.

Schwarz nomeia Helena Morley como a “*outra Capitu*” pois reconhece naquela as características desta. Vamos, então, a elas. Em termos de classe social, nenhuma das duas personagens pertence ao extrato dos grandes proprietários do Brasil oitocentista. No entanto, a configuração familiar das personagens permite que estas estejam em contato próximo com aqueles. Este contato, que em princípio deveria ser bastante opressor, não impede as meninas de terem atitudes ousadas do ponto de vista de quem estava acima delas no jogo social. Schwarz coloca esta questão como um enigma tanto literário quanto social, já que *Minha Vida de Menina* provém das anotações de um diário, e surge daí o fio inicial que conduzirá a análise.

Aprofundando-se no exame da personalidade das personagens, ele aponta algo fundamental: o fato de ambas demonstrarem entender com clareza os

¹⁴² Ibidem, p. 132.

¹⁴³ Ibidem, p. 105.

meandros sociais do meio em que vivem. Isto, no caso de Capitu, revela-se por meio de suas atitudes, sempre descritas por Bentinho. No caso de Helena, temos os apontamentos, que falam por si mesmos.

Esta compreensão global da sociedade se deve em parte à posição que ocupavam, que lhes permitia perceber as consequências do sistema para os mais pobres do que elas e testemunhar os privilégios dos mais ricos. Deve-se também pelo fato de serem inteligentes e audaciosas, de maneira, por assim dizer, despachada. Capitu e Helena não se curvam facilmente à autoridade, mesmo quando há um custo material para tanto. Isto suscita uma individuação maior do que a esperada em um regime social opressor. Por terem claros os seus interesses, sabem usar o jogo social a seu favor, quando possível. Portanto, as duas possuíam grande compreensão dos meandros da sociedade e assumiriam, à primeira vista, uma postura oposta àquelas esperadas pelas relações de dependência e favor, às quais estavam submetidas.

Em termos de organização social, o universo de Helena é típico do Brasil do final do século XIX, com seus proprietários, agregados e ex-escravos. O “espírito”, no entanto, seria outro. A diferença mais marcante deste espírito advém do ponto de vista adotado por Helena: “em vez de se fechar para a circunstância dos pobres, Helena a entende como parte da sua, idêntica ou complementar, e muito de sua ambivalência e perspicácia deriva daí”.¹⁴⁴

Elemento central de sua análise, Schwarz encontra para o ponto de vista inovador de Helena três explicações. De nível histórico, de formação familiar e de constituição individual própria. Em termos históricos, o ponto de vista de Helena estaria relacionado à decadência econômica de Minas na época. Em termos de formação, poderia estar relacionado ao fato de a família de Helena ser metade inglesa e protestante e, por isso, valorizar o trabalho. E em termos individuais, Schwarz refere-se ao “temperamento agitado da própria garota, que anseia por dispêndio físico e trabalho comum como se fossem remédios”.¹⁴⁵

Logo de saída, Schwarz avisa que, nas páginas iniciais, o diário tem qualquer coisa de utópico a par da privação e de muito trabalho braçal. A divisão do trabalho, observa ele, “aglutina as pessoas mais do que as separa, quase sem as

¹⁴⁴ Ibidem, p. 68.

¹⁴⁵ Ibidem, p. 53.

especializar, sem nada de irreversível e exigindo pouca subordinação”.¹⁴⁶ No entanto, a organização da família patriarcal brasileira do século XIX se faz presente, com seus agregados, dependentes, ex-escravos e desvalidos “ciscando à volta” dos proprietários influentes. Este paradoxo, o de uma atmosfera idílica, onde o trabalho parece ser efetuado por todos e com prazer, no seio de uma organização social nada igualitária, é o fio inicial da análise de Schwarz.

O crítico vê as primeiras quatro entradas do diário como “formando um bloco”. Na primeira, há uma quinta-feira em que o dia de muito trabalho para todos se dissipa em uma atmosfera lúdica, de prazeres e alegrias triviais associados ao trabalho, como pescar, catar lenha para vender, lavar roupa e correr atrás de ninhos de passarinhos. Na segunda, todos estão em casa, e aí pode-se observar como a família se distingue dos pobres e exerce seu papel de “gente respeitada e apadrinhadora”. Na terceira entrada, os Morley é que são colocados em um papel social inferior ao fazerem uma visita “meio de cortesia e meio interesseira” a vizinhos mais ricos. A quarta entrada “põe o acento na relação já mais crua com a propriedade privada e o pagamento em dinheiro. Os contrastes são secos, estão à vista como um fato, além de intocados pela glosa, o que *os recomenda à contemplação reflexiva*”.¹⁴⁷ Juntas, estas quatro entradas do diário fornecem muitos dados para o exame minucioso da constelação social em que Helena está inserida. A partir da leitura cerrada destas, Roberto Schwarz tenta esclarecer o paradoxo inicial.

Assim, na segunda entrada do diário, Schwarz analisa uma das reações da mãe de Helena perante uma pessoa de um meio social abaixo do dela. Trata-se de Benvinda, uma ex-escrava, querendo participar o casamento com um rapaz que mal conhecia. Diante da insistência da mãe de Helena em fazer perguntas sobre a situação do rapaz, se tinha trabalho, do que eles iriam viver etc., Benvinda confessa, muito constrangida, que ele era soldado, mas deu baixa porque perdera uma perna. A exclamação: “coitado!”, proferida pela mãe de Helena, não passa em branco para Roberto Schwarz. O crítico percebe que o gesto de simpatia compadecida expressa também, nas entrelinhas, o descaso e a indiferença com a situação dos pobres. Aqui estariam equilibradas de forma machadiana “a naturalidade e a indiferença de fundo

¹⁴⁶ Ibidem, p. 51.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 57.

em face do sofrimento, e no caso, da pobreza”.¹⁴⁸ Esta nociva mistura de indiferença e simpatia com relação aos mais pobres leva Schwarz longe na análise. Ele conclui que:

A cor brasileira se firma ao acaso dos encontros periódicos com o desvalimento de tipo colonial, aquele sem garantia civil alguma. Aos poucos, atrás da mistura de familiaridade e distância, despontam o nada-que fazer, a curiosidade, a culpa, o temor, o esquecimento etc. com que os brasileiros esclarecidos, mesmo hoje, encaramos o destino da massa pobre no país.¹⁴⁹

Na terceira entrada do diário, em que os Morley estão em posição social desvantajosa ao visitar vizinhos abastados, Schwarz coloca a pergunta crucial: “Nestas circunstâncias interesseiro-senhoriais, o que seria uma conduta inteligente?”.¹⁵⁰ Ou seja, faz-se como desejam os mais ricos em troca de obséquios, ou afirma-se o que se pensa de verdade, arriscando perder algumas regalias? O que tem mais valor em uma sociedade onde não há trabalho para todos e se conta em primeiro lugar com Deus e com a sorte? Esta é uma das grandes questões que interessam ao crítico e que também ocupou a prosa machadiana. A pergunta por si só ilustra o quanto se tem a perder em uma sociedade na qual apenas a minoria tem a possibilidade de dizer o que pensa sem arriscar perder o almoço, ou muito mais do que isso. E a resposta a ela nos faz compreender a posição difícil daqueles que estão impossibilitados pelas circunstâncias de se sustentarem apenas pelo próprio trabalho, como é o caso da personagem machadiana José Dias, analisada por Schwarz na primeira parte de *Duas Meninas*. O que se ganha e o que se perde ao se recusar a postura moral de quem anda aos pulinhos, como José Dias? No episódio do diário de Helena, os Morley preferem pagar a conta e arriscam frutas e frango por causa de um riso solto.

Na quarta entrada do diário, Schwarz analisa as reações de Helena diante de uma situação em que uma amiguinha bem pobre, cuja família nem cama tinha, encontra um diamante e ganha algum dinheiro que dá ao pai. O que está em questão é a sorte, a pobreza e a justiça divina, já que o episódio começa com a avó ensinando a Helena que “Deus sabe a quem dá a sorte”. A cena pede uma leitura

¹⁴⁸ Ibidem, p. 59.

¹⁴⁹ Ibidem.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 62.

cerrada, pois “é tão caseira que as suas ironias podem passar despercebidas”.¹⁵¹ A partir desta leitura, Schwarz tece possibilidades que se multiplicam para tentar esgotar a interpretação do episódio, recheado de ironias para o leitor atento. Sua conclusão engloba questões da ordem formal da prosa, que se desdobram em questões sociais; uma crítica materialista exercida com maestria:

[...] Helena está se exercitando numa forma de prosa estabelecida e bem decantada. Penso nas rumações do egoísta diante da sorte madrasta, que formam um gênero mineiro de humorismo, desassombadamente analítico e tocado a despique, possivelmente ligado aos altos e baixos da mineração, mas de estrutura tão universal quanto a propriedade privada. Esse padrão paraliterário, em que se estilizam a seco as dimensões esclarecidas e anti-sociais do individualismo, evolui no meio de anedotas de um mundo ainda colonial, cujas tramas são de outra ordem. Há um verdadeiro acontecimento social e estético na união entre a prosa clara, objetiva, de recorte raciocinante, orientada pelo interesse pessoal, e, do outro lado, a religiosidade tradicional, as imensas parentelas, as classes sociais excluídas da propriedade, a massa de bens que só ocasionalmente têm forma mercantil. Aquém da particularidade das situações, que naturalmente acrescentam muito, esse entrosamento por si só configura um complexo de perspectivas e dilemas originais, um material com alto teor histórico.¹⁵²

Examinando a topografia social que o diário deixa entrever, Schwarz estabelece os três principais tipos de atividades que colocavam aquela sociedade em movimento. Havia basicamente a coleta de subsistência de frutos silvestres e lenha, o plantio e o mercado de diamantes. A coleta garantia a sobrevivência aos desvalidos, o plantio já pressupõe pequenos proprietários de terra e “só o diamante está no circuito estrito da propriedade que é dinheiro”.¹⁵³ Por meio da visão crítica de Helena dos acontecimentos cotidianos, Schwarz conclui que ela tem “uma noção luminosa” do “custo humano” do “cálculo burguês”.¹⁵⁴

É difícil imaginar uma análise de qualquer sociedade capitalista moderna que não leve em conta o custo humano das relações perpassadas pelo cálculo. Este é cobrado tanto dos pobres quanto dos ricos, e não é difícil notar que a conta fica mais alta em uma sociedade que obriga alguns a viverem do favor alheio. Da mesma forma, qualquer romance realista moderno que esteja em sintonia com a realidade

¹⁵¹ Ibidem, p. 65.

¹⁵² Ibidem, pp. 66-67.

¹⁵³ Ibidem, p. 67.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 68.

enfrenta esta questão. Correndo o risco de errar, acredito que numa certa medida o grande interesse de Schwarz, assim como o grande potencial de revelação de sua obra, encontra-se nesta questão intrincada: qual seria o verdadeiro custo humano do cálculo burguês em uma sociedade que se moderniza perpetuando o atraso? Tanto Bentinho quanto Capitu, José Dias, Cubas e Helena Morley, entre outros, pagam esta conta, cada um com sua parcela específica de juros compostos. Somadas, as análises de Schwarz de cada uma destas personagens rendem muito e levam longe no entendimento das contradições que perpassam as relações humanas em nosso país. Tentarei demonstrar em outro momento deste trabalho como a crítica exercida por Raymond Williams se encaixa nesta mesma questão e como, juntas, as obras de Schwarz e Williams oferecem múltiplas perspectivas dos custos da vida moderna, no centro e na periferia do capitalismo.

Como a posição política de Schwarz é clara, o crítico nutre grande simpatia pelo modo como Helena tenta escapar do “constrangimento intrínseco às relações de obséquio”, assim como da “disciplina da propriedade”.¹⁵⁵ Não passa despercebido a ele que Helena possui o hábito de inverter o que é socialmente visto como bom e ruim porque percebe no dia a dia que “a vida que dá mais satisfação não se leva no topo, embora [...] se esforce muito para chegar lá”.¹⁵⁶

[...] As inversões na hierarquia estabelecida do bom e do ruim não faltam, e vão do inocente ao considerável: os lugares menos cotados podem ser os melhores, as festas dos negros são mais divertidas que as dos brancos, há mais dignidade nos desvalidos que nos arranjados, a religião, que é civilizada, pode não ser diferente da superstição, que é atrasada, e a imaginação é melhor do que as duas, com as quais se parece etc.

Observe-se que estas descobertas anti-ideológicas não resultam da simples inversão do ponto de vista convencional e não se podem reduzir a um artifício de retórica. Elas pressupõem a curiosidade ativa e desprevenida pelas zonas depreciadas da vida, e vão além, chegando à compreensão esclarecida, nada comum, das relações de implicação recíproca entre posições sociais. Alimentam-se também do gosto de desmontar as presunções dos parentes ricos, e da vaidade – emocionante – de exercitar uma inteligência de exceção, que desde cedo a família, e logo a cidade, reconheceram à menina. Temos o prazer, noutras palavras, de assistir a sucessivos quinaus juvenis no obscurantismo de clã e de classe.¹⁵⁷

¹⁵⁵ Ibidem, p. 67.

¹⁵⁶ Ibidem, p. 68.

¹⁵⁷ Ibidem.

Nada ingênuo e profundo conhecedor das consequências nefastas deste obscurantismo de clã e de classe da sociedade patriarcal brasileira e das sequelas da colonização e do trabalho escravo, Schwarz coloca a humanidade e a graça de Helena na posição de um “enigma” a ser decifrado. E aponta que este mesmo enigma “figura no centro de vários momentos bons da cultura brasileira”.¹⁵⁸ É no momento histórico da Diamantina de Helena que Schwarz vai buscar uma das possíveis razões para tal:

Digamos que a escrita de Helena é impulsionada por uma força de ligação cujo adversário são as segregações e formas de estupidez peculiares à sociedade brasileira de matriz colonial. O momento e o lugar de origem das anotações possivelmente esclareçam alguma coisa a esse respeito. A escravidão acabava de ser abolida e o trabalho livre não estava ainda enquadrado nas alienações da forma salarial. Ou por outra, ao mesmo tempo que a brutalidade escravista começava a ser desautorizada, os rebaixamentos específicos ao trabalho abstrato permaneciam remotos, criando um interregno, promissor ou desregrado conforme as circunstâncias. A noção sociável e humana do esforço em comum, alimentada por Helena, com ressonâncias hoje utópicas, talvez se prenda a essas indefinições. [...] No âmbito que eles [os cadernos da menina] registram, a ferida da escravidão parece em vias de cicatrizar: os ex-cativos seriam absorvidos pelas famílias dos proprietários, a cuja atividade doméstica e econômica se integravam. A gama das assimilações é variada, com margem para arranjos muito pessoais de parte a parte, que não deixam de ser formas de liberdade, possibilitadas pelo afrouxamento da dominação social.¹⁵⁹

O diário de Helena traz vários exemplos de novos acordos nas relações sociais, apontando para uma possível “superação das barreiras escravistas”. A proximidade que Helena demonstra ter com os mais pobres contrasta com a segregação basilar da época. Sabemos que a marginalização dos homens recém-libertos era um dos problemas sociais centrais da nova etapa histórica por que passou o Brasil após a Abolição. Baseado na leitura da obra de Florestan Fernandes, *A Integração do Negro à Sociedade de Classes*, Schwarz contrasta os estudos do sociólogo com os apontamentos de Helena e nota que há diferenças estruturais evidentes entre estes dois universos:

Passada a euforia humanitária da Abolição, o que se viu foram os ex-escravos abandonados à sua sorte e o trabalho forçado substituído

¹⁵⁸ Ibidem, p. 70.

¹⁵⁹ Ibidem, p. 71.

pelo semiforçado, de preferência a cargo de imigrantes. A oligarquia renunciava aos direitos (e inconvenientes, para não dizer obrigações) de proprietária dos trabalhadores, mas não às prerrogativas da irresponsabilidade social, formadas em face da senzala e complementares de sua barbárie. Ligada à predominância do café, a emancipação não cumpria a promessa histórica de incorporar à sociedade contemporânea os negros e os pobres, nem se pode dizer que civilizasse essas relações, que mudavam mas não se aperfeiçoavam. A nova barafunda urbana, além de moderna à sua maneira, era tudo menos integrada, renovando os termos da dissociação social antiga. Neste quadro, como situar o mundo em que vive Helena, cuja humanidade salientamos? O país é e não é o mesmo.¹⁶⁰

As diferenças positivas apontadas por Helena, então, poderiam advir das particularidades da Diamantina da época. Partindo para um estudo histórico, Schwarz encontra indícios de que havia ali oportunidades para experiências de vida mais humanizadas. A cidade encontrava-se no meio do caminho entre a abolição da escravatura e a implantação do trabalho assalariado. O momento de transição era profícuo para a transformação das relações sociais:

Atenuava-se a dissociação entre as classes, e a própria autoridade patriarcal, desligada do acicate do enriquecimento infinito, ficava menos distanciada. Um certo grau de desespecialização – ou de cooperação familiar – fazia com que a divisão social do trabalho pudesse funcionar também como enriquecimento da experiência individual, e não só como força de segregação e sujeição.¹⁶¹

Como sabe que muitas vezes progresso é sinônimo de barbárie, Schwarz encontra justamente na decadência econômica da Diamantina da época uma das razões para estas formas de sociabilidade mais civilizadas registradas no diário de Helena:

Combinada à abolição, sem a qual o resto não seria possível, a outra causa de progresso terá sido a decadência econômica da região. O paradoxo é interessante, pois ensina a ver a estreiteza dos progressismos correntes, desprovidos de antena para a melhora da sociedade.¹⁶²

¹⁶⁰ Ibidem, pp. 72-73.

¹⁶¹ Ibidem, p. 75.

¹⁶² Ibidem, pp. 73-74.

O ponto de vista de Helena, que, como vimos, inverte as noções comuns de bom e ruim, segue na contramão da “noção adulta, masculina abastada e branca de progresso”.¹⁶³ Sem forçar a interpretação, Schwarz avisa que não há nada de surpreendente em se preferir “a mistura social e racial dos brinquedos de rua à propriedade e à distinção de classe” durante a infância, pois a liberdade da primeira é muito superior às restrições da segunda. O importante a se notar, no entanto, é o modo como Helena expressa essas preferências infantis em sua prosa. Elas aparecem “em veia polêmica e sem apequenamento, colocando em evidência a injustiça e o sacrifício impostos pela razão dos proprietários, que ocorria ser a ordem dos adultos”.¹⁶⁴ Ou seja, a dinâmica que interessa observar está condensada na forma literária da obra:

[...] No plano da prosa literária resultou uma figura particular da atitude esclarecida, sem alinhamentos automáticos de classe, oposta aos absolutismos senhoriais antigos, crítica também das separações sociais trazidas pela nova propriedade civilizada, e sobretudo simpática ao campo dos tutelados, cujos interesses reconhece e interpreta em parte como próprios, sem por isto lhes ignorar os elementos de absurdo, que aliás entre os abastados tampouco faltam. Para avaliar o alcance desta distribuição dos acentos, em que as Luzes não funcionam como preconceito de classe, digamos que ela não deixa que se forme o antagonismo entre Civilização e Barbárie, que na época imbecilizava os atos, o pensamento e a prosa de muitos de nossos compatriotas ilustres.¹⁶⁵

O passo seguinte da análise consiste em um exame cerrado do espírito crítico de Helena. Uma das características importantes que Schwarz destaca é o fato de Helena não apenas apresentar, mas analisar e questionar o ponto de vista dos outros, como o de sua mãe, por exemplo, que quer ensinar que a vida não é feita apenas de divertimento. Desenvolvendo independência de pensamento, ela dá provas “do caráter ao mesmo tempo individualista, sociável e rebelde de sua inteligência”.¹⁶⁶ Buscando a lógica que move esta atitude, Schwarz observa que Helena mostra-se em claro processo de adaptação ao mundo que a rodeia, tentando perceber o que perde e o que ganha se estiver de acordo com esta ou aquela

¹⁶³ Ibidem, p. 77.

¹⁶⁴ Ibidem, p. 79.

¹⁶⁵ Ibidem.

¹⁶⁶ Ibidem, p. 85.

posição. E assim, com clareza mental e visão nada parcial, acaba também por trazer ao primeiro plano o ponto de vista das classes desfavorecidas:

A pertinência literária chega através de certa agregação de interesses: a escrita da menina faz com que o ponto de vista dos desvalidos, dos parentes pobres, dos ex-escravos, das mulheres, do trabalho, dos esfomeados, dos bichos, bem como da própria criança escape ao mutismo e se defronte com as regras da propriedade e da autoridade. São as energias misturadas da negação e da acomodação que somam e se canalizam com espontaneidade através da verve da escritora.¹⁶⁷

Por meio deste processo, *Minha Vida de Menina* atinge formalmente objetivos largamente almejados pelo romance realista. Fica difícil não perceber, por meio da análise de Schwarz, que se trata de uma obra complexa, bem construída e bem estruturada. Por meio dela,

[...] conhecemos não só os significados de que se reveste a ordem social para a menina que não quer ser tola, como teremos presenciado o choque dos diversos pontos de vista relevantes da sociedade, que vão se especificando reciprocamente no processo. Sem favor, estamos diante da multilateralidade abundante e diferenciada que distingue o grande romance realista.¹⁶⁸

Ainda com relação à construção formal da obra, Schwarz coloca a pergunta: “em que experiência se escolaram as inversões de perspectiva, a ida constante ao outro lado das coisas, a simpatia pelas posições desprezadas, o recuo em face das prestigiosas, e sobretudo o senso dos condicionamentos mútuos?”¹⁶⁹ A humanidade de Helena seria uma impostura literária ou relações fundadas na igualdade existiriam de fato no país? Para o crítico, esta questão pede depuração histórica.

Schwarz estabelece sempre em suas análises, como vimos, a reversibilidade entre o conteúdo histórico e a forma literária. No caso de *Minha Vida de Menina*, o conteúdo histórico depurado na obra seria, paradoxalmente, negativo. A decadência econômica da Diamantina da época, que afrouxava os laços com o mercado mundial de diamantes, possibilitava o surgimento de um ordenamento de classes menos

¹⁶⁷ Ibidem, p. 132.

¹⁶⁸ Ibidem, p. 87.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 69.

rígido, já que os antigos mecanismos de exploração colonial ficavam destituídos de sentido. Schwarz vê nesse processo

mudanças com ganho humano evidente, que não é exagero chamar de desalienação e que só não cabem na noção de progresso por criticável deficiência desta última. [...] estamos diante de uma variante estrutural da evolução do país, o qual aqui parece em vias de dar certo.¹⁷⁰

Por meio da prosa narrada por uma menina que demonstra “atitude esclarecida”¹⁷¹ e que não precisa excluir aspectos mundanos da realidade para descrevê-la com simpatia, emerge a possibilidade real de uma resolução social mais justa para as fraturas do país. Não se trata, porém, de um objetivo atingido literariamente por meio do distanciamento da realidade, como ocorreria, por exemplo, na obra *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freire, cuja visão menos desumana da escravidão não teria sido possível se o autor tivesse saído do âmbito da escravidão doméstica.¹⁷² Em *Minha Vida de Menina*, as relações sociais parecem mesmo ter adquirido, momentaneamente, aspectos bastante positivos, o que surpreende.

No entanto, como “o país é o mesmo”, Schwarz observa que nos relatos humanizados de Helena já se podia notar indicadores de que a forma social mais avançada e conciliadora seria pouco duradoura. Mesmo assim, é do maior interesse perceber que num momento histórico de grandes injustiças sociais no Brasil, conviveram, simultaneamente, práticas sociais que caminhavam em sentido oposto a estas. De um lado estaria o progresso burguês dos grandes centros e de outro esse “interregno meio devido ao acaso” condensado formalmente em *Minha vida de menina*, que nos proporciona um exemplo de relações sociais mais justas e humanizadas.

Mesmo sendo um diário baseado em fatos reais, para Roberto Schwarz *Minha Vida de Menina* atinge objetivos dos grandes romances realistas, como já apontei acima. A comparação entre Helena e Capitu não parece descabida, portanto. Sob a ótica de Schwarz, a aproximação entre *Dom Casmurro* e *Minha Vida de Menina* se justifica e traz ganhos. O crítico esclarece que “não se trata de nivelar

¹⁷⁰ Ibidem, p.76.

¹⁷¹ Ibidem, p.79.

¹⁷² Ibidem, pp. 135-136.

trabalhos diferentes, ou seja, de transformar *Minha vida de menina* num romance, nem de ver em *Dom Casmurro* uma coletânea de cenas da época”.¹⁷³ No entanto, conclui, “os dois livros expõem em chaves diversas, mas comparáveis, o conjunto peculiar de posições e relacionamentos que se poderiam chamar de matéria brasileira, cujos desdobramentos até hoje não deixaram de nos dizer respeito”.¹⁷⁴

Schwarz deixa claro, provavelmente para escândalo da crítica convencional, que em termos de qualidade literária a obra de Helena Morley supera formalmente os romances da primeira fase de Machado de Assis.¹⁷⁵ Não que o diário da menina tivesse altas pretensões artísticas, pelo contrário. Mas como observa o crítico, “a qualidade literária pode existir – para nós, cem anos depois – onde não constava do programa, e pode faltar onde foi perseguida com estudo e afinco”.¹⁷⁶ Sem desmerecer o ganho literário dos romances da primeira fase de Machado de Assis, em que o autor “rompia com as ilusões romântico-liberais da moda e com os modelos narrativos europeus que lhes correspondiam”,¹⁷⁷ Schwarz aponta que este rompimento, por maior valor que tivesse, acabou por criar novas formas de “conformismos”. Os romances são acompanhados de “uma nota edificante”, percebida pelo próprio Machado de Assis, que teve de fazer o movimento nada fácil de superar o seu próprio método literário.¹⁷⁸ Os apontamentos despreziosos do diário de Helena, por sua vez, aproximam-se do cotidiano com espírito crítico e “conhecimento dos interesses em confronto”.¹⁷⁹

Vimos até aqui como Roberto Schwarz mapeia a Diamantina de Helena e esboça, a partir das quatro primeiras entradas do diário, a topografia social exposta na obra. O crítico também reafirma o valor da escrita que, sem pretensões artísticas, alça voo alto. Em seguida, destaca as peculiaridades da personalidade de Helena sem idealizações, buscando dentro e fora dela as razões para tal espírito crítico. O próximo movimento será então o de comparar a menina da vida real à figura criada por Machado de Assis. As semelhanças são realmente muito grandes:

Aí está a menina pobre e inteligente, com idéias adiantadas, manobrando para se fazer preferir pela matriarca do clã, em meio à

¹⁷³ Ibidem, p. 91.

¹⁷⁴ Ibidem.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 92.

¹⁷⁶ Ibidem.

¹⁷⁷ Ibidem.

¹⁷⁸ Ibidem.

¹⁷⁹ Ibidem.

rivalidade de parentes e dependentes, alguns sem nada de seu, num ambiente dividido entre as marcas da escravidão, o decoro católico e as aspirações ao progresso. Há semelhança nas coordenadas sociais de fundo, no conteúdo prático e moral dos constrangimentos, em que o individualismo em formação paga tributo à ordem antiga, na fisionomia intelectual muito brilhante das mocinhas, e por momentos até no tom.¹⁸⁰

Schwarz demonstra como Helena e Capitu usam a inteligência para superar preconceitos de classe e obscurantismos de várias ordens. Na primeira parte de *Dom Casmurro*, Capitu comanda o namoro com Bentinho com maestria, percebendo coisas que ele, com visão turva, não enxergava, como, por exemplo, que José Dias se alinharia com este ou aquele lado, dependendo do que considerasse mais vantajoso. Sai vitoriosa, faz o que seria percebido como um bom casamento, e alcança o idílio amoroso por algum tempo ao lado de Bentinho. Também Helena usa de sua astúcia para disputar espaço com tios e primos e “pratica a forma de sarcasmo que consiste em adotar o ponto de vista e as palavras do adversário para deixá-lo mal, à grande maneira machadiana, levada ao máximo na construção de *Dom Casmurro*”.¹⁸¹

Até este ponto, a trajetória de ambas as personagens apontava para cima. Com isto, deduziríamos que havia

[...] um movimento em curso para melhor, uma tendência geral à civilização em que mal ou bem os proprietários, e às vezes a sorte, se mostrariam capazes de reconhecer e elevar os pobres bem-dotados, os quais por sua vez, tendo uma visão menos desumana da desigualdade social, ampliariam o processo, que sairia beneficiado pelas luzes paternas de uns e a gratidão de outros.¹⁸²

Sendo assim, o grande poder de revelação, a “estatura superior de *Dom Casmurro*”, nas palavras de Schwarz, “tem a ver com a convicção contrária, com a certeza da vocação arbitrária e destrutiva da proteção paternalista, longe de providencial ou ilustrada, a cuja demolição polêmica a obra, sem nunca falar diretamente, dedica o melhor de seu engenho *formal*”.¹⁸³

¹⁸⁰ Ibidem, pp. 90-91.

¹⁸¹ Ibidem, p. 101.

¹⁸² Ibidem, p. 94.

¹⁸³ Ibidem.

Capitu termina mal e Helena termina bem. Deste modo, Helena se assemelha a Capitu apenas na primeira parte do romance de Machado de Assis. A trajetória de Capitu aludiria, assim, ao verdadeiro curso da história. Como pensa em termos globais, Schwarz aponta que a derrota de Capitu perante Bentinho dá mostras do trajeto seguido pelo Ocidente no século XX, que Machado de Assis intuiu e formalizou:

Não custa acrescentar que a fusão tão verdadeira de traços patriarcais arcaicos e aspectos do decadentismo da virada do século fazem do doutor Santiago uma figura não só do atraso do país, como também do progresso do Ocidente, visto o significado que tem para o mundo contemporâneo a compatibilidade das aparências modernas com a permanência do substrato bárbaro.¹⁸⁴

Não se trata de verossimilhança, no entanto. “O percurso de Capitu, que termina mal, não é mais verossímil que o de Helena, que termina bem. Até pelo contrário, pois a virada completamente infeliz da vida daquela custa a crer”.¹⁸⁵ A questão é que, como Capitu é uma personagem de ficção, seu destino é bastante representativo. Sua trajetória descendente seria condizente com a visão pessimista, e coerente com os fatos, que Machado de Assis teria do Brasil. Roberto Schwarz coloca a questão da seguinte forma:

Nesta linha, quando a certa altura o romancista [Machado de Assis] se convence de que a sociedade brasileira não daria o esperado passo para melhor, muda também a sua estima pelo ascenso de classes. Este já não antecipa o progresso geral e deve ser estudado segundo o seu custo em acomodações desairosas, na ausência das quais há o naufrágio, como no caso de Capitu. Digamos então que a exigência de verdade social – por oposição ao romanescos da aventura isolada – levava o ficcionista a conceber como *representativo* o destino em que um pobre cheio de possibilidades e méritos é vencido pela adversidade comum, quer dizer, pela conduta discricionária da gente de bem.¹⁸⁶

A trajetória de Helena, em oposição à de Capitu, sugeriria uma “variante da fratura social”¹⁸⁷ do país, que aponta para rumos históricos que poderiam ter de fato ocorrido, ou que tiveram condições de possibilidade para ocorrer. Assim, por meio

¹⁸⁴ Ibidem, p. 97.

¹⁸⁵ Ibidem, p. 101.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 102.

¹⁸⁷ Ibidem.

dos apontamentos do diário nos deparamos com um momento em que parece ter havido um impasse entre relações sociais mais democráticas e justas na sociedade brasileira do final do século XIX e mecanismos regressivos da dominação paternalista dos proprietários. Nesse sentido, conclui Schwarz, “o caráter audacioso da composição de uma obra-prima nos abre os olhos para ordenamentos dispersos, de baixa definição, mas também eles interessantes e dotados de força estética, ativos em obras que espelham a experiência cotidiana sem serem de ficção”.¹⁸⁸

Considerando a Capitu da primeira parte de *Dom Casmurro* como uma personagem com traços enigmáticos e pouco comuns aos de sua classe, Schwarz encontra nos apontamentos do diário de Helena Morley uma pessoa da vida real com características semelhantes. Atento para o fato de que este tipo de coincidência possui mais a revelar se investigado com profundidade, o crítico retoma o estudo de *Dom Casmurro* à luz de *Minha vida de menina* e vice-versa. A reversibilidade entre as duas demonstra que a trajetória de Capitu estava fincada no curso real da história e que a de Helena, embora real, pertencia à constelação das resoluções mais humanizadas, porém não hegemônicas que, ainda que em caráter de exceção, teriam sido possíveis na organização social do Brasil do final do século XIX.

¹⁸⁸ Ibidem, p.103.

III

As leituras de Raymond Williams e Roberto Schwarz: Alguns pressupostos

Os modos de leitura de Raymond Williams e Roberto Schwarz resultam de uma opção política. Opção de pensar as produções culturais como instrumentos importantes de aferição social. Este modo de interpretação implica ver a arte não como uma esfera espiritual e abstrata pairando sobre a vida real; aqueles que pensam assim costumam valorizá-la por sua intenção de resguardar a sensibilidade perdida no embate com a realidade, de preservar as tradições e os valores humanos, de elevar a vida do espírito e assim por diante.

Da perspectiva de que partem os autores em foco neste estudo, a materialista, o artista é visto como aquele que trabalha a partir das formas disponíveis na realidade, dando-lhes novas formas – o resultado é o objeto artístico. Estas formas trabalhadas por formas podem ser trazidas à tona pelo movimento de análise materialista, que busca apreender as relações entre a realidade e a forma artística. Neste modo de leitura, para usar os termos empregados por Schwarz, “as articulações historicamente específicas é que são esteticamente decisivas”.¹⁸⁹ O valor de uma obra será, portanto, determinado a partir do modo como nela se articulam forma estética e realidade sócio-histórica decantada.

Encarar a forma estética deste ponto de vista, que até onde consigo perceber é o único que realmente valoriza plenamente a obra de arte, costuma levantar polêmica e desagradar grande parte das correntes críticas, como a estruturalista, por exemplo. Para se ter uma ideia de como a rejeição ao materialismo histórico é sentida, em 1994, Roberto Schwarz abriu sua comunicação no colóquio “Marxismo Ocidental no Brasil”¹⁹⁰ afirmando que “o marxismo está em baixa e passa por ser uma ladainha”. No entanto, em seguida coloca aquela que é a pergunta crucial a ser respondida: “Será mesmo o caso de esquecer – ou calar – o nexos entre lógica

¹⁸⁹ Schwarz, R. “Conversa sobre *Duas Meninas*”. In: *Sequências Brasileiras*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 233.

¹⁹⁰ Esse ensaio nasceu de uma comunicação apresentada no colóquio sobre “Marxismo Ocidental no Brasil”, na Unesp de Marília, e foi publicado no caderno *Mais!*, do jornal *Folha de S. Paulo* em 8 de outubro de 1995, com o título de “Um Seminário de Marx”; e posteriormente, com o mesmo título, em *Sequências brasileiras*.

econômica, alienação, antagonismos de classe e desigualdades internacionais? E será certo que a vida do espírito fica mais relevante sem essas referências?”.¹⁹¹

Um dos ganhos de uma análise literária elaborada com base na perspectiva materialista vem da sua força de esclarecimento. Esclarecimento a um só tempo sobre a forma literária e o funcionamento da sociedade. O fazer artístico, quando analisado à luz das relações sociais da sociedade real, ganha outro foco e resultados muitas vezes inesperados. O exercício é complexo e exige que se assuma “a contradição, marca principal do esforço dialético”,¹⁹² o que Schwarz faz com maestria, como observa Jorge de Almeida:

[a] crítica imanente, como diz Adorno, exige o conhecimento que vai além do objeto, através do próprio objeto, ou seja, encontra a marca da sociedade como princípio estruturante e expressivo, não como mero tema ou escolha formal. A relação entre arte e sociedade nos ensaios de Schwarz não se pauta pela análise sociológica nem se limita ao comentário erudito, mas busca o desafio de pensar, a cada obra específica, o sentido da *mediação*. O que interessa não é apenas a idéia (quase banal, embora já uma heresia) de que as obras iluminam e se deixam iluminar pela realidade histórica, mas sim o fato de que o material configurado na obra (lembrando que o conceito de “material” engloba até mesmo o repertório de formas dadas em uma determinada época) é ele mesmo histórico, e assim participa desde o início do processo social.¹⁹³

A partir da investigação dialética, também exercida de forma brilhante por Raymond Williams, é possível enxergar por outro prisma obras canonizadas, que podem assim se enfraquecer ou ganhar novos sentidos. De modo análogo, obras esquecidas e que despertavam pouco interesse podem emergir com significados completamente novos.

Ao contrário do que muitos afirmam, esta é uma visão que valoriza a *forma* literária, pois atribui a ela o poder de revelação das estruturas sociais, que muitas vezes não são compreendidas no embate com o dia a dia. Nas palavras de Roberto Schwarz:

Se há correspondência entre a estrutura social e a estrutura da obra de arte, a dinâmica interna de uma tem a ver com a da outra, e é

¹⁹¹ Schwarz, “Um Seminário de Marx”, ed.cit., p. 86.

¹⁹² Almeida, Jorge de. “Pressupostos, salvo engano, dos Pressupostos, salvo engano”. In: Cevasco, M.E. e Ohata, M. (orgs.). *Um Crítico na Periferia do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 52.

¹⁹³ *Ibidem*, pp. 52-53.

possível estudar e escrever tendo em mente as suas relações de explicitação, aprofundamento, insuficiência, antecipação, atraso etc. Na minha opinião este é o ângulo capaz de dar conta da relevância da elaboração artística, ou melhor, é o ângulo que interessa a quem tem a convicção de que a elaboração artística de fato tem relevância.¹⁹⁴

Aplicando o materialismo histórico nas análises literárias que fazem, Raymond Williams e Roberto Schwarz praticam um modo de ler muito semelhante, com as particularidades do tempo e lugar de cada um. O arcabouço teórico de que se valem está embutido neste modo de ler. Assim, sem se preocuparem em fazer defesas teóricas de seus métodos de análise, os dois trazem uma contribuição única para o entendimento das contradições da sociedade moderna. Podemos perceber influências de pensadores marxistas como Luckács, Adorno, Benjamin, Trótski e, claro, do próprio Marx nas obras destes dois críticos. O resultado da leitura de ambos deriva do modo como aplicam seu conhecimento sócio-histórico às análises literárias e da aposta de que a literatura é um terreno fértil para aferições sociais. O modo de ler de Schwarz e de Williams está, portanto, fundamentado na ideia de que a seara da cultura é espaço propício para a luta e a articulação políticas.

Como tomam partido e se declaram explicitamente críticos de esquerda, Williams e Schwarz não se deixam seduzir pelo canto do progresso que iria, ou irá, segundo a ideologia corrente, oferecer maior “qualidade de vida” – o termo está desgastado, mas é disto que se trata – à humanidade. O esforço de ambos os críticos, por meio dos estudos literários que exercem, segue no sentido de mapear e compreender os rumos tomados pela sociedade capitalista moderna e pela literatura, que lhe dá contornos, por assim dizer, se é que é possível sintetizar nesta expressão tarefa tão complexa. A empreitada é ampla. Os obstáculos com que se deparam são de ordens diferentes, e difíceis de ultrapassar. O crítico brasileiro precisa superar o impulso, sempre presente nas explicações teóricas do país, de particularizar o que é nacional e apartar o Brasil do movimento global. No caso do inglês, a tarefa é a de desmontar a ideologia vigente no centro, cujas contradições estão ali bem mais escamoteadas pelos avanços do progresso, que são reais e nada desprezíveis. Formação de um lado, desmonte e reapropriação da tradição de outro.

¹⁹⁴ Schwarz, “Conversa sobre *Duas Meninas*”, ed. cit., p. 236.

Em uma entrevista em que comenta uma das obras-chave do final do século XX, *O Colapso da Modernização*,¹⁹⁵ de Robert Kurz, Roberto Schwarz lamenta o fato de a intelectualidade brasileira contemporânea ter grande dificuldade em compreender as dinâmicas internacionais e recair “em explicações culturais, de psicologia nacional, apartadas do movimento contemporâneo”:¹⁹⁶

O intelectual latino-americano vive um engajamento peculiar, diferente do europeu: ele está sempre contribuindo para a construção da cultura nacional ainda incompleta. O país novo, ainda em formação, é um pano de fundo especial, com regras próprias. Assim, estamos sempre explicando o Brasil, salvando o Brasil, procurando uma brecha para que “ele” saia do atraso etc. E isso num certo sentido é ótimo, porque é preciso arrumar o Brasil, evidentemente. Mas é também uma coisa muito limitada no plano intelectual. Veja a diferença com o livro do Kurz, que não o escreveu para salvar a Alemanha, mas para entender o movimento da sociedade contemporânea. Acho que nunca tivemos isso aqui no Brasil, o que mostra como a atitude fundamentalmente engajada do intelectual brasileiro, além do mérito, tem também um preço.¹⁹⁷

Ao lermos a obra de Schwarz, percebemos que o crítico toma para si a tarefa de extrapolar o que é nacional e brasileiro. O movimento é sempre dialético: as particularidades do país, que evidentemente existem, servem de alavanca para se entender o lugar que ele ocupa no cenário contemporâneo. Seguindo sua linha de pensamento, concluímos que, ao não encontrar respaldo na realidade brasileira, a ideologia vinda de fora aqui fica pelo avesso, e exposta, portanto. A ideologia liberal europeia dificilmente defensável em meio a tantas contradições precisa ser readaptada, tornando-se, no Brasil, uma ideologia de segundo grau. Schwarz dá a esse processo o nome de “ideias fora do lugar”. Para lembrar os principais movimentos deste seu já bem conhecido ensaio, recorro ao estudo de Maria Elisa Cevasco:

O ensaio parte de um recenseamento de exemplos da intuição que todos temos do caráter postiço das idéias no Brasil. A seguir, atesta a disparidade entre as idéias importadas da Europa e as práticas brasileiras, busca, então, o fundamento dessa disparidade e suas

¹⁹⁵ Kurz, R. *O Colapso da Modernização: Da Derrocada do Socialismo de Caserna à Crise da Economia Mundial*. Trad. Karen Elsabe Barbosa. São Paulo: Paz e Terra, 1992 [1991].

¹⁹⁶ Schwarz, R. “Do Lado da Reviravolta”. In: Haddad, Fernando (org.). *Desorganizando o Consenso: Nove Entrevistas com Intelectuais À Esquerda*. Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 15-26. (Entrevista concedida a Fernando Haddad e Maria Rita Kehl).

¹⁹⁷ *Ibidem*, p. 20.

manifestações nas relações de produção e como essas relações embaralham as noções de centro e periferia, como se diria mais tarde, na medida, por exemplo, em que o escravismo – abominação nacional – era uma empreitada capitalista, abominação internacional. Depois examina como isso se traduz no plano da estrutura de classes, com o papel preponderante do favor na vida social brasileira. Mostra como esse complexo de relações aparece na cultura tanto em suas manifestações artísticas como de vida cotidiana. Mobiliza achados e documentos da historiografia brasileira, da sociologia, da economia, da filosofia e da literatura.¹⁹⁸

O engajamento do intelectual europeu é de fato de outra ordem. No caso de Williams, o crítico tem de lidar com a herança de uma tradição crítica firmemente enraizada na área dos estudos literários quando ingressa em Cambridge. A partir do desdobramento dos preceitos teóricos desta tradição, Williams percebe que há um modo cristalizado de pensar a Inglaterra (sempre vista por meio da oposição campo/cidade, rural/urbano, e de todas as outras oposições e estereótipos derivados desta primeira). O trabalho de Williams impõe-se, então, como uma tentativa de reconstrução, ou melhor, de reapropriação da tradição literária com o objetivo de abrir condições de possibilidade para um novo modo de pensar. Em *The Country and the City* Williams irá, portanto, re-explicar a Inglaterra sob um novo ponto de vista. Uma das consequências deste processo é o desmonte dos pressupostos da crítica literária inglesa do século XX. Trata-se de um modo de leitura, como o de Schwarz, que busca desvendar dinâmicas sociais estruturadas e formalizadas em obras literárias. Ao mesmo tempo, o objetivo também é o de trazer para o debate aspectos da sociedade real, fomentados pelas obras e resgatados pela análise. Esta última se torna, assim, peça fundamental do processo.

Raymond Williams e Roberto Schwarz partem de um dos pressupostos básicos da crítica cultural materialista, qual seja, o de que o artista é capaz de captar, ainda que inconscientemente, as dinâmicas das relações concretas, estabelecidas na sociedade real. Por meio da imagética social que opõe campo e cidade, seu ponto de partida, Williams vai desatando pouco a pouco os nós da ideologia que amarram, a seu ver, a crítica literária na Inglaterra e impedem que obras de grande valor sejam apreciadas por seu potencial verdadeiro.

Como dito no primeiro capítulo, é em larga medida por meio do conceito de hegemonia desenvolvido por Gramsci que Williams estrutura seu modo de pensar a

¹⁹⁸ Cevalco, M. E. “O Averso do Atraso: Notas sobre Roberto Schwarz”. *Terceira Margem*, ano XI, n. 16, jan-jun 2007, pp. 16-17.

organização da sociedade moderna.¹⁹⁹ A partir do estudo deste conceito, Williams percebe que o pensamento hegemônico se cristaliza no que comumente denominamos por tradição. Gramsci, segundo Luciano Gruppi, teria sido “o teórico marxista que mais insistiu sobre o conceito de hegemonia”,²⁰⁰ fundamentado na obra *Il Materialismo Storico e la Filosofia di Benedetto Croce*.²⁰¹ Distanciando-se do modo como Lênin usara o conceito, Gruppi afirma que

[...] o conceito de hegemonia é apresentado por Gramsci em toda a sua amplitude, isto é, como algo que opera não apenas sobre a estrutura econômica e sobre a organização política da sociedade, mas também sobre o modo de pensar, sobre as orientações ideológicas e inclusive sobre o modo de conhecer.²⁰²

O modo como Williams pensa as produções culturais de uma determinada sociedade anda lado a lado com esta visão do conceito de hegemonia.

No ensaio “Base and Superstructure in Marxist Cultural Theory”, Williams lembra que Marx, ao formular os conceitos de “trabalhador produtivo” e “forças produtivas” nos *Grundrisse*, aponta a diferença entre o trabalhador que fabrica um piano e o pianista. Este, para Marx, não seria um trabalhador produtivo; logo, faria parte da superestrutura. Tal modo de pensar as produções culturais da sociedade tornaria inviável, por exemplo, o entendimento da indústria cultural que se estabeleceu no século XX. Além disso, quando a noção de superestrutura é interpretada desta maneira, a teoria marxista anda, ironicamente, lado a lado com a visão idealista da cultura, vista como depositária dos valores e verdades universais.

Williams insiste que, embora a superestrutura não deva ser entendida como um campo abstrato a pairar acima dos modos reais de produção social, não se pode, no entanto, perder o conceito de vista, pois as práticas sociais e culturais ratificam o pensamento hegemônico, determinando, em larga medida, nossos modos de sentir e pensar. Como consequência, ao se considerar o conceito de hegemonia em toda sua complexidade e extensão, os modos de sentir e pensar que nos parecem “naturais” decorrem, muitas vezes, de ideias “impostas”. O que significa, na ótica de Williams, que seriam passíveis de ser transformadas. Essa é uma esperança, talvez

¹⁹⁹ Cf. Williams, “Base and Superstructure in Marxist Cultural Theory”, ed.cit., pp. 31-49.

²⁰⁰ Gruppi, L. *O Conceito de Hegemonia em Gramsci*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 2000, p. 1.

²⁰¹ Há edição brasileira: *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

²⁰² Gruppi, op. cit., p. 3.

utópica, que o crítico mantém mesmo nos momentos mais pessimistas de sua obra. Convém observar, no entanto, que Williams escreve em um momento em que a hegemonia capitalista está sendo fortemente contestada, tanto pelos movimentos sociais organizados no centro quanto por disputas internacionais na periferia. E, como aprendemos com ele, para dar início a um processo de mudança em uma determinada sociedade, é preciso, em primeiro lugar, apreender com clareza as ideias hegemônicas que a regem. Isso pode ser feito a partir do entendimento das produções artísticas e culturais, sendo, no entanto, necessário manter, em alguma medida, a noção de superestrutura:

One of the expected consequences of the crudeness of the base/superstructure model has been the too easy acceptance of models which appear less crude – models of totality or of a complex whole – but which exclude the facts of social intention, the class character of a particular society and so on. And this reminds us of how much we lose if we abandon the superstructural emphasis altogether. Thus I have great difficulty in seeing processes of art and thought as superstructural in the sense of the formula as it is commonly used. But in many areas of social and political thought – certain kinds of ratifying theory, certain kinds of law, certain kinds of institution, which after all in Marx’s original formulations were very much part of the superstructure – in all that kind of social apparatus, and in a decisive area of political and ideological activity and construction, if we fail to see a superstructural element we fail to recognize reality at all.²⁰³

Uma das conclusões a que podemos chegar é a de que os princípios que regem a produção e a reprodução das práticas culturais hegemônicas estariam diretamente ligados às intenções das classes dominantes, que costumam deter o poder sobre os meios institucionalizados de produção e reprodução da sociedade. Williams aposta em uma possível transformação social porque parte do princípio de que o conjunto hegemônico de valores e significados de uma sociedade é dinâmico, capaz de gerar e incorporar significados e valores. A hegemonia está em constante reformulação e sofre pressão de outros modos de ver e sentir, o que comumente chamamos de “cultura alternativa”:

There is clearly something that we can call alternative to the effective dominant culture, and there is something else that we can call oppositional, in a true sense. [...] The facts of alternative and

²⁰³ Ibidem, p. 36.

oppositional forms of social life and culture, in relation to the effective and dominant culture, have then to be recognized as subject to historical variation, and as having sources which are very significant as a fact about the dominant culture itself.²⁰⁴

Como está interessado em entender as dinâmicas das práticas culturais que desafiam as hegemônicas, Raymond Williams cunha os conceitos de práticas “emergentes” e “residuais”. *Grosso modo*, as residuais seriam aquelas formadas a partir de aspectos da antiga cultura dominante que teriam sobrevivido a mudanças ocorridas na sociedade. Por emergentes, o autor entende as práticas, valores e significados realmente novos e revolucionários (o que não significa que tragam, necessariamente, mudanças positivas):

A residual culture is usually at some distance from the effective dominant culture, but one has to recognize that, in real cultural activities, it may get incorporated into it. This is because some part of it, some version of it – and especially if the residue is from some major area of the past – will in many cases have had to be incorporated if the effective dominant culture is to make sense in those areas. By ‘emergent’ I mean, first, that new meanings and values, new practices, new significances and experiences, are continually being created.²⁰⁵

Portanto, no pensamento de Williams a possibilidade de mudança está sempre dada, ainda que, dependendo do momento histórico, possa existir em diferentes proporções. O crítico observa também que a cultura dominante no sistema capitalista possui mecanismos de incorporação de novas práticas que costumam ser moldadas e reformuladas, perdendo as forças transformadora e revolucionária iniciais.²⁰⁶ Ainda assim, Williams acredita que “[...] no mode of production, and therefore no dominant culture, in reality exhausts the full range of human practice, human energy, human intention”.²⁰⁷

Arrisco dizer que Roberto Schwarz seja mais pessimista do que Raymond Williams, embora seu estudo sobre o livro de Helena Morley demonstre que ele

²⁰⁴ Ibidem, p. 40.

²⁰⁵ Ibidem, pp. 40-41.

²⁰⁶ A esse respeito, Williams aponta que a sociedade capitalista moderna costuma estar muito alerta a qualquer prática percebida como emergente: “Indeed it is significant in our period how early this attempt is, how alert the dominant culture now is to anything that can be seen as emergent” (ibidem, p. 41).

²⁰⁷ Williams esclarece que “this range is not the inventory of some original ‘human nature’ but, on the contrary, is that extraordinary range of variations, both practiced and imagined, of which human beings are and have shown themselves to be capable” (ibidem, p. 43).

também admite perspectivas de mudança, ainda que cristalizadas em um momento passado. É possível que, como o seu ponto de vista é o da periferia, haja menos espaço para apostar nas consequências positivas do progresso. Mesmo diante de implacáveis contradições, Williams viu a Inglaterra se democratizar e instaurar o *Welfare State*. Em certa medida, a própria trajetória pessoal e intelectual de Raymond Williams deve-se a esse processo de democratização e ampliação do sistema de educação, que por fim não se sustentou. É preciso considerar também que Schwarz escreve em um momento em que parece não haver espaço para utopias. Como sintetiza Maria Elisa Cevalco,

[o] contexto de nossa prática pode ser definido, para adaptar uma formulação de Fredric Jameson, como o momento da modernidade singular²⁰⁸. Não há mais modernidades alternativas. Claro que entre gente de esquerda sempre se soube que modernidade é o bônus ideológico do capitalismo, sistema constitutivamente incapaz de produzir qualquer forma de utopia, que não seja a utopia do consumo perpétuo e do desejo sempre burlado pela substituição da satisfação de necessidades reais pelo vazio do fetiche. Mas ocorre que o momento em que vivemos, que tem sido caracterizado por muitos como o da globalização ou capitalismo tardio, tem a peculiaridade de se caracterizar justamente por uma sistematização e estandardização muito mais completas do que em qualquer outro momento precedente da história do sistema: trata-se de um processo social onde os valores culturais, incessantemente veiculados pela mídia têm o papel fundamental de azeitar o funcionamento da sociedade, não mais preponderantemente através da propagação da ideologia como falsa consciência, mas através da propagação da ideologia dominante por meio das mercadorias. Idéias, noções e significados não têm mais o mesmo peso social que tinham quando uma crítica militante se propunha desmascarar a ideologia burguesa. Mais talvez do que na própria época de Adorno, fica mais fácil entender agora o que ele queira dizer com : “A mercadoria é sua própria ideologia.” Hoje, como disse recentemente o crítico marxista Zizek adaptando a formulação de Marx, não se trata mais de eles não saberem o que fazem - fazem sabendo muito bem que o fazem e fica tudo por isso mesmo. Vivemos o tempo da razão cínica, o espaço onde não nenhum tipo de “modernidade” parece atraente para as pessoas com o coração no lugar certo.²⁰⁹

Williams se debruça sobre os modos de incorporação do pensamento hegemônico na sociedade sempre com a intenção de propor um modo de vida que, sem desmerecer os avanços gerados pelo progresso tecnológico, possa tornar as

²⁰⁸ Fredric Jameson. *A Singular Modernity*. Londres: Verso, 2002.

²⁰⁹ Cevalco, M. E. “Momentos da Crítica Cultural Materialista”. *Terceira Margem*, ano IX, n. 12, jan-jun 2005, p. 65.

relações sociais mais justas. Ainda seguindo a linha de Gramsci, o crítico aponta as instituições educacionais como as principais agências de transmissão do pensamento hegemônico, de uma “cultura dominante efetiva”. Aquilo que comumente entendemos por tradição, Williams entende sempre como “tradição seletiva”, já que o conhecimento que nos é transmitido pelas instituições educacionais (e, hoje, também pelos meios de comunicação²¹⁰) foi selecionado, adaptado e interpretado pelo ponto de vista hegemônico:

What is true of ‘a culture’, at its most general level – that it is never a form in which people happen to be living, at some isolated moment, but a selection and organization of past and present, necessarily providing for its own kinds of continuity – is true also, at different levels, of many of the elements of cultural process.²¹¹

Aprendemos com o crítico que há razões políticas para que certas obras sobrevivam ao longo dos séculos, enquanto outras nem chegam a ser conhecidas. E também que as obras canonizadas, por sua vez, são muitas vezes passadas para as gerações futuras imbuídas de ideias preconcebidas e lugares predeterminados no que entendemos por “ranking cultural”. É difícil não lembrarmos aqui da leitura que Roberto Schwarz faz de *Minha Vida de Menina*, ou mesmo da sua leitura revigorante dos romances de Machado de Assis. Do ponto de vista destes críticos, o cânone literário pode sempre ser problematizado. Nas palavras de Williams:

For tradition (‘our cultural heritage’) is self-evidently a process of deliberate continuity, yet any tradition can be shown, by analysis, to be a selection and reselection of those significant received and recovered elements of the past which represent not a necessary but a *desired* continuity.²¹²

Nos estudos literários apresentados em *The Country and the City*, Williams questiona a tradição hegemônica, assim como faz Roberto Schwarz em *Duas Meninas*, e desmonta os patamares da crítica literária inglesa. E ensina que tudo o que nos chega como herança do passado vem carregado de significados e valores difíceis de questionar, imbuídos de certa autoridade. Quando se trata do cânone

²¹⁰ Cf. Williams, R. *Communications*. Harmondsworth: Penguin Books, 1976 [1962].

²¹¹ Idem, “Reproduction” In: *The Sociology of Culture*, Chicago: The University of Chicago Press, 1995 [1981], p. 184.

²¹² Ibidem, p. 187 (grifo do autor).

literário, é notório como poucos enfrentam os especialistas e se dispõem a questionar autores consagrados. No entanto, aprendemos com a obra desses dois críticos que as tradições foram selecionadas e perpetuadas por motivos que são sempre históricos.

Williams é explícito ao desenvolver este pensamento em *The Country and the City*. O crítico abre o terceiro capítulo da obra, “Pastoral and Counter-Pastoral”, com os versos de George Crabbe (1754-1832), que em *The Village* contrapõe poesia a verdade: “By such examples taught, I paint the Cot,/ As truth will paint it, and as Bards will not”. Parte da literatura, como observava Crabbe, tornara-se o lugar para onde refugiara-se uma ideologia descomprometida com a representação fiel da realidade. Por meio dela, forjava-se uma ideia, contendo algo de verdade, de como seria a realidade. Crabbe propõe-se então a retratar a realidade “tal qual manda a Verdade, e não como cantam os poetas”²¹³. Ao fazê-lo, reclama para a literatura um papel que tantas vezes lhe fora historicamente negado.

Ao se debruçar sobre o movimento *Pastoral* e a retomada da tradição bucólica, Williams demonstra na prática, por meio de um novo resgate desta tradição, que os poemas em que havia algum tipo de tensão de ordem social foram deixados de lado pelo cânone, ao passo que os eleitos pela crítica especializada, os que chegaram à maioria de nós como representantes fundamentais do movimento, são justamente desprovidos desta tensão. O problema literário está também no modo como a literatura é apropriada:

[...] even in these developments, of classical pastoral and other rural literature, which inaugurate tones and images of an ideal kind, there is almost invariably a tension with other kinds of experience: summer with winter; pleasure with loss; harvest with labour; singing with a journey; past or future with the present. The achievement, if it can be called that, of the Renaissance adaptation of just these classical modes is that, step by step, these living tensions are excised, until there is nothing countervailing, and selected images stand as themselves: not in a living but in an enameled world.²¹⁴

Assim, Williams comprova como o bucólico, que se configurou como forma literária no século III a.C, tornara-se sinônimo de simplicidade quase idílica no século

²¹³ “Tal qual manda a Verdade, eu retrato os campos,/ E não como cantam os poetas em seus cantos.” (apud idem, *O Campo e a Cidade*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Cia das Letras, 2000 [1973], p. 27)

²¹⁴ Idem, *The Country and the City*, ed. cit., p. 18.

XVIII. E a autoridade que nomes como Virgílio ou Horácio invocam parece por demais pesada para ser questionada. Fiel aos seus preceitos, no entanto, e sempre munido de coragem intelectual, Williams nos ensina que toda tradição pode ser questionada, inclusive a bucólica:

All traditions are selective: the pastoral tradition quite as much as any other. Where poets run scholars follow, and questions about the “pastoral” poetry or the poetry of “rural retreat” of our own sixteenth to eighteenth centuries are again and again turned aside by the confident glossing and glozing of the reference back. We must not look, as Crabbe and others, at what the country was really like: that is a utilitarian or materialist, perhaps even a peasant response. Let us remember, instead, that this poem is based on Horace, Epode II, or Virgil, Eclode IV; that among the high far names are Theocritus and Hesiod: the Golden Age in another sense.²¹⁵

Seguindo as facetas ideológicas da representação do campo na literatura ao longo dos séculos, em *The Country and the City* Williams situa um momento crucial: a transição do feudalismo para o mundo burguês. Nesta transição, a representação literária nostálgica do campo serviria, em resumo, para encobrir reações conservadoras ao processo de modernização da sociedade:

If what was seen in the town could not be approved, because it made evident and repellent the decisive relations in which men actually lived, the remedy was never a visitor’s morality of plain living and high thinking, or a babble of green fields. It was a change of social relationships and of essential morality. And it was precisely at this point that the “town and country” fiction served: to promote superficial comparisons and to prevent real ones.²¹⁶

Williams demonstra que as comparações reais entre campo e cidade, aquelas que interessam e que permitem ver as mentiras apregoadas pela sociedade burguesa, foram suplantadas, com a ajuda da literatura, por visões idealizadas das benesses do contato com a natureza. Em romances do século XVIII, como *Clarissa* de Richardson, por exemplo, essas idealizações se configuravam como “responses to the continuing crises of a basically ruthless order, to which there was not, as yet,

²¹⁵ Ibidem.

²¹⁶ Ibidem, p. 54.

any available and adequate social response”.²¹⁷ A verdade, no entanto, é que o capitalismo instalara-se no campo havia muito tempo:

The true history of the England countryside has been centred throughout in the problems of property in land and in the consequence social and working relationships. By the eighteenth century, nearly half o the cultivated land was owned by some five thousand families. As a central form of this predominance, four hundred families, in a population of some seven or eight million people, owned nearly a quarter of the cultivated land. Beneath this domination, there was no longer, in any classical sense, a peasantry, but an increasingly regular structure of tenant farmers and wage-labourers: the social relationships that we can properly call those of agrarian capitalism. The regulatio of production was increasingly in ters of an organised market.²¹⁸

Se a poesia foi então, como insinua Crabbe no século XVIII, o lugar para onde se deslocou uma ideologia que se dispunha a “disfarçar” a realidade, esta é, no entanto, em larga medida a ideologia das classes dominantes. Como pensa Williams, seria preciso correr o risco de agir como um camponês para mostrar o campo como cenário de trabalho, sofrimento e tensões de diversas ordens. E Williams se coloca justamente como este camponês. Não o camponês privado de estudos e imobilizado pela ordem das coisas, mas o neto de agricultores que conseguiu transpor barreiras sociais e tornar-se professor em Cambridge. Foi no ambiente acadêmico que Williams deu-se conta de que a história inglesa havia forjado uma visão estereotipada do campo, ideologia que se traduz, no fim das contas, por fuga e paralisia diante do presente²¹⁹. Em sua leitura da obra de Helena Morley, Roberto Schwarz faz um movimento muito parecido. Para ele, uma das qualidades de *Minha vida de Menina* seria justamente sua disposição em não esconder a verdade banal do cotidiano e expor até mesmo o que contém de ridículo:

Coloridas pelo estoicismo e a boa cara de Helena, que não dá o braço a torcer, a constante procura de frutas para enganar a fome, muitas vezes no pomar alheio, a vigilância sobre os frangos e ovos da casa, para que não sejam furtados por sua vez, a faxina exaustiva que impede de estudar etc., adquirem algo de uma pastoral humorística. No entanto, exista ou não o aspecto estilizado, a necessidade não é convencional. As reflexões a que dá margem são práticas, comportando um pedaço daquela seriedade na

²¹⁷ Ibidem, p. 65.

²¹⁸ Ibidem, p. 60.

²¹⁹ Cf. Williams, *The Country and the City*, ed.cit.

consideração do cotidiano que é uma das conquistas *avançadas* do Realismo literário segundo Auerbach. Em poucos livros da literatura brasileira ela será tão autêntica como aqui.²²⁰

Para uma apreensão mais profícua da leitura de Williams e Schwarz, é preciso lembrar, no entanto, que há posições teóricas que também partem do pressuposto de que o estudo da literatura revela dinâmicas sociais e que, ainda assim, se distanciam dos modos de leitura de Williams e de Schwarz. Veja-se, por exemplo, a posição do crítico inglês F. R. Leavis. Em “Sociology and Literature”, ele é explícito em assegurar que o interesse genuíno pela literatura extrapola o âmbito dos estudos técnicos do texto e configura-se também como um “interesse pelo homem, pela sociedade e pela civilização”:

For to insist that literary criticism is, or should be, a specific discipline of intelligence is not to suggest that a serious interest in literature can confine itself to the kind of intensive local analysis associated with “practical criticism” – to the scrutiny of the “words on the page” in their minute relations, their effects of imagery, and so on: a real literary interest is an interest in man, society and civilization, and its boundaries cannot be drawn.²²¹

Além de reconhecer as relações entre literatura e sociedade, Leavis compartilhava com a esquerda o desejo de se opor ao sistema capitalista. Sua posição fornece, no entanto, um exemplo de crítica hegemônica que, ao tentar revelar, encobre ainda mais o problema e fortalece, ironicamente, o próprio modo de vida que busca combater. Em Cambridge, ao tentar explicitar as dinâmicas por trás da nostalgia do modo de vida rural em uma sociedade brutalmente industrializada, Raymond Williams precisou opor-se firmemente aos preceitos da crítica hegemônica inglesa e dos pressupostos do pensamento de Leavis.

No cenário intelectual da Inglaterra do começo do século XX, as tarefas de mapear e criticar a sociedade ficaram sob responsabilidade da crítica literária. Na história intelectual inglesa, como afirma Wolf Lepenies em *As Três Culturas*, a sociologia, que se firmava como disciplina acadêmica na Europa no final do século XIX, nasce imbricada à crítica literária, diferentemente do que ocorre na França e na Alemanha, e só encontra espaço depois da Segunda Guerra Mundial. Assim, “a

²²⁰ Schwarz, *Duas Meninas*, ed. cit., p. 130.

²²¹ Leavis, F. R. “Sociology and Literature”. In: *The Common Pursuit*, Harmondsworth: Penguin Books, 1993, p. 200.

rápida caracterização do que constitui a especificidade dos *English studies*²²² fornece um esboço da história intelectual inglesa desde Matthew Arnold: ela é uma mistura de sociologia e crítica literária”.²²³ Segundo o historiador Perry Anderson, isso se deu porque nas humanidades inglesas a crítica literária foi “o ponto para onde se deslocou a noção de totalidade”,²²⁴ inerente à sociologia:

Driven out of any obvious habitats, the notion of the totality found refuge in the least expected of studies. The peculiar status of literary criticism, as conceived by Leavis and his pupils, underlines the global anomaly of the system. One might say that when philosophy became ‘technical’, a displacement occurred and literary criticism went “ethical”. The two thereafter stood in a curious relation of inverted complementarity. English philosophy, with Wittgenstein, abandoned ethics and metaphysics for the neutral investigation of language; English criticism, with Leavis, assumed the responsibility of moral judgment and metaphysical assertion. Across the Channel, France exhibited the opposite pattern – a technical, hermeneutic criticism (Poulet or Richard) and an ontological or moral philosophy (Merleau-Ponty or Sartre).²²⁵

Assim, nas primeiras décadas do século XX, o curso de letras com ênfase em crítica literária foi ganhando força no ambiente acadêmico em Cambridge, até tornar-se independente em 1926:

Em Cambridge, o longo processo que deu origem à *English School* só foi concluído em 1926, quando se tornou possível fazer o exame de conclusão da graduação somente para o inglês. Enquanto em Oxford o estudo da literatura e o de línguas estavam estreitamente inter-relacionados, em Cambridge era desenvolvido um programa chamado “Life, Literature and Thought”. Isso era evidência conclusiva de que a idéia de uma crítica literária como doutrina de vida, da forma como fora desenvolvida por Matthew Arnold, recebia agora garantia institucional.²²⁶

Em 1932, F. R. Leavis, juntamente com a esposa, Q. D. Leavis, fundou o periódico *Scrutiny*, ponto de referência para as críticas literária e cultural. Nele, Leavis propôs uma constante oposição à literatura moderna, que via como

²²² Trata-se do curso de graduação em inglês.

²²³ Lepenies, op. cit., p. 195.

²²⁴ Cevalco, *Para Ler Raymond Williams*, ed. cit., p. 81.

²²⁵ Anderson, P. “Components of the National Culture”, ed. cit., p. 97.

²²⁶ Lepenies, op. cit., p. 177.

representante de uma ordem cultural insatisfatória.²²⁷ Herdeiro da época que acreditava dever seus avanços ao pensamento lógico e às ciências,²²⁸ Leavis incumbiu-se de desmascarar os malefícios da crença no progresso. Para isto, valia-se do estudo da literatura. A sociologia, disciplina que poderia lhe oferecer resistência, demorou a se firmar e não encontrava o espaço apropriado na Inglaterra:

Na Inglaterra, havia muito não se formavam aquelas configurações sócio-históricas que em outros países tornavam possível o surgimento da sociologia como disciplina universitária. Lá, o pensamento sociológico havia muito encontrara seu lugar na filantropia e no serviço social, numa série de disciplinas acadêmicas já existentes, na estatística e na administração política. Enquanto em países como a França e a Alemanha a sociologia, com perfis nítidos embora distintos, se desenvolvia como ciência legitimadora ou de oposição, e ainda no interior de cada país se desdobrava em escolas individuais, a sociologia na Inglaterra era simplesmente parte integrante do *common sense* social; ela não precisava ser garantida como uma disciplina acadêmica autônoma. [...] Por décadas não houve, com exceção da London School of Economics, uma faculdade de sociologia; mas na crítica literária, por outro lado, havia oculto um pensamento sociológico vivo.²²⁹

Leavis rejeitava o marxismo, pois considerava que seus adeptos seriam tão materialistas quanto o sistema capitalista e, portanto, mais um de seus produtos. No entanto, compartilhava com a crítica marxista a ideia de que a literatura configura-se como um meio eficaz de compreender a sociedade, e defendia que esta seria um meio mais eficiente do que a sociologia:

Leavis e o círculo da *Scrutiny* não se limitavam a rejeitar a sociologia [...]. Certamente os “leavisites” insistiam em que a crítica literária seria a melhor sociologia. Pois, se a experiência sociológica permanecia necessariamente limitada, e nenhum questionário poderia revelar a natureza humana, escritores como Dickens ofereciam em seus romances uma análise da sociedade contemporânea com uma precisão e um realismo que nenhum especialista poderia conseguir [...].²³⁰

²²⁷ “No one [...] seriously interested in modern literature can feel that it represents a satisfactory cultural order” (F. R. Leavis, “Literature and Society”, ed. cit., p. 192).

²²⁸ Lepenies, op. cit., p. 103.

²²⁹ *Ibidem*, pp. 194-195.

²³⁰ *Ibidem*, p. 183.

Em 1932, Leavis publica *New Bearings in English Poetry*, em que destaca T. S. Eliot como modelo. Para o crítico, a poesia é a arte com o maior poder de comunicar a experiência humana e o poeta aquele que ocupa o ponto mais alto da consciência da raça.²³¹ No âmbito do romance, sua obra mais influente foi *The Great Tradition* (1948), em que aponta os quatro autores pertencentes à grande tradição: Jane Austen, George Eliot, Henry James e Joseph Conrad. Posteriormente, acaba por incorporar Charles Dickens, que havia julgado como “a great entertainer, [who] had for the most part no profounder responsibility as a creative artist”.²³² Apesar de eleger tão poucos autores, Leavis reconhece que outros romancistas tiveram “importância histórica”, como Defoe ou Fielding. Porém, os grandes se distinguiriam por possuírem “intensidade moral” e “capacidade vital para a experiência”: “they are all distinguished by a vital capacity for experience, a kind of reverent openness before life, and a marked moral intensity”.²³³

Em todos os meios, inclusive entre os adeptos da esquerda, Leavis foi destacado como o responsável por fazer dos estudos literários ingleses uma disciplina independente e respeitada e por dar ao estudo da literatura inglesa a devida seriedade:

Leavis is one of the few people who welcomed English as a serious university subject, and welcomed it for what it is, not for what you can turn it into or reduce it to. He agreed with the dilettantes that literature is an art. He agreed with the pedants that it is a legitimate area for hard work. But the hard work was to be applied precisely to understanding the art. While English literature remains a playground, one cannot possibly appreciate its extent, its greatness, or its complexity. Hard work must go into this appreciation. If the modern mind is as confused and disorderly as Richard's experiment indicated, [I. A. Richard's *Practical Criticism*] the very effort to rescue it from confusion and disorder would be an arduous and educative process. Learning to read well would be a discipline, a discipline of what Gourmont had called the sensibility, that is, a discipline of the intellect and the feelings taken – as they must be taken in the arts – together.²³⁴

Na posição de crítico cultural e social, Leavis sentia-se responsável por formar leitores sensíveis, capazes de perceber a expressão da verdadeira cultura

²³¹ Cf. F. R. Leavis, *New Bearings in English Poetry*. London: Chatto and Windus, 1942, pp. 19-20.

²³² Leavis, F. R. *The Great Tradition*. London: Chatto and Windus, 1943, p. 19.

²³³ *Ibidem*, p. 9.

²³⁴ Bentley, E. “Preface”. In: Bentley, E. (org.). *The Importance of Scrutiny*. New York: George W. Stewart Publisher Inc., 1948, p. XXI.

inglesa. Como T. S. Eliot, Leavis partia do pressuposto de que seria preciso haver uma elite cultural, e de que, no século XX, os mais capazes de sensibilizar-se estariam na área dos estudos literários. Contudo, embora defendesse a formação de uma minoria, é preciso esclarecer, como aponta Francis Mulhern, que esta não estaria necessariamente conectada às classes sociais mais altas. O grupo da *Scrutiny* mantinha sérias desavenças, por exemplo, com o grupo de Bloomsbury, independentemente de seu prestígio e da posição social de seus expoentes:

Wherever brittle celebration was paraded as 'intelligence' or glib modernity as genuine adjustment to the contemporary, wherever purely social loyalties were substituted for principled intellectual collaboration or 'currencies' wantonly "inflated" without regard for the "standards" that underwrote them, Scrutiny discerned and denounced the influence of Bloomsbury.²³⁵

Em "Sociology and Literature", Leavis afirma que aquele que detivesse as habilidades para fazer uma análise literária cerrada desenvolveria as qualidades necessárias para influenciar positivamente outras áreas do conhecimento, defendendo, em última instância, a ideia de que a habilidade de exercer a tarefa de crítico literário – nos moldes que propusera – dotaria as pessoas de um diferencial inquestionável:

[...] a living critical inwardness with literature, and a mind trained in dealing analytically with it, would have improved much work undertaken in fields for which these qualifications are not commonly thought of as among the essential ones, if they are thought of as relevant at all.²³⁶

Como já vimos, Leavis aborda a obra literária a partir do *close reading* – leitura cerrada e minuciosa de uma obra, em busca não apenas da excelência estilística, como também dos valores humanos fundamentais ali formalizados. O texto é visto como um objeto à parte, a ser destacado de seu contexto histórico e entendido isoladamente. Sem definição metodológica clara, como observa Sérgio Buarque de Holanda, o método inaugurado por Leavis termina por assemelhar-se à crítica impressionista:

²³⁵ Mulhern, F. *The Moment of Scrutiny*. London: New Left Books, p. 122.

²³⁶ Leavis, "Sociology and Literature", ed. cit., p. 200.

[...] apesar da chamada *crítica nova* ter tido (e ter ainda hoje) alguns devotos tão fervorosos como os teve – e tem – a psicanálise freudiana, o certo é que no seu caso nos achamos privados de qualquer meio decisivo para comprovar a justeza das suas pretensões. Podemos admirar, é certo, a precisão, o discernimento, a sutileza do devoto, mas não são essas mesmas as virtudes que, para compensar tamanhos pecados, já distinguiram certos críticos impressionistas?²³⁷

John Stuart Mill, cuja obra Leavis admirava, acreditava que o verdadeiro artista seria “aquele que reveste a verdade já encontrada com os símbolos de maior impacto e expressividade”.²³⁸ Tomando para si a responsabilidade de separar a grande arte daquela que julgava mero entretenimento, Leavis acredita, de modo análogo ao pensamento expresso por Mill, que o bom crítico literário, assim como o verdadeiro artista, seria dotado de uma sensibilidade especial para reconhecer as verdades formalizadas nas obras de grande expressão artística. Sua obrigação moral para com a sociedade, portanto, seria a de disseminá-las:

If we want some notion of the difference involved in day-to-day living – in the sense of life and its dimensions and in its emotional and moral accenting – for the ordinary cultivated person, we may profitably start trying to form it from the novels of Jane Austen. But only if we are capable of appreciating shade, tone, implication and essential structure – as (it is necessary to add) none of the academically, or fashionably, accredited authorities seems to be.²³⁹

Partindo de uma visão bastante idealista da literatura, vista como capaz de resguardar os melhores valores morais da humanidade e portanto de sensibilizar o sujeito a ponto de fazê-lo ter uma percepção melhor e mais aguçada dos componentes que o tornam humano, Leavis defendia a noção de que os romancistas notáveis seriam aqueles que poderiam interferir na tradição literária e na própria vida de críticos e leitores, promovendo uma nova consciência:

The major novelists [...] count in the same way as the major poets, in the sense that they not only change the possibilities of the art for practioners and readers, but that they are significant in terms of the human awareness they promote; awareness of the possibilities of life.²⁴⁰

²³⁷ Holanda, S. B. de. *O Espírito e a Letra*, vol. II. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 385.

²³⁸ Mill, J. S. *apud* Lепенies, op. cit., p. 110.

²³⁹ Leavis, “Sociology and Literature”, ed. cit., p. 203.

²⁴⁰ Idem, *The Great Tradition*, ed. cit., p. 2.

O modo de pensar de Leavis o leva a rejeitar um escritor como Flaubert, por exemplo, para quem a forma e o estilo seriam as preocupações centrais. Ao compará-lo a Joseph Conrad, Leavis afirma que, apesar de ter estudado os mestres franceses, Conrad os superara principalmente por demonstrar, ao contrário de Flaubert, uma maior “preocupação moral”:

He went to school to the French masters, and is in the tradition of Flaubert. But he is a greater novelist than Flaubert because of the greater intensity of his moral preoccupation [...]. *Nostramo* is a masterpiece of “form” in senses of the term congenial to the discussion of Flaubert’s art, but to appreciate Conrad’s “form” is to take stock of a process of relative valuation conducted by him in the face of life [...]. The dramatic imagination at work is an intensely moral imagination, the vividness of which is inalienably a judging and a valuing.²⁴¹

A falta de precisão no vocabulário crítico de Leavis é problemática em suas análises literárias. Muitas vezes, ao embasar sua opinião a respeito de um autor, o crítico faz uso do termo “gênio”, como afirma a respeito de Henry James: “his registration of sophisticated human consciousness is one of the classical creative achievements: it *added* something as only genius can”.²⁴² Como aponta Perry Anderson, a crítica literária exercida por Leavis possui um caráter “metafísico” e “empírico”. Neste ponto, distancia-se largamente do tipo de análise empreendido por Williams e Schwarz:

But the paradox of this great critic is that his whole *oeuvre* rested on a metaphysic which he could never expound or defend. Empiricism here found its strangest expression. Leavis, whose work transcended the rut of English philistinism so militantly (and was so hated for it), used its most extreme form to evade open debate of his ideas. His was a metaphysic which refused to justify itself.²⁴³

Derivado do latim, o termo *genius*, cujo significado original era “espírito guardião”, entrou no léxico inglês por volta do século XIV. A partir do século XVI passa a significar “característica” ou “disposição” e ganha, por volta do século XVIII na Inglaterra, França e Alemanha, a acepção de pessoa dotada de “habilidades

²⁴¹ Ibidem, p. 30.

²⁴² Ibidem, p. 16 (grifo do autor).

²⁴³ Anderson, P. “Components of the National Culture”, ed. cit., p. 97.

excepcionais”.²⁴⁴ Não por acaso, como lembra Raymond Williams, o termo *artist* também ganha novo significado no século XVIII, representando aquele que executa um trabalho criativo ou imaginativo, em oposição tanto ao artesão (cujo trabalho manual não teria finalidades unicamente estéticas) quanto aos trabalhadores braçais em geral e aos que se dedicam a práticas científicas:²⁴⁵

As these practical distinctions are pressed, within a given mode of production, *art* and *artist* acquire ever more general (and more vague) associations, offering to express a general human (i.e. non-utilitarian) interest, even while ironically, most *works of art* are effectively treated as commodities and most *artists*, even when they just claim quite other intentions, are effectively treated as a category of independent craftsmen or skilled workers producing a certain kind of marginal commodity.²⁴⁶

A conotação que Leavis dá ao termo *genius* demonstra como muitas de suas ideias provêm de uma crítica carregada de noções idealistas de seu tempo sobre o talento individual do artista. E faz, assim, a apologia do indivíduo, esta que é, como sabemos, a ideologia que sustenta muitas das ilusões do sistema capitalista:

Without the individual talent there is no creation. While you are in intimate touch with literature no amount of dialectic, or of materialistic interpretation, will obscure for long the truth that human life lives only in individuals: I might have said, the truth that it is only in individuals that society lives.²⁴⁷

Ao defender a ideia de que a verdadeira cultura inglesa encontrava suas últimas expressões em uma “comunidade orgânica” que teria desaparecido com o advento da Revolução Industrial, Leavis tinha em seus seguidores um grupo minoritário e fatalmente elitista. O papel dessa elite, portanto, seria o de impor aos homens comuns os verdadeiros valores humanos que haviam sido esquecidos. Francis Mulhern resume bem a tarefa intelectual a que o crítico se propunha:

The main task of a culturally responsible criticism was to recover and enforce the “standards” on which the development of an authentically

²⁴⁴ Cf. o verbete “*genius*”. In: Williams, R. *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society (Revised Edition)*. New York: Oxford University Press, 1983 [1976].

²⁴⁵ Cf. o verbete “*art*”. In: *ibidem*.

²⁴⁶ *Ibidem*, p. 42 (grifos do autor).

²⁴⁷ Leavis, “Literature and Society”, ed. cit., p. 185.

“contemporary sensibility” depended; to combat those who obstructed the promulgation of authoritative “standards”; to provide, through a rigorous assessment of literary history, an eligible past that could guide poetic practice in a detraditionalized society, and thus to avert that catastrophic “lapse”. However, the importance of literary criticism was not limited to its role in literary production. It could also claim a definite cultural efficacy on its own account: by virtue of its relationship with literary language and the values incarnated in it, literary criticism possessed a special heuristic capacity that was essential to contemporary intellectual life in general.²⁴⁸

Assim, embora fosse um “rebelde”²⁴⁹ imbuído de ideais democráticos, Leavis segue os preceitos idealistas de Matthew Arnold e incorpora, na prática, valores reacionários, tornando-se avesso à cultura popular de seu tempo. Na segunda metade do século XIX, Matthew Arnold destacava três classes sociais: a aristocracia, a classe média e as camadas inferiores.²⁵⁰ Ao falar dessas classes, Arnold “falava de bárbaros, de filisteus e de plebe” e tinha em mente a “moralização total da política”.²⁵¹

Pois toda reforma social podia ser apenas uma reforma educativa, a tentativa de substituir uma concepção “hebraica” do mundo, concentrada no comércio, por uma cultura “helenística” do pensamento e dos sentimentos. Para Arnold, parecia precipitado iniciar reformas sociais em grande escala sem antes modificar a atitude dos homens envolvidos. [...] A “culture” era a tentativa de atingir a razão e conhecer a vontade de Deus mediante leitura, observação e pensamento – um objetivo que podia ser atingido, não por meio da ciência, mas talvez com a ajuda da poesia.²⁵²

Desse modo, longe de ser uma prática democrática, como pode parecer à primeira vista, a tarefa educacional da *Scrutiny* estava voltada, de fato, para poucos membros cuja “sensibilidade” considerava-se especial. O que essa visão tem de mais ingênua é a crença de que a literatura por si só, e basicamente a literatura de épocas passadas, seria capaz de proteger uma parcela da sociedade das agruras do sistema capitalista industrial. Por trás desta crença, encontra-se o fato de que, por vincular essa sensibilidade humanizadora ao alto nível educacional de um indivíduo, Leavis só poderia ver com ressalvas os trabalhadores a quem essa

²⁴⁸ Mulhern, F. *The Moment of Scrutiny*, ed.cit., p. 117.

²⁴⁹ Lepenies observa que “seria um rebelde contra a Cambridge acadêmica tradicional que daria continuidade e ampliação decisivas ao programa de Arnold: F. R. Leavis” (op. cit., p. 177).

²⁵⁰ Cf. *Ibidem*, p. 172.

²⁵¹ *Ibidem*, p. 173.

²⁵² *Ibidem*.

mesma educação fora historicamente negada, sem propor nenhuma medida verdadeiramente democrática e eficiente para incluí-los.

Em “The Future of Cultural Studies” (1986), Williams traça um panorama do percurso dos *Cultural Studies*, que se fortaleceram na Inglaterra a partir da segunda metade do século XX. As obras fundadoras da disciplina são *Culture and Society* (1958), do próprio Williams, *The Uses of Literacy* (1957), de Richard Hoggart, e *The Making of the English Working Class* (1963), de E. P. Thompson. As ideias principais de Williams ao escrever *Culture and Society* originaram-se nos cursos de educação para adultos da WEA (Workers’ Educational Association), onde lecionou por vários anos. Segundo relata, o projeto configurava-se como:

[...] a renewal of that attempt at a majority democratic education which had been there all through the project, but which kept being sidetracked as elements of it got into institutions which then changed it. Thus there was an initial continuity from the Leavis position of certain analytic procedures which eventually were thoroughly changed, because these people wanted precisely a democratic culture, and did not believe that it could be achieved by the constitution of a Leavisite “minority” alone. They were nevertheless aware, because this was a very practical and pressed kind of work, that the simplicities of renouncing mass-popular education and democratic culture, when you have to go out and negotiate them on the ground, would not be easily resolved.²⁵³

Em sua experiência com educação para adultos, aquele “notably unprivileged sector of education”,²⁵⁴ Williams constata na prática os limites e as contradições dos moldes educacionais propostos por Leavis. Em *The Country and the City*, relata que ao chegar em Cambridge tomara contato com “an influential version of what country life, country literature, really meant: a prepared and persuasive cultural history”²⁵⁵. Profundo conhecedor das desigualdades sociais que marcam a história rural inglesa, é com “deadly, devastating insistence,”²⁵⁶ nas palavras de Terry Eagleton, que Williams desfaz o mito da “comunidade orgânica” defendido pelo grupo da *Scrutiny*. Como observa Perry Anderson, para defendê-lo, Leavis usava como aparato teórico uma pessimista e alarmista filosofia da história:

²⁵³ Williams, R. “The Future of Cultural Studies”. In: *The Politics of Modernism: Against the New Conformists*. Pinkey, T. (ed.) London: Verso, 1989, p. 154.

²⁵⁴ Ibidem.

²⁵⁵ Idem, *The Country and the City*, ed. cit. p. 6.

²⁵⁶ “*The Country and the City* takes the ‘organic society’ illusion and undoes it with deadly, devastating insistence.” (Eagleton, T (ed.). *Raymond Williams: Critical Perspectives*. London: Polity Press, 1989, p. 5).

Leavis's epistemology was necessarily accompanied by a philosophy of history. The organic community of the past, when there was no division between popular and sophisticated culture, died with the Augustan age: Bunyan was among its last witnesses. Thereafter, history for Leavis traced a gradual decline. The Industrial Revolution finally swamped the old rural culture. But it did not initially undermine the existence of a cultivated elite, the minority that created and responded to literature. The nineteenth century produced such Romantic poets as Keats or Coleridge and the great tradition of the English novel – Eliot, Conrad and James. With the twentieth century, however, the inexorable tide of industrialism began to invade the very precincts of humane culture itself.²⁵⁷

Em *The Country and the City*, Williams demonstra que ao se contrapor aos problemas da sociedade industrial com uma visão catastrófica da história, Leavis apenas reproduziu no século XX um modo convencional de se criticar o presente. O mito da “velha Inglaterra rural” já havia permeado o pensamento de outros observadores da sociedade. Esse modo nostálgico de criticar o presente, ou seja, essa “estrutura de sentimento” que Williams consegue isolar, liga-se diretamente à imagem do campo como *locus amoenus*. Usando a metáfora de uma escada rolante que anda para trás, Williams constata que esse modo de estabelecer oposição aos problemas sentidos no presente já havia sido formalizado em vários autores, como o poeta John Clare reclamando em 1809 a perda desse “happy Eden of those golden years”²⁵⁸ e Thomas More, em *Utopia*, 1516, alegando que “esta boa gente transforma todas as terras de morada e lavra em desolação e aridez.”²⁵⁹ Com sua ironia peculiar, Williams propõe que se levássemos a escada rolante ao início chegaríamos provavelmente ao Éden e à perda do paraíso. No entanto, o interesse de Williams não recai sobre o erro histórico, facilmente dissolvido. A questão relevante que interessa a ele observar seria de “perspectiva histórica”:

Against sentimental and intellectualised accounts of an unlocalised “Old England”, we need, evidently, the sharpest scepticism. But some at least of these witnesses were writing from direct experience. What

²⁵⁷ Anderson, P. “Components of the National Culture”, ed. cit., p. 99.

²⁵⁸ Williams, *The Country and the City*, ed. cit., p.10.

²⁵⁹ *Ibidem*, p. 11. Williams transcreve o trecho de More como no original, em inglês arcaico. Na edição brasileira, Paulo Henriques Britto verteu assim para o português: “como se já não fossem desperdiçadas tantas terras em bosques, reservas de caça, prados e parques, esta boa gente transforma todas as terras de morada e de lavra em desolação e aridez”. (*O Campo e a Cidade*, ed. cit., p. 24.)

we have to inquire into is not, in these cases, historical error, but historical perspective.²⁶⁰

Um dos grandes embates de Williams com os olhares nostálgicos do grupo da *Scrutiny*, como reforça a cada capítulo de *The Country and the City*, diz respeito ao modo estereotipado como enxergavam o mundo feudal pré-capitalista:

These celebrations of a feudal or an aristocratic order [...] have been widely used, in an idealist retrospect, as a critique of capitalism. The emphases on obligation, on charity, on the open door to the needy neighbour, are contrasted, in a familiar vein of retrospective radicalism, with the capitalist thrust, the utilitarian reduction of all social relationships to a crude moneyed order. This leads to an evident crisis of values in our own world. For a retrospective radicalism, against the crudeness and narrowness of a new moneyed order, is often made to do service as a critique of the capitalism of our own day: to carry human feelings and yet ordinarily to attach them to a pre-capitalist and therefore irrecoverable world. A necessary social criticism is then directed to the safer world of the past: to a world of books and memories, in which the scholar can be professionally humane but in his real world either insulated or indifferent.²⁶¹

Ao rever o cânone proposto por Leavis em *The Great Tradition* Williams concorda que seja possível traçar uma linha evolutiva do romance inglês que vá de Jane Austen a George Eliot. Porém, observa que “we can do this intelligently only if we recognise what else is happening in this literary development: a recognition of other kinds of people, other kinds of country, other kinds of action on which a moral emphasis must be brought to bear”.²⁶²

No processo de inclusão das personagens pobres, a prosa de Eliot vê-se num impasse em relação à linguagem. Há uma disparidade entre a linguagem simples usada pelas personagens mais pobres e a linguagem analítica e elaborada do narrador. As personagens são individualizadas e agem de acordo com sua consciência individual, mas muitas vezes se valem de discursos retóricos, como Felix em *Felix Holt*, por exemplo. Nestes momentos, as personagens reproduzem o que Williams identifica como a consciência crítica do narrador, que estava socialmente acima das personagens.

²⁶⁰ Williams, *The Country and the City*, p. 10.

²⁶¹ *Ibidem*, p. 36.

²⁶² *Ibidem*, p.166.

O problema decorre do fato de a autora fazer um esforço para tornar os trabalhadores rurais “cognoscíveis” aos leitores de seus romances, que sabia pertencerem, em sua maioria, às classes sociais mais altas.²⁶³ O problema era profundo e sua resolução ultrapassava os limites do momento histórico: “A knowable community can be, as in Jane Austen, socially selected; what it then lacks in full social reference it gains in an available unity of language in all its main uses”²⁶⁴. Enquanto que em George Eliot, “the very recognition of conflict, of the existence of classes, of divisions and contrasts of feeling and speaking, makes a unity of idiom impossible.”²⁶⁵

Se por um lado a obra de Jane Austen apresenta unidade de tom e portanto supera, neste aspecto formal, a de George Eliot, por outro, Eliot tentava encontrar a saída para um dos impasses do romance realista: a inclusão dos pobres. Sob a ótica de Williams, Thomas Hardy dera mais um passo nesta questão:

[...] the difference between Jane Austen and George Eliot, and between both and Thomas Hardy, is not the sudden disintegration of a traditional rural order but a change in literary bearings which brings into focus a persistent rural disturbance that had previously been excluded or blurred.²⁶⁶

Na passagem da literatura de Jane Austen para a de George Eliot, Williams foca sua atenção na mudança do ponto de vista do narrador, propondo que o próprio ponto de vista literário deriva da experiência histórica coletiva. São formas moldando formas. A experiência cotidiana dos pequenos dramas da vida do campo trazida para a narrativa estava sendo vista, na prosa de Eliot, “from an altered point of view”.²⁶⁷

Na visão de Williams, obras literárias trazem à tona dinâmicas sociais verdadeiras, que podem ser comprovadas pela realidade extra-artística – como coloca *Candido* –, ou seja, a realidade que percebemos como tal. Pode-se dizer, portanto, que para ele, assim como para Roberto Schwarz, a forma literária está, ela mesma, na realidade:

²⁶³ Ibidem, p. 234.

²⁶⁴ Ibidem, p. 169.

²⁶⁵ Ibidem.

²⁶⁶ Ibidem, p. 166.

²⁶⁷ Ibidem, p. 167.

Se forem plausíveis as nossas observações, elas autorizam a dizer, contrariando a ideologia artística dos últimos trinta anos, que a forma não é atributo exclusivo da arte, e que sua lógica, e mesmo a virtualidade estética, se encontram também na realidade prática, extra-artística, naturalmente sem os refinamentos da especialização. Inversamente, a inventiva ultra-requintada de *Dom Casmurro*, longe de se esgotar em arte pura, se é que isso existe, logiciza e desenvolve nexos da vida real. A explicitação desse lastro, ele mesmo bem estruturado, confere outro peso à discussão sobre a propriedade artística do romance, pois esta última passa a estar em função de questões levantadas dentro e fora da literatura.²⁶⁸

Sendo assim, como diz Roberto Schwarz, um bom romance sempre lança luz sobre a realidade. O crítico lamenta-se, no entanto, a falta, nos dias de hoje, de estudos literários guiados pelo desejo genuíno de se conhecer a realidade:

[...] um bom romance é de fato um acontecimento para a teoria. Aliás, para um espírito sem prevenção não há nisto nada de excepcional, pois parece evidente a vantagem de se deixar iluminar por um bom livro e pelas qualidades de um bom autor. Entretanto, essa atitude quase de bom senso (não fora que o bom senso é conteudista) raramente é posta em prática. [...] De fato, contam-se nos dedos os trabalhos em que a observação formal, que nesta perspectiva se pode chamar também de experiência estética, ou a confiança no valor de conhecimento da arte, foi o guia efetivo na descoberta de aspectos novos da realidade.²⁶⁹

Seguindo pressupostos muito parecidos aos de Schwarz, e também interessado em ver como a realidade é apreendida no romance realista, Williams demonstra que em *Jude, the Obscure* a realidade do poder econômico é mostrada por meio de um narrador que não vê as personagens pobres com comiseração ou como espiritualmente elevadas por serem pobres. A tônica do romance inverte a fórmula do discurso moralizante que ameniza contradições reais e apropria-se da ideologia apregoada pelas classes dominantes para mostrar o que esta continha de falso. O momento histórico era de certo otimismo e a visão corrente era a de se poder celebrar a nova mobilidade social ascendente do tempo. O trecho abaixo do discurso proferido por Sir Robert Giffen, em 1886, representa bem esta visão:

[...] From being a dependent class without any future or hope, the masses of working men have got into a position from which they may

²⁶⁸ Schwarz, *Duas Meninas*, ed. cit., p. 103.

²⁶⁹ Idem, "Pressupostos, salvo engano, de 'Dialética da Malandragem'", ed. cit., p. 141.

effectively advance to almost any degree of civilisation...The working men have the game in their own hands. Education and thrift, which they can achieve for themselves, will, if necessary, do all that remains to be done.²⁷⁰

A trajetória da personagem Jude, confiante de que “qualquer trabalhador braçal pode alcançar qualquer degrau da civilização”, depõe contra esta ideia. Dessa forma, não cabe no romance nada além de um final trágico. Não se trata no entanto de uma tragédia derivada apenas de erros pessoais. No romance, o discurso hegemônico prova-se ideologia no pior sentido da palavra. Lá, são justamente os detentores da mais alta formação que a civilização pode oferecer que fazem deste discurso uma ferramenta para encobrir interesses de classe. A democracia social ainda estava longe de ser atingida. Sem querer forçar os termos de aproximação, que no entanto existem, o percurso de Jude poderia ser comparado ao de Capitu, no sentido de que as trajetórias de ambas as personagens demonstram como não basta ter talento individual de sobra: é preciso que este talento encontre as condições de possibilidade de se desenvolver. No Brasil e na Inglaterra do XIX, pessoas como Jude e Capitu não encontravam respaldo social para tanto.

Raymond Williams compara Jude a Felix, do romance *Felix Holt*, de George Eliot, como vimos. Ambas as personagens estão em oposição ao mundo que as rodeia. Felix, porém, no final acomoda-se, pois conclui que melhoramento econômico não equivale a melhoramento moral. Jude, ao contrário, acredita que vive em uma ordem social injusta e jamais se resigna. Para ele, o justo seria que houvesse oportunidades iguais para todos e que não fosse preciso abrir mão nem de seu caráter, nem daquilo que deseja. No caráter subversivo que Williams admira na personagem encerra-se algum tipo de tentativa de superação social, que é do maior interesse observar. Dentro do contexto brasileiro, Roberto Schwarz também se mostra atento a superações sociais em vias de ocorrer, ainda que acabem por se dissiparem em meio à ordem hegemônica:

Ora, sem propósito de exclusão ou programa, se formos à substância das nossas configurações culturais marcantes, aquelas em que para mal ou para bem sentimos força e universalidade, iremos verificar – acredito – que envolvem algum tipo de dessegregação, de mobilização liberadora – em geral ilusória – no campo das

²⁷⁰ Sir Robert Giffen *apud* Dyhouse, C. “Further Notes on the Progress of the Working Classes”. In: Lerner, L. (org). *The Victorians*. London: Methuen & Co. Ltda, 1982, p. 73.

deformidades que assinalam a reciclagem moderna da matriz colonial. É como se apontassem o encargo histórico do país, o desastre mundial a consertar, a linha de força que confere universalidade ao provincianismo de nossa problemática interna. Quando uma espécie qualquer de superação entra em pauta, a lâmpada do interesse se acende. Quando não, é a rotina de sempre.²⁷¹

Do meu ponto de vista, portanto, os interesses de Williams e de Schwarz convergem. Williams valoriza na obra de Hardy o fato de o escritor ter sido capaz de apreender formalmente em *Jude, the obscure* as dinâmicas da “mobilidade social ambígua” do século XIX sem concessões ou acomodações inviáveis na prática. Portanto, a “mudança de orientação literária” do romance inglês do século XIX atingia ali um ponto de chegada a ser notado. Processo muito semelhante é o que Schwarz observa na passagem de Machado de Assis da primeira à segunda fase:

A questão é interessante, pois leva a especificar de maneira imprevista os passos de um indiscutível *progresso literário*. Nos anos setenta, quando escrevia os seus quatro romances fracos, quase privados de atmosfera contemporânea, Machado já era forte nas piruetas petulantes e cosmopolitas do folhetim semanal. O que faltava, para complementar a configuração artística da maturidade não era portanto o procedimento narrativo. A viravolta pendente, que permitiria incorporar à elaboração romanesca uma técnica disponível e comum a muitos, era de ordem ideológica.²⁷²

A “viravolta ideológica” a que Schwarz se refere é o fato de Machado de Assis ter desistido de “consertar” o Brasil por meio da obra literária, apreendendo contradições reais do país. Nos romances da primeira fase, haveria uma tentativa da parte do escritor de acomodar personagens e abrandar as consequências nocivas do sistema patriarcal. O processo é muito semelhante ao que Williams observou nos apontamentos sobre a obra de George Eliot. Porém, nos romances da segunda fase, que se iniciam com as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em 1880, Machado de Assis teria optado por exprimir uma visão condizente com os rumos reais que o país tomava. Ou seja, nas palavras de Schwarz, Machado de Assis “convencera-se de que a elite brasileira não ia assumir a responsabilidade histórica de consertar o estrago herdado”:

²⁷¹ Schwarz, *Duas Meninas*, ed. cit., p. 135.

²⁷² Idem, *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1990, p. 232.

Ao perceber que a verdade do movimento histórico era esta e ao fazer dela a pauta de sua composição romanesca, Machado alcançava a sua altitude de grande escritor, com ponto de vista certo sobre uma problemática local de alcance contemporâneo: a comédia do progresso que nada solucionava encaixava-se brilhantemente na ordem geral da atualidade, que através dele mostrava afinidades retrógradas, pouco admitidas e iníquas por sua vez. Onde os companheiros de ofício, anteriores e posteriores, buscavam superações nacionais, Machado refletia sobre as ilusões correspondentes e a dinâmica e o significado escarninho da continuidade no impasse.²⁷³

Assim como Williams aponta uma mudança de ponto de vista na evolução do romance realista inglês de Jane Austen a George Eliot e finalmente a Hardy, Schwarz afirma que, ao admitir os rumos negativos que o país tomava, Machado de Assis fora impelido a operar uma mudança formal no ponto de vista de seus romances:

Sai de cena o narrador constrangido dos primeiros romances, cujo decoro obedecia às precauções da posição subalterna, e entra a desenvoltura característica da segunda fase, [...] cujo ingrediente de contravenção sistemática reproduz um dado estrutural da situação de nossa elite. [...] O ponto de vista troca de lugar, deixa a posição de baixo e respeitosa pela de cima e senhorial, mas para instruir o processo contra essa última.²⁷⁴

Em *Dom Casmurro*, o interessante é que a mudança do ponto de vista se formaliza por meio de um narrador parcial e culto, propenso a seduzir e convencer o leitor que se identificar com ele:

[...] Ao entender que a nossa gente de bem não ia abrir mão de suas prerrogativas incivis, complementares da escravidão, a qual entretanto não as levava consigo ao desaparecer, cabia ao ficcionista conceber as situações narrativas à altura, capazes de desdobrar a lógica desse quadro novo, inglório e difícil de encarar. Ao confiar a Dom Casmurro a palavra “definitiva”, tão culta quanto especiosa, depois de lhe haver dado também o poder da decisão unilateral, Machado montava um dispositivo de enredo deliberadamente desequilibrado, contrário à justiça em geral e à justiça poética em particular, com substância de classe intolerável – *que imitava o curso da História*. Depois de uma primeira situação, onde a relação entre dependentes e proprietários parecera desigual mas equilibrável,

²⁷³ Idem, *Duas Meninas*, ed. cit., p. 143.

²⁷⁴ Idem, *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*, ed. cit., p. 213.

risonha e aberta a emenda, vem a segunda, conclusiva, quando a propriedade se desobriga de tudo, marcando a inicial como ilusão.²⁷⁵

Do ponto de vista de Williams e de Schwarz, portanto, o valor do romance realista está atrelado ao seu potencial de revelação de dinâmicas reais, sentidas na sociedade real, como sustenta Antonio Candido. A obra que merece destaque trabalha internamente as dinâmicas externas de modo produtivo para ambas. Isso pode ser feito por meio de linguagem simples e despretensiosa, como em *Minha Vida de Menina*:

A literatura moderna nos acostumou a ver as suas conquistas sob o signo do esforço, da disciplina, da renúncia etc. A correspondência de Flaubert dá notícia da trabalhadeira e do senso de responsabilidade em busca da *palavra certa*. Analogamente, a *prosa desconvenionalizada* depende da luta contra o prestígio e os automatismos da retórica, assim como a *figura clara* só se alcança ao cabo de árdua depuração. Em todos os casos se trata de recusar a mentira – sobretudo burguesa – sedimentada nas relações sociais, em nós mesmos, na linguagem e na tradição artística. Ora, sem forçar comparações descabidas, observe-se a qualidade paramoderna da prosa de Helena, mais satisfatória que muitas sob todos os aspectos mencionados, mas decorrendo de uma constelação histórica diferente. A expressão exata no seu caso não é conquistada contra, mas a favor do uso comum. Este parece encerrar mais verdade que mentira, pois o seu opositor é a linguagem elevada e, de modo geral, a ocultação do cotidiano trabalhoso e trivial, assim como o seu depositário é a oralidade com lastro popular, em circunstâncias de beletrismo a serviço da distinção de classe.²⁷⁶

Schwarz, portanto, discorda de posições como a disseminada por Roland Barthes em “L’Effet de Réel” segundo a qual a prosa de ficção produziria um “efeito de realidade” apenas com o objetivo de iludir o leitor, sem desenvolver nexos reais com a realidade:

Lembrada a audácia formal e crítica das boas obras realistas, bem como a sua antena para as feições mudadas do mundo, a pobreza da definição, que transforma em defeito uma das conquistas da cultura moderna, deixa perplexo. É como se a composição dos romances de Stendhal, Balzac e Flaubert não buscasse de fato imitar e apreender o ritmo da sociedade contemporânea – o verdadeiro objeto novo de nosso tempo [...]. Ao romper com as formas

²⁷⁵ Idem, *Duas Meninas*, ed. cit., p. 97.

²⁷⁶ Ibidem, p. 132.

convencionais, a escrita realista – a despeito de Barthes – tomava a si o encargo de imaginar e compor, para uso da contemplação crítica, o movimento da sociedade, cuja figura, por mais que digam, não é de retórica.²⁷⁷

A insistência de Schwarz em refutar ideias como as de Barthes, a que, no entanto, grande parte dos especialistas hoje adere, vai no sentido de alertar para reducionismos que não trazem ganho algum. Como afirma Maria Elisa Cevasco,

[...] os diferentes formalismos, em alguns casos deliberadamente, não nos deixam ver que a invenção formal é um instrumento de investigação do conteúdo sócio-histórico. Com isso, impedem que se façam as perguntas pertinentes, como, por exemplo, quais são as energias sociais que moldam as formas e que elas revelam? Uma das conseqüências dessa concepção para a prática crítica é que reduz a forma a mero ornamento. Essa redução barra pelo menos duas possibilidades relevantes: a da arte de cumprir seu papel de instrumento de descoberta e interpretação da realidade, e a da crítica, de produzir conhecimento e potencializar a sua relevância social.²⁷⁸

Para Schwarz, os formalismos não deixam ver que um dos fundamentos do realismo moderno²⁷⁹ é justamente “o tratamento sério da realidade quotidiana, a ascensão de camadas humanas mais largas e socialmente inferiores à posição de objetos de representação problemático-existencial”,²⁸⁰ como avalia Auerbach em *Mimesis*. A crítica materialista como exercida por Schwarz e Williams tem pretensões e ganhos cognitivos altos. Maria Elisa Cevasco, ao analisar a atualização que Schwarz faz do “Dialética da Malandragem”, de Candido, não exagera quando afirma que a crítica dialética possui “poder de adivinhação”:

[...] Schwarz mostra que mesmo na hora histórica do ensaio a nação, o espaço a que se refere a forma analisada por Candido, é um conceito recuado da experiência histórica, já marcada pela unificação inédita do mundo sob a égide do capital. Para ele: “O processo social a compreender não é nacional, ainda que as nações existam”.²⁸¹ Lida hoje, essa observação parece apenas confirmar a generalidade do processo que agora chamamos de globalização, mas vale lembrar que o ensaio foi escrito em 1979, muito antes então dos marcadores hoje tradicionais do limiar da nossa era de

²⁷⁷ Ibidem, p. 103.

²⁷⁸ Cevasco, M. E. “O Aveso do Atraso: Notas sobre Roberto Schwarz”, ed. cit., p. 12.

²⁷⁹ Schwarz, *Dois Meninas*, ed. cit., p. 130.

²⁸⁰ Auerbach, E. *Mimesis*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002 [1946], p. 440.

²⁸¹ Schwarz, “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da Malandragem’”, ed. cit., p. 153.

capitalismo universalizado. Por este prisma, tanto o ensaio de Candido como o de Roberto Schwarz, que lhe ajusta a perspectiva, se constituem em exemplos do poder de adivinhação da crítica dialética.²⁸²

Diante das contradições geradas pela aceleração capitalista, um romance realista dotado de poder de revelação das dinâmicas sociais não pode, portanto, tentar superar por via da imaginação e da fantasia conflitos que sabemos insuperáveis na realidade. Por isso, não se pode imaginar um final feliz para Capitu e Jude que não se constituísse em uma fuga para a ideologia, onde e quando todo esforço seria recompensado, talentos individuais seriam reconhecidos e encontrariam espaço no mundo, o indivíduo seria senhor do seu destino, num lugar em que “todos os homens nasceram iguais”.

Em *Minha Vida de Menina*, no entanto, Roberto Schwarz depara-se com um modo de vida diferente do hegemônico. O crítico se vê, portanto, diante de um impasse. Trata-se de um diário, não de um romance realista, mas mesmo assim a obra teria menos poder de revelação se mostrasse um mundo idílico e irreal, um conto de fadas visto por meio de um olhar deslumbrado. Aprendemos com Schwarz que acontece exatamente o oposto e que há “caução real”²⁸³ nos apontamentos da menina. A análise identifica “a energia histórica da naturalidade de Helena, que expressa um conjunto preciso de superações sociais, pessoais e de estilo, de evidente valor”.²⁸⁴ No entanto, o ensaio parece ser permeado pelo sentimento de que é preciso afirmar e reafirmar o valor literário da obra de Morley. Para ele, “o caráter retrógrado e desastrado da modernização brasileira” também repõe o atraso na “área da arte”:

[...] a qualidade dos escritos de Helena, que são fruto de um avanço conseqüente em raia própria, não serve para gabar a inconsciência intelectual, nem para sugerir um território de beleza indiferente às classes e acima da história. Mas de fato, o contraste com o bloco do verbalismo prestigioso, da pirotecnia bibliográfica e científico-filosófica deixa pensativo, colocando em evidência os descaminhos e as teratologias eventuais da atualização em nações de periferia, ou ainda, apontando o caráter retrógrado e desastrado da modernização brasileira, que volta e meia transforma no contrário as nossas

²⁸² Cevalco, M.E. “Momentos da Crítica Cultural Materialista”, ed. cit., p. 58.

²⁸³ Schwarz, *Duas Meninas*, ed. cit., p. 123.

²⁸⁴ *Ibidem*, p. 111.

necessárias e inevitáveis aspirações de progresso, também na área da arte.²⁸⁵

Aprendemos com Williams que por meio de obras de arte se reproduzem, mas também se *produzem*, valores. É do maior interesse, portanto, ver um exemplo em nossa literatura de uma obra que esboça relações sociais um pouco mais justas e democráticas, por meio de uma escrita que avança com despreensão. Ao elevar esta obra, Schwarz nos leva a refletir sobre a própria função da arte e do que é necessário para se fazer arte que vale a pena:

Minha Vida de Menina não paga tributo à missão patriótica das artes, ao liberalismo retórico, ao casticismo, à linguagem ornamental, à invenção de antigas grandezas, ao ranço católico e tampouco à meia-ciência triunfante – com a sua terminologia “difícil” e os chavões doutos sobre o trópico e a raça – que separadamente ou em conjunto investiam de autoridade os intelectuais e as letras do período. É claro por outro lado que para escrever com verdade não basta escapar aos defeitos correntes, e que estes últimos, desde que integrados em veia crítica, podem também dar força a uma literatura de primeira, como no caso de Machado de Assis. Mas é fato que à luz da simplicidade complexa de Helena muito da obra erudita e do esforço cultural dos contemporâneos parece oco e lamentavelmente ideológico.²⁸⁶

Em *Minha Vida de Menina* Schwarz encontra uma pequena “brecha” que apontava para a possibilidade de uma organização social mais justa. Para chegar a esta conclusão, analisa a topografia social da obra e o modo como Helena se insere em seu meio. A conclusão a que chega é a de que ela não é um indivíduo excepcional: “Helena está longe de ser uma heroína romântica, em oposição radical a seu mundo, e ninguém mais família, impregnada de religião, entendida em diferenças sociais ou consciente das vantagens da casa disciplinada do que ela”.²⁸⁷ Mesmo assim, traz, de maneira natural e democrática, uma multiplicidade de pontos de vista nas entradas do diário. É fator fundamental verificar como Helena atinge essa multiplicidade de pontos de vista tão naturalmente. A resposta para esta questão passa pela noção do que seja a forma literária. Para Schwarz, ela independe da intenção do autor. As relações sociais reais no ambiente de Helena Morley haviam se democratizado e permitiam que os pontos de vista dos mais

²⁸⁵ Ibidem.

²⁸⁶ Ibidem, p. 105.

²⁸⁷ Ibidem, p. 87.

pobres e desvalidos viessem à tona naquele momento. Esta concepção do que seja a forma literária também justifica a escolha que Schwarz fez de comparar duas obras com ordens de prosa distintas:

Como explicar a semelhança entre um livro sem propósito literário e outro de composição elaborada ao máximo? A resposta passa pela noção de “forma objetiva”, segundo a qual a forma existe, sendo ou não sendo fruto de intenção autoral. É uma noção corrente na tradição hegeliano-marxista, em especial a alemã, mas passavelmente indigesta para o *mainstream* da crítica atual.²⁸⁸

Outro movimento da análise de Roberto Schwarz é observar, sempre por meio de uma leitura cerrada, que lembra o *close reading* de Leavis, se há unidade na obra de Helena Morley, ou seja, se ela resistiria a ser lida como se fosse um bom romance realista. Sua conclusão é afirmativa e para ele a obra autobiográfica não apenas revela dados sobre a organização social do Brasil, mas também é dotada de grande valor estético. No entanto, é preciso um leitor ativo para reconhecer isto:

No romance, em geral, a uma certa altura, o narrador glosa as formas, comenta o que aconteceu, sublinha as linhas principais. Não há isso no livro de Helena Morley, que não é um romance. Então, aqui, você depende totalmente da atividade do leitor, que busca ou não busca essas relações. Se buscar, eventualmente dirá que o livro é capaz de dar grandes emoções estéticas. Se não buscar, vai incorporá-lo de outra forma, interessando-se apenas pelo material. Seja dito de passagem que a exigência de uma leitura ativa, que não se limite ao padrão passivo da leitura corrente, é um aspecto decisivo da literatura moderna, em sentido próprio, aquela que busca o inconformismo.²⁸⁹

Roberto Schwarz encontra na obra de Helena Morley “uma arquitetura esplêndida, dentro de uma absoluta modéstia”.²⁹⁰ Sobre o funcionamento do país, depreende que o livro aponta para uma “brecha” paradoxalmente causada pela “involução econômica”²⁹¹ da Diamantina da época, logo esgotada pela hegemonia acachapante.

Raymond Williams, em suas observações sobre os romances de Thomas Hardy, demonstra como o discurso hegemônico da segunda metade do século XIX

²⁸⁸ Schwarz, “Conversa sobre *Duas Meninas*”, ed. cit., p. 236.

²⁸⁹ *Ibidem*, p. 237.

²⁹⁰ *Ibidem*.

²⁹¹ *Ibidem*, p. 236.

que apregoava que os pobres poderiam, finalmente, galgar qualquer degrau da civilização, discurso que a História provou falso, já havia sido posto à prova pelo escritor. Em sua obra, Hardy mostrava-se cético quanto à possibilidade de se ter atingido ou de se atingir uma melhor qualidade de vida seja na cidade ou no campo por questões ligadas à lógica interna do sistema capitalista, excludente por natureza. No entanto, o fato de o ponto de vista do narrador em *Jude, the Obscure* estar alinhado com os interesses democráticos das classes mais baixas não deixava de apontar para um certo progresso, literário e social. Roberto Schwarz também pensa nesta questão quando analisa *Dom Casmurro* e lê o romance em uma chave que leva mais longe do que apenas à falência da democracia social brasileira, dando conta ainda de captar dinâmicas do movimento mais global do capitalismo.

Ao analisar o processo de inclusão e exclusão sociais das personagens, Raymond Williams e Roberto Schwarz observam como este processo interfere na forma literária e no modo como um escritor lida com a linguagem. Para Roberto Schwarz, “a linguagem – e em especial a linguagem artística – é ela mesma uma relação social, que precisa ser vista no seu corpo a corpo com as outras, a que trata de dar figura”.²⁹² Tratar da inclusão dos pobres significa fazer frente à ideologia capitalista e criticar a ideologia do progresso; mas não com o sentimento nostálgico e melancólico de críticos como Leavis, sentimento que acaba levando à paralisia e tira do foco o verdadeiro do problema, que não está no avanço da tecnologia, mas sim nas dinâmicas políticas e sociais. O ponto de vista dos desvalidos, que Helena Morley traz à tona, não costuma ser considerado porque nega as bases ideológicas do sistema capitalista: a ideia de que o indivíduo, o sujeito do capitalismo, é capaz, por mérito e talento próprios, de galgar todos os níveis da pirâmide social e dissolver injustiças sociais históricas em sua trajetória pessoal.

O ponto de vista da obra literária é uma escolha do escritor. Esta escolha, no entanto, está imbuída de razões e significados que podem estar ocultos, e cabe ao bom crítico materialista aferi-la. Do ponto de vista da crítica exercida por Schwarz e Williams, questões de âmbito estético nunca são apenas estéticas e questões aparentemente individuais, e por desdobramento universais e humanas, também são sempre sociais e políticas ao mesmo tempo. Tanto Roberto Schwarz quanto Raymond Williams analisam o ponto de vista da obra tendo em vista não apenas a

²⁹² Schwarz, “Conversa sobre *Duas Meninas*”, ed. cit., p. 232.

posição do narrador de acordo com as categorias específicas da análise literária (intruso, observador etc); o movimento é amplo e busca desvendar como um determinado ponto de vista estrutura ou fratura o romance. Não se trata apenas de entender se o narrador está em primeira pessoa ou se é onisciente; se tem uma visão parcial ou ampla da constelação social representada na obra. Trata-se de perceber as intenções por trás da perspectiva adotada.

Para pensar assim, é preciso partir do pressuposto de que aquilo que as pessoas sentem e pensam, o modo como veem o mundo, é ele próprio determinado pela base econômica. E é preciso lembrar que o ponto de vista hegemônico em uma sociedade é mantido também por meio do modo como vivemos, como diz Williams:

[...] the essential dominance of a particular class in society is maintained not only, although if necessary, by power, and not only, though always, by property. It is maintained also and inevitably by a lived culture: that saturation of habit, of experience, of outlook, from a very early age and continually renewed at so many stages of life, under definite pressures and within definite limits, so that what people come to think and feel is in a large measure a reproduction of the deeply based social order which they may even in some respects think they oppose and indeed actually oppose.²⁹³

Tanto Williams quanto Schwarz apontam as contradições geradas por um discurso ideológico que não encontra respaldo na realidade, na periferia ou no centro, e desmontam várias das ideologias do mundo moderno usando a literatura como ferramenta de aferição social.

Procurando mapear de forma global os rumos que estavam sendo tomados pela modernidade, na década de 1970, em *The Country and the City*, Williams observa que a divisão entre as chamadas nações centrais e periféricas, primeiro e terceiro mundo, constitui-se como uma dicotomia similar àquela entre campo e cidade que povoou o imaginário inglês no século XIX.²⁹⁴ De modo análogo, esta dicotomia manifesta-se na sociedade moderna, segundo Williams, na medida em que a organização social das chamadas nações desenvolvidas é contraposta ao modo de vida de países tidos como exóticos e pitorescos. Nesse sentido, novamente a obra de Hardy configura-se como ponto central da crítica de Williams, já que ilumina este processo. Se no século XIX, a ideologia apregoava a ideia de que os

²⁹³ Williams, R. "You're a Marxist, Aren't You?". In: *Resources of Hope*. London: Verso, 1989 [1975], p. 74.

²⁹⁴ Cf. idem, *The Country and the City*, ed. cit., p. 284.

trabalhadores braçais iriam ser alçados a patamares jamais alcançados na história, no século XX prevaleceu a ideologia de que as chamadas nações periféricas poderiam se desenvolver e atingir o almejado modelo de organização socioeconômica do Primeiro Mundo.

Na década de 1970, porém, a realidade do processo, como observa Williams, indicava que os países pobres estavam tão perto de alcançarem os países ricos quanto um homem pobre, no século XIX, de tornar-se rico, “given the right ideas and effort”.²⁹⁵ A realidade é que, já em 1970, a distância entre os Mundos estava “[...] widening, and [...] its consequences are so extensive that they are deciding the history of the world”.²⁹⁶ Duas décadas após a publicação de *The Country and the City*, o sociólogo Robert Kurz tece um panorama realista e preciso da situação real da divisão entre os Mundos:

Existe ainda uma espécie de silhueta do Primeiro, Segundo e Terceiro Mundos, mas em grandes traços essa divisão está aos poucos nivelando-se; o Primeiro e o Terceiro Mundo estão em todos os lugares. [...] As microestruturas correspondem à macroestrutura, existindo as assim chamadas ilhas de produtividade em cada cidade, cada bairro, cada país, em breve, em cada região do mundo, que sempre ainda podem produzir para o mercado mundial – e ao lado a favelização. Isto é obviamente o retrato de um só momento, o processo da crise ainda continuará.²⁹⁷

Ao mesmo tempo, ainda na década de 1970, Williams detecta uma estrutura de sentimento em moldes globais que em muito se assemelhava àquela expressa pelo imaginário inglês e captada por Hardy: a ideia conservadora de que haveria um modo de vida “arcaico” nas sociedades mais pobres que deveria ser preservado para, como coloca Williams com sua peculiar ironia, “the benefit of observers”.²⁹⁸

The last image of the city, in the ex-colonial and neo-colonial world, is the political capital or the trading port surrounded by the shanty-towns, the *barriadas*, which often grow at incredible speed. [...] It is then too late for the rich industrial societies to give warnings about the consequences of this dramatic process. There is a false conservationist and reactionary emphasis which would in effect, as

²⁹⁵ Ibidem.

²⁹⁶ Ibidem.

²⁹⁷ Kurz, R. “Com Todo Vapor ao Colapso”. In: *Com Todo Vapor ao Colapso*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2004, pp. 29-30.

²⁹⁸ Williams, *The Country and the City*, ed. cit., p. 287.

Hardy observed of rural England, have the developing societies stay as they are, picturesque and poor [...].²⁹⁹

Posicionar-se criticamente contra o pensamento hegemônico é tarefa que demanda reflexão constante. Para entender o presente e talvez visualizar novas possibilidades para o futuro é preciso fazer, como ensinam Williams e Schwarz, um constante exercício de depuração da ideologia, de uma perspectiva dialética. O trabalho desses dois críticos é em larga medida resultado do esforço incessante de não se deixar levar por ideias preconcebidas, sejam da esquerda ou da direita. As análises dos romances realistas nas obras de Williams e Schwarz resultam em achados teóricos do maior interesse para entendermos algumas das dinâmicas geradas pelo processo de modernização da sociedade ocidental, no centro e na periferia do capitalismo.

²⁹⁹ Ibidem.

Conclusão

Em sua obra, Raymond Williams desfez, como fica evidenciado nas suas análises sobre os romances de Thomas Hardy, como *Jude, the Obscure*, a visão de que a Inglaterra havia consolidado a democracia social e o sistema meritocrático. Fez isso, primeiro, desmontando a recepção da obra de Hardy e demonstrando que, mais do que uma questão literária, os romances do autor propõem avaliações e reavaliações de um modo de vida. Processo muito parecido ocorre na obra de Roberto Schwarz. Ou seja, os dois críticos desmentem os discursos hegemônicos por meio dos quais os países justificam seus modos de vida.

Roberto Schwarz, por sua vez, desmente o discurso de que, com o fim da escravidão, a democracia social finalmente chegava ao Brasil, e comprova que por meio de complexos mecanismos, a sociedade brasileira está sempre repondo o atraso que, em momentos mais otimistas, supõe-se estar em vias de ser superado.

Na Inglaterra, Williams desfaz o mito do “*self-made man*”, que está na base da ideologia do sistema capitalista. Em sua análise de Hardy, ficam explicitados os pontos fundamentais de seu projeto intelectual, daí a escolha de fazer esse recorte em meu trabalho. Não se trata apenas de mostrar, por meio da análise literária, como Hardy supera seus antecessores e coloca o romance inglês em outro patamar, mas de demonstrar, com a trajetória de *Jude*, a insatisfação a respeito da nova organização social, e expor uma nova visão de mundo em descompasso com aquela fomentada pelas instituições formais.

O sonho de Williams segue na direção de um verdadeiro socialismo. No entanto, o crítico estava bastante pessimista, ainda em 1973, ao observar que processo semelhante ao que separava pobres e ricos, campo e cidade, na Inglaterra, poderia ser comparado aos rumos tomados pelos então chamados países em desenvolvimento.

A respeito da atividade de refletir sobre o modo de organização da sociedade, Robert Kurz faz o seguinte comentário:

Não é de modo algum evidente que uma sociedade reflita *sobre si* própria. Isso só é possível quando uma sociedade pode comparar-se

criticamente com outras sociedades na história e no presente, mas sobretudo em situações nas quais uma sociedade torna-se questionável como que de dentro para fora, carregando consigo um antagonismo que, em sua estrutura e evolução, aponta para além de si mesma.³⁰⁰

Ainda segundo Kurz, com medo das “grandes teorias”, que poderiam encobrir “propósitos totalitários”, a “pós-modernidade” substituiu a teoria crítica “pelo jogo intelectual descompromissado”:

Bem no momento em que o totalitarismo do dinheiro domina como nunca a realidade, a própria teoria social é denunciada como totalitária em seus propósitos. [...] A real contradição social, que no atual estágio não é mais contornável, deve simplesmente ser banida do pensamento. O sombrio desfecho do desenvolvimento moderno é absurdamente festejado como transição para um *pragmatismo livre de ilusões*. Junto com a crítica social, é o pensamento reflexivo que chega ao fim.³⁰¹

Roberto Schwarz, até onde me é possível observar, continua firme no propósito de não deixar a reflexão social chegar ao fim, e é por isso que acredito ser fundamental ouvir o que ele tem a dizer. Hoje, em mais um desses momentos de otimismo, em que se apregoa que o Brasil está em vias de superar suas contradições em vários níveis, é preciso escutar com atenção as palavras de Schwarz quando diz que

[...] não há uma estrada conhecida, e muito menos pavimentada, que leve da posição atrasada à adiantada, ou melhor, da perdedora à vencedora. Se é que o caminho existe, ele não obedece às generalidades ligadas a uma noção universalista do progresso, à qual bastasse obedecer. Pelo contrário, é no curso normal deste, em sua figura presente, reduzida à precedência dos preceitos do mercado, que se encontra o motor do desequilíbrio.³⁰²

Junto com alguns poucos pensadores atentos para os movimentos sociais nos dias de hoje, como Francisco de Oliveira e Paulo Arantes, por exemplo, a obra de Schwarz insiste na reflexão, embora provavelmente o crítico fosse concordar com Kurz quando este diz que

³⁰⁰ Kurz, “Com Todo Vapor ao Colapso”, ed. cit., p. 155.

³⁰¹ Ibidem, pp. 160-161.

³⁰² Schwarz, R. “Prefácio”. In: Oliveira, Francisco de. *Crítica à Razão Dualista: Ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003, pp. 15-16.

[...] parece que não há mais *lugar* para um novo estágio de desenvolvimento social no interior da modernidade, porque o processo de valorização econômica começa a esgotar-se. O processo segue adiante, mas somente como processo negativo, como processo de crise que não pode mais ser preenchido por esperanças positivas.³⁰³

Raymond Williams morreu em um momento ainda de esperanças, um ano antes da queda do Muro de Berlim. Seu projeto intelectual buscava, nas palavras de Maria Elisa Cevasco

[...] reagir a novas formas de organização social em uma hora histórica em que a revolução parece possível. A estratégia é expropriar o conceito de cultura das mãos conservadoras que o alimentam a serviço da ordem vigente e tentar transformar um exercício acadêmico de celebração de noções abstratas em um instrumento de luta por transformação social.³⁰⁴

Sempre consciente das dificuldades do caminho a ser percorrido, o pensamento de Williams ensina que a reflexão deve ser constante e não dar fôlego à hegemonia. É difícil discordar do crítico quando ele afirma que “the human crisis is always a crisis of understanding: what we genuinely understand we can do”.³⁰⁵

Ler a obra de Raymond Williams à luz da de Roberto Schwarz e vice-versa é um movimento esclarecedor. A convergência entre os pressupostos dos dois críticos, e, naturalmente, destes pressupostos com o método crítico inaugurado no Brasil por Antonio Candido, é muito grande e vale a pena ser examinada. Seria difícil definir os pressupostos básicos desse método de modo mais coerente e poético do que Antonio Candido nos ofereceu. Trata-se, em suas palavras, de entender a literatura como “um instrumento de descoberta e interpretação”, capaz de elaborar a realidade “por um processo mental que guarda intacta a sua verossimilhança externa, fecundando-a interiormente por um fermento de fantasia, que a situa além do cotidiano – em concorrência com a vida”.³⁰⁶ Diz Candido também que “[...] na

³⁰³ Kurz, “Com Todo Vapor ao Colapso”, ed. cit., p. 160.

³⁰⁴ Cevasco, M. E. “Tradições Críticas”. In: Soares, M. e Cevasco, M.E. (orgs.). *Crítica Cultural Materialista*. São Paulo: Humanitas, 2008, p. 157.

³⁰⁵ Williams, *Culture and Society*, ed. cit., p. 338.

³⁰⁶ Candido, *Formação da Literatura Brasileira*, ed. cit., p. 97.

literatura, a fantasia nos devolve sempre enriquecidos à realidade do cotidiano, onde se tecem os fios da nossa treva e da nossa luz, no destino que nos cabe”.³⁰⁷

Nesse sentido, tanto *The Country and the City* quanto *Duas Meninas* transformam obras da literatura do século XIX, esse momento fundamental de consolidação do modo de vida moderno, em ferramentas profícuas para analisar, de modo dialético, literatura e sociedade. Isto porque Williams e Schwarz procuram apreender contradições sociais obnubiladas pelo discurso hegemônico em voga na época. Assim, o principal objetivo do Capítulo I foi mostrar como a obra de Thomas Hardy se ilumina aos olhos de Williams por sua capacidade de condensar estas contradições, tornando-se, ao mesmo tempo, um instrumento de análise e subversão do modo de produção capitalista. E, de forma análoga, no Capítulo II procurei demonstrar como Schwarz, em *Duas Meninas*, comprova que as contradições do Brasil podem ser apreendidas tanto com a maestria de Machado de Assis, em *Dom Casmurro*, quanto com a simplicidade de Helena Morley, em *Minha Vida de Menina*.

Finalmente, até onde posso perceber, Raymond Williams e Roberto Schwarz avaliam, por meio de suas análises, o modo de vida sob o regime capitalista. E ao demonstrarem como o seu custo humano é alto, seja para Capitu ou para Jude, por exemplo, deixam certas questões mais palpáveis, mais concretas, mais fáceis de serem vistas. Custo que, em nosso século, parece aumentar à medida que as diferenças entre os mundos persistem e se acirram.

³⁰⁷ Candido, A. “O Homem dos Avessos”. In: *Tese e Antítese*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1978, p. 139.

Referências Bibliográficas

Bibliografia de Raymond Williams:

WILLIAMS, Raymond. *The Country and the City*. New York: Oxford University Press, 1973.

———. *O Campo e a Cidade*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

———. *Communications*. Harmondsworth: Penguin Books, 1976 [1962].

———. *Culture*. London: Fontana, 1981. [Republicado nos Estados Unidos como *The Sociology of Culture*.] Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

———. *Culture and Society*. London: The Hogarth Press, 1993 [1958].

———. *Drama from Ibsen to Brecht*. London: The Hogarth Press, 1987 [1968].

———. *Drama from Ibsen to Eliot*. London: Chatto and Windus, 1954.

———. *Drama in Performance*. London: Frederick Miller, 1954.

———. *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society* (Revised Edition). New York: Oxford University Press, 1983 [1976].

———. *Marxism and Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1977.

———. *Modern Tragedy*. London: The Hogarth Press, 1992 [1964].

———. *Orwell*. Glasgow: Fontana, 1971.

———. *Politics and Letters: Interviews with the New Left Review*. London: New Left Books, 1979.

- . *Problems in Materialism and Culture: Selected Essays*. London: Verso, 1997 [1980].
- . *Raymond Williams on Television*. Org. Alan O'Connor. London: Routledge, 1989.
- . *Reading and Criticism*. London: Frederick Muller, 1950.
- . *Resources of Hope*. Org. Robon Gable. London: Verso, 1989.
- . *Television, Technology and Cultural Form*. London: Routledge, 1997 [1975].
- . *The English Novel from Dickens to Lawrence*. London: The Hogarth Press, 1987 [1970].
- . *The Long Revolution*. London: Chatto and Windus, 1961.
- . *The Politics of Modernism: Against the New Conformists*. Tony Pinkey (org). London: Verso, 1996 [1989].
- . *Towards 2000*. London: Penguin Books, 1985 [1983].
- . *What I came to Say*. Francis Mulhern (org). London: Hutchinson Radius, 1989.

Bibliografia sobre Raymond Williams:

- BARNETT, Anthony. "Raymond Williams and Marxism: A Rejoinder to Terry Eagleton". *New Left Review*, nº 99, 1976, Pp. 47-64.
- BERMAN, Marshall. "The Country and the City". *The New York Times Book Review*, 15/07/1973.
- BOLLA, Peter de. "Anti-Pictorialism in English Landscape: A Second Look at *The Country and the City*". In: PRENDERGAST, Cristopher (org.). *Cultural Materialism: On Raymond Williams*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1995, pp. 173-187.
- CEVASCO, Maria Elisa. "História e Crítica". *O Estado de S. Paulo*, 09/09/1989.
- _____. *Para Ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- EAGLETON, Terry. "Introduction". In: EAGLETON, Terry (org.). *Raymond Williams: Critical Perspectives*. London: Polity Press, 1989, pp. 1-11.
- HALL, Stuart. "Politics and Letters". In: EAGLETON, Terry (org.). *Raymond Williams: Critical Perspectives*. London: Polity Press, 1989, pp. 54-66.
- HIGGINS, John. *Raymond Williams: Literature, Marxism and Cultural Materialism*. London: Routledge, 1999.
- INGLIS, Fred. *Raymond Williams: A Biography*. London: Routledge, 1995.
- O'CONNOR, Alan. *Raymond Williams: Writing, Culture, Politics*. Oxford/New York: Oxford University Press, 1989.

PRENDERGAST, Cristopher. "Groundings and Emergings". In: PRENDERGAST, Cristopher (org.). *Cultural Materialism: On Raymond Williams*.

Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1995, pp. 1-26.

THOMPSON, Edward P. "The Long Revolution". *New Left Review*, nº 9, pp. 24-33, 1961; e nº 10, pp. 34-39, 1961.

WEST, Cornel. "The Legacy of Raymond Williams". In: Prendergast, Cristopher (Org.). *Cultural Materialism: On Raymond Williams*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1995, p. IX-XII.

Bibliografia de Roberto Schwarz:

- SCHWARZ, Roberto. *A Sereia e o Desconfiado*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- _____. “Do Lado da Viravolta”. In: HADDAD, Fernando (org.). *Desorganizando o Consenso*. Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 15-26.
- _____. *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *O Pai de Família e Outros Estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. *Que Horas São?*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Sequências Brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.
- _____. *Cultura e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2001 (Coleção Leitura).
- _____. *Os Pobres na Literatura Brasileira* (org.). São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. “Prefácio”. In: Oliveira, Francisco de. *Crítica à Razão Dualista: Ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

Bibliografia Sobre Roberto Schwarz:

- CEVASCO, M. E. e OHATA, M. (Orgs.). *Um Crítico na Periferia do Capitalismo: Reflexões sobre a Obra de Roberto Schwarz*. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.
- CEVASCO, M. E. “O Averso do Atraso: Notas sobre Roberto Schwarz”. *Terceira Margem*. Ano XI, N. 16 Jan-Jun 2007, pp. 9-26.

Bibliografia de Apoio:

ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Ed 34/Duas Cidades, 2003 [1974].

ALVIM, Franciso. *Poemas [1968-2000]*. São Paulo: Cosac & Naify, Petrópolis: 7 Letras, 2004

ANDERSON, Perry. *English Questions*. London: Verso, 1992.

ARANTES, Paulo Eduardo. *O Sentimento da Dialética na Experiência Intelectual Brasileira*. São Paulo, Paz e Terra, 1992.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Porto Alegre: L&PM, 1997 [1899].

_____. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. 4^a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002 [1946].

CANDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo, Ática, 1987.

_____. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1975.

_____. *Literatura e Sociedade*. Companhia Editora Nacional. São Paulo. 1976.

_____. *O Discurso e a Cidade*. 3^a. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

_____. *Tese e Antítese*. Companhia Editora Nacional. 1978.

_____. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades. 1995.

CARONE, Edgard. *Revoluções do Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Buriti, 1965.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez Lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. "Momentos da Crítica Cultural Materialista". *Terceira Margem*, ano IX, n. 12, jan-jun 2005.

- EAGLETON, Terry. *Criticism and Ideology*. London: New Left Books, 1976.
- . *Literary Theory*. Oxford/Cambridge: Massachusetts, Blackwell, 1983.
- . *Marxism and Literary Criticism*. Berkeley: University of California Press, 1976.
- ELIOT, George. *Felix Holt, the Radical*. Hertfordshire: Wordsworth, 1997 [1866].
- . *Middlemarch*. London: Penguin Books, 1997 [1872].
- FERNANDES, Florestan. *Comunidade e Sociedade no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo, UNESP, 4° ed., 1997.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: Impostura e Realismo*. Trad. Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras, 2005 [1984].
- GRUPPI, Luciano. *O Conceito de Hegemonia em Gramsci*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- HARDY, Thomas. *Jude, the Obscure*. London: Penguin Books, 1994 [1896].
- . *Tess of the D'Urbervilles*. London: CRW Publishing, 2003 [1891].
- HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções*. 10ª ed. Trad. Maria T. Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 [1977].
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia da Letras, 26ª ed., 1995.
- JACKSON, Luiz Carlos. *A Tradição Esquecida. Os Parceiros do Rio Bonito e a Sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- JAMESON, Fredric. *A Singular Modernity*. Londres: Verso, 2002

- KURZ, Robert. *Com Todo Vapor ao Colapso*. Trad. Heinz Dieter Heidemann. Juiz de Fora: UFJF/Pazulin, 2004.
- . *O Colapso da Modernização*. Trad. Karen Elsabe Barbosa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- LEAVIS, Frank Raymond. *New Bearings in English Poetry*. London: Chatto and Windus, 1942.
- . *The Common Pursuit*. London: Chatto and Windus, 1952.
- . *The Great Tradition*. London: Chatto and Windus, 1948.
- LEPENIES, Wolf. *As Três Culturas*. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Edusp, 1996.
- LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance: Um Ensaio Histórico-filosófico sobre as Formas da Grande Épica*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. 3° ed. São Paulo: Ática, 1977.
- MORLEY, Helena. *Minha Vida de Menina*. 12^a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973 [1942].
- PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia)*. 6°ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- PRADO, Paulo. *Província & Nação Paulística – Retrato do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- SOARES, Marcos. e CEVASCO, Maria. Elisa. (orgs.). *Crítica Cultural Materialista*. São Paulo: Humanitas, 2008.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)